

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Renan Nobre Floriano

O ESTUDO DO OUVINTE E DA AUDIÊNCIA EM PESQUISAS SOBRE
COMPORTAMENTO VERBAL: UMA ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES A PARTIR
DA PERSPECTIVA SKINNERIANA

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

São Paulo

2015

Renan Nobre Floriano

O ESTUDO DO OUVINTE E DA AUDIÊNCIA EM PESQUISAS SOBRE
COMPORTAMENTO VERBAL: UMA ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES A PARTIR
DA PERSPECTIVA SKINNERIANA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni.

Trabalho parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES)

São Paulo

2015

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processo de fotocópia ou eletrônico.

São Paulo, _____ de Julho de 2015.

Assinatura: _____

"Temos sido considerados uma espécie de super-organismos do qual a primeira metade lucra quando a segunda atua sobre o mundo e a segunda metade lucra quando a primeira estabelece contato com o mundo."

Skinner

Agradecimentos

As circunstâncias de realização desse trabalho foram duras, desafiadoras e por alguns momentos temerosas, não só pela responsabilidade inerente ao elevado grau de importância e o alto grau de dedicação que são exigidos em trabalhos como este, mas também pelo compromisso e comprometimento constantes à qualidade da produção do conhecimento.

A questão principal não foi o tamanho do desafio ou a intensidade das adversidades encontradas ao longo desta jornada, mas sim a tranquilidade de saber que ao longo desta caminhada pessoas de suma importância se fizeram ainda mais presentes principalmente nos momentos mais turbulentos em que as forças pareciam se exaurir e é exatamente nesses momentos que essas pessoas não se ausentaram e é para elas que realizo meus mais sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar agradeço ao meu pai que em todos os momentos me ofereceu todas as condições necessárias para seguir adiante inculcando em mim a certeza de que as dificuldades são passageiras e as realizações são eternas, estando ao meu lado sempre e inclusive nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao meu irmão que, assim como meu pai, foi determinante para a concretização desse trabalho me motivando nos momentos que mais foi preciso e também por ser meu modelo de dedicação, luta e esforço para tudo. Agradeço-o também pelas conversas instigantes que sempre tivemos e que me acrescentam muito conhecimento.

À minha mãe por servir como modelo de que a busca por um objetivo não se perde com o passar do tempo e que para sua realização é necessário muito esforço.

Agradeço muito aos professores do Programa de Psicologia Experimental que com o convívio constante e intenso transpassam o brilhante papel de excelentes professores disseminadores de informações se tornando amigos, companheiros e cúmplices nessa jornada pela produção e construção de conhecimentos. Meu muito obrigado à professora Mare e à professora Verônica Haydu pela disponibilidade em participar das bancas e pelas orientações ricas e pelo cuidado e sutilezas em indicar aspectos cruciais para o aprimoramento deste trabalho.

Meu agradecimento especial à professora Mônica que certamente transpassou o seu papel de orientadora e foi muito mais além. Carinho e admiração foram sementes que a floraram nesta relação e que serviram como pano de fundo em todos os momentos de troca, incentivo, apoio e, porque não, acolhimento, compreendendo por vezes que meu

ritmo estava aquém das exigências momentâneas, mas que no momento certo, a dedicação e o esforço estariam presentes e que compensariam esses momentos de bloqueio.

Agradeço demais aos professores e amigos Bruno, Jazz, Paola, Paula, Ziza e Dinha pelas discussões e compartilhamento de informações extremamente importantes para a fomentação de um conhecimento mais límpido e sólido.

E, por fim, agradeço aos meus amigos analistas do comportamento por estarem presentes nessa jornada compartilhando o saber e o conhecimento com posições críticas, comentários, afirmações, questionamentos que certamente contribuíram amplamente para minha formação. Lilian, Paulo, Giovanne, Marcos, Lu, Artur e Luciana. Agradeço, em especial, ao Rafael pela dedicação, seriedade e responsabilidade ímpar que foram fundamentais para a finalização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVO	22
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	23
MÉTODO	25
Documentos.....	25
Seleção de documentos.....	25
Procedimento de coleta.....	27
Categorias de classificação dos artigos e indicação da análise realizada.....	33
Concordância entre juízes.....	37
RESULTADOS	38
Análise a partir dos anos das publicações.....	38
Análise a partir das revistas	43
Análise a partir dos autores.....	50
Análise a partir da filiação.....	58
Análise a partir do comportamento do ouvinte como objeto central ou como objeto secundário	61
Análise a partir do tipo de pesquisa.....	63
Análise a partir do comportamento do ouvinte como VI, VD ou VI/VD.....	65
Análise a partir dos delineamentos e <i>settings</i> das pesquisas experimentais.....	70
Análise a partir dos participantes das pesquisas experimentais.....	72
Análise a partir dos temas.....	75
Análise a partir das palavras-chave.....	81
DISCUSSÃO	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICES	97
APÊNDICE A - Referências dos artigos analisados organizados pelo tipo de pesquisa e pelo tratamento do comportamento do ouvinte como objeto central e objeto secundário.....	98
APÊNDICE B – Análise tipológica dos artigos selecionados.....	106
APÊNDICE C – Análise qualitativa dos artigos selecionados.....	107
APÊNDICE D – Lista de sugestões de área de pesquisa e temas sobre o comportamento do ouvinte, segundo Sundberg (1991).....	108

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> O comportamento do ouvinte diagramado na tríplice contingência. Reproduzido de Skinner (1957/1992) <i>Verbal Behavior</i> , p. 39.....	21
<i>Figura 2.</i> Fluxograma do processo de seleção, inclusão e exclusão e categorização dos artigos como objeto central e objeto secundário.....	27
<i>Figura 3.</i> Procedimento de busca realizado no Portal CAPES: filtro de seleção de periódicos (inclusão e exclusão).....	29
<i>Figura 4. Figura 4.</i> Fluxograma da coleta e da inclusão dos artigos a partir das palavras de busca <i>listener/ouvinte</i> e <i>listener verbal behavior</i>	32
<i>Figura 5.</i> Fluxograma da coleta e da inclusão dos artigos a partir das palavras de busca <i>audiencia/audiência</i> e <i>audiencia verbal behavior</i>	32
<i>Figura 6.</i> Frequência acumulada de artigos sobre o comportamento do ouvinte por ano.....	39
<i>Figura 7.</i> Frequência acumulada de artigos sobre o ouvinte e a audiência por ano.....	40
<i>Figura 8.</i> Frequência acumulada de artigos publicados nas revistas por ano.....	41
<i>Figura 9.</i> Frequência acumulada de artigos publicados por ano, segundo o tipo de pesquisa.....	41
<i>Figura 10.</i> Número de temas abordados nos artigos que estudaram o comportamento do ouvinte.....	42
<i>Figura 11.</i> Número de artigos publicados por revista.....	43
<i>Figura 12.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no TAVB.....	44
<i>Figura 13.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no JABA.....	45
<i>Figura 14.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no JEAB.....	46
<i>Figura 15.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no <i>The Behavior Analyst</i>	47
<i>Figura 16.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados na RBTCC.....	47
<i>Figura 17.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados na REBAC.....	48

<i>Figura 18.</i> Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados nas revistas: TAVB, JABA, JEAB, <i>The Behavior Analyst</i> , REBAC e RBTCC.....	48
<i>Figura 19.</i> Tratamento dado à audiência em artigos publicados nas revistas: TAVB, <i>The Behavior Analyst</i> , REBAC e RBTCC.....	49
<i>Figura 20.</i> Tratamento dado ao comportamento do ouvinte, segundo Caio Flávio Miguel.....	53
<i>Figura 21.</i> Tratamento dado ao ouvinte, segundo R. Douglas Greer.....	54
<i>Figura 22.</i> Tratamento dado ao ouvinte, segundo Anna Ingeborg Petursdottir.....	56
<i>Figura 23.</i> Tratamento dado ao ouvinte, segundo Pauline J. Horne.....	57
<i>Figura 24.</i> Tratamento dado ao ouvinte, segundo C. Fergus Lowe.....	58
<i>Figura 25.</i> Comportamento do ouvinte como objeto central e objeto secundário, segundo o tipo de pesquisa.....	62
<i>Figura 26.</i> Número de artigos sobre o tratamento dado ao ouvinte como objeto central ou como objeto secundário, por revista.....	63
<i>Figura 27.</i> Tipos de pesquisas sobre comportamento do ouvinte por revista e por categorização de OC ou OS.....	65
<i>Figura 28.</i> Tipos de delineamentos experimentais por <i>settings</i>	72
<i>Figura 29.</i> Categorias de participantes por revista e por categorização de OC e OS.....	74
<i>Figura 30.</i> Categorias de participantes por temas identificados nas pesquisas experimentais.....	75
<i>Figura 31.</i> Principais temas abordados nas pesquisas experimentais.....	78
<i>Figura 32.</i> Principais temas abordados nas pesquisas teórico-conceituais.....	78
<i>Figura 33.</i> Relação geral de todos os temas por revista.....	80
<i>Figura 34.</i> Palavras-chave em relação ao estudo do ouvinte e da audiência	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Autores que realizaram estudos sobre o ouvinte e sobre a audiência de forma individual</i>	50
Tabela 2. <i>Porcentagem de autores segundo o tratamento dado ao ouvinte com relação ao tipo de pesquisa e ao objeto de estudo</i>	51
Tabela 3. <i>Principais autores engajados no estudo do comportamento do ouvinte</i>	52
Tabela 4. <i>Número de artigos sobre o ouvinte e a audiência por instituições não acadêmicas</i>	59
Tabela 5. <i>Número de artigos sobre o ouvinte e a audiência por instituições acadêmicas</i>	60
Tabela 6. <i>Principais temas e o tratamento do comportamento do ouvinte, segundo o tipo de pesquisa: experimental e teórico-conceitual</i>	64
Tabela 7. <i>Tipos de manipulação do comportamento do ouvinte enquanto VI</i>	66
Tabela 8. <i>Tipos de manipulação do comportamento do ouvinte enquanto VD</i>	66
Tabela 9. <i>Tipos de manipulação do comportamento do ouvinte enquanto VI/VD</i>	67
Tabela 10. <i>Lista da relação entre comportamento do ouvinte como VI e outra VD</i>	68
Tabela 11. <i>Lista da relação entre comportamento do ouvinte como VD e outra VI</i>	69
Tabela 12. <i>Número de pesquisas por tipos de delineamentos experimentais</i>	71
Tabela 13. <i>Número dos participantes nas pesquisas experimentais sobre o comportamento do ouvinte</i>	73
Tabela 14. <i>Temas identificados nos 70 artigos analisados segundo o número de incidência e o estudo, tanto do ouvinte quanto da audiência</i>	76
Tabela 15. <i>Principais autores que trabalharam com o ouvinte, segundo os principais temas identificados</i>	79
Tabela 16. <i>Publicações sobre comportamento verbal e sobre comportamento verbal com foco no comportamento do ouvinte, nas revistas, JEAB, JABA e TAVB</i>	87

Floriano, R. N. (2015). *O estudo do ouvinte e da audiência em pesquisas sobre comportamento verbal: uma análise de publicações a partir da perspectiva skinneriana*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 121 págs.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni.

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento.

RESUMO

Em *Verbal Behavior* (1957), B. F. de Skinner propõe uma análise minuciosa do comportamento verbal especificando a relação entre o comportamento do falante e o comportamento do ouvinte. Apesar disto, o comportamento do falante tem sido mais enfatizado e estudado. O objetivo do presente estudo foi o de analisar a produção bibliográfica realizada pelos analistas do comportamento acerca do comportamento do ouvinte, enquanto mediador de consequências e enquanto audiência para o comportamento do falante, a partir do ano de publicação da obra *Verbal Behavior* e através dos artigos publicados tanto em periódicos internacionais como JEAB, JABA, *The Behavior Analyst* e TAVB como em periódicos nacionais como REBAC e RBTCC. Foram analisados 70 artigos, dos quais 62 trataram do ouvinte enquanto mediador de consequências, 7 enquanto audiência e 1 tratou em ambos os conceitos. Observou-se que artigos a respeito do comportamento do ouvinte (ouvinte e audiência) iniciaram-se de forma marcadamente acanhada, sendo o primeiro publicado 26 anos após o *Verbal Behavior*. No decorrer dos anos as publicações de artigos voltados ao estudo desses conceitos vêm aumentando, resultado este devido a contribuição de autores como Caio F. Miguel, R. Douglas Greer e Anna Ingeborg Petursdottir. No que diz respeito ao tipo de pesquisas, notou-se um equilíbrio entre pesquisas teórico-conceituais e pesquisas experimentais e dentre as pesquisas experimentais observou-se que o comportamento do ouvinte vem sendo estudado tanto como variável independente quanto como variável dependente. Além disso, em ambos os tipos de pesquisas o comportamento do ouvinte foi estudado mais como objeto central do que como objeto secundário. Por fim, destaca-se que o comportamento do ouvinte foi presença notória em temas como *relação entre o repertório do ouvinte e do falante*, *equivalência de estímulos*, *operante verbal tato e nomeação*. Sumarizando o desenvolvimento deste campo de investigação, destacam-se duas asserções do próprio Skinner (1957/1992) com relação a compreensão do comportamento verbal que influenciaram um início tímido, mas que também contribuíram para os avanços das pesquisas: se por um lado, o comportamento verbal teve como enfoque o falante individual explícito e postulado por Skinner (1957/1992), por outro lado, há a necessidade de o comportamento do ouvinte ser analisado de perto para que uma compreensão completa do comportamento verbal seja alcançada.

Palavras-chave: Comportamento do ouvinte, ouvinte, audiência, comportamento verbal, *Verbal Behavior* (1957), JEAB, JABA, TAVB, *The behavior analyst*, RBTCC, REBAC.

Floriano, R. N. (2015). *O estudo do ouvinte e da audiência em pesquisas sobre comportamento verbal: uma análise de publicações a partir da perspectiva skinneriana*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 121 págs.

Orientador:

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento.

ABSTRACT

In Verbal Behavior (1957), BF Skinner proposes a thorough analysis of verbal behavior by specifying the relationship between the speaker's behavior and the listener's behavior. Despite this, the speaker's behavior has been more emphasized and studied. The aim of this study was to analyze the bibliographic production carried out by behavior analysts about the listener's behavior, as a mediator of consequences and while audience to the speaker's behavior, from the year of publication of Verbal Behavior and work through both articles published in international journals as JEAB, JABA, The Behavior Analyst and TAVB as in national journals as REBAC and RBTCC. It was analyzed 70 articles, of which 62 dealt with the listener as a mediator of consequences, while 7 audience and one treated both concepts. It was observed that articles about the listener's behavior (listener and audience) began to markedly small measure, the first published 26 years after the Verbal Behavior. Over the years the publications of articles geared to the study of these concepts have been increasing, as a result of the contribution of authors like Caio F. Miguel, R. Douglas Greer and Anna Ingeborg Petursdottir. With regard to the type of research, it was noted a balance between theoretical and conceptual research and experimental research and among the experimental research it was observed that the listener's behavior has been studied both as an independent variable as the dependent variable. Moreover, in both types of research the listener's behavior was studied more as a central object than a secondary object. Finally, there is the listener's behavior was notorious presence on subject-matters such as the relationship between the repertoire of the listener and the speaker, stimulus equivalence, verbal operant tact and naming. Summarizing the development of this field of research, it highlights two assertions of Skinner himself (1957/1992) regarding the understanding of verbal behavior that influenced a timid start, but also contributed to advances in research: on the one hand, verbal behavior was to focus the explicit individual speaker and postulated by Skinner (1957/1992), on the other hand, there is the need for the listener's behavior be closely analyzed so that a complete understanding of verbal behavior is achieved.

Key words: Listener's behavior, listener, audience, verbal behavior, Verbal Behavior (1957), JEAB, JABA, TAVB, The behavior analyst, RBTCC, REBAC

Para definir comportamento verbal Skinner (1957/1992)¹ faz uma comparação com o comportamento operante não verbal, em que o efeito deste altera o meio através de ações mecânicas e o efeito daquele é dado através de uma ação indireta do homem sobre o meio, em que seu primeiro efeito é sobre outro organismo. Em outras palavras, o comportamento verbal tem seu efeito no mundo por meio de um comportamento de outra pessoa, sendo assim reforçado indiretamente. A partir dessa definição, Skinner (1957/1992) apresenta um aspecto fundamental para a determinação do comportamento verbal: em seu processo de aquisição e manutenção é imprescindível a participação de uma comunidade verbal especialmente treinada para este fim.

Os desdobramentos do comportamento verbal como a aquisição da consciência, de repertório de autodescrição, de auto-observação e de relatos de eventos privados só são possíveis devido a participação de um outro organismo que produza condições favoráveis para a ocorrência de um comportamento complexo como é o comportamento humano, especificamente o comportamento verbal. Este fato confere um importante papel à comunidade verbal, que age tanto como falante quanto como ouvinte, possibilitando a aquisição e manutenção de repertórios verbais necessários para o homem.

Comportamentos denominados “conscientes” (saber descrever o que faz e o porquê faz), relato de eventos privados (emoções e sentimentos) e todo e qualquer tipo de comportamento verbal pressupõem a participação de um ouvinte e de uma audiência para a sua seleção. Não há surpresa em se atribuir tal importância para o comportamento do ouvinte na aquisição de comportamento verbal. Skinner (1957/1992) destaca o comportamento do ouvinte relacionando-o com o comportamento do falante para explicar as características do comportamento verbal.

¹ As citações dos autores que apresentam dois anos, o primeiro refere-se ao ano da publicação original e o segundo refere-se à edição consultada.

Indo um pouco mais além Skinner (1957/1992) adverte:

Mas isto é apenas o começo. Uma vez estabelecido um repertório do comportamento verbal, uma porção de novos problemas surgem da interação de suas partes. O comportamento verbal é usualmente o efeito de múltiplas causas. Variáveis separadas combinam-se para ampliar seu controle funcional e novas formas de comportamento surgem da recombinação de velhos fragmentos. Tudo isso exerce influência sobre o ouvinte, cujo comportamento, por sua vez, exige análise. (p. 10)

Desde as primeiras páginas do livro *Verbal Behavior* a definição do comportamento verbal pressupõe o comportamento do ouvinte. Skinner (1957/1992) explicita essa relação a partir do exemplo em que um homem com sede, ao invés de buscar água diretamente na fonte, pode “pedir um copo d’água”, cujo efeito guarda relações indiretas com o meio e a produção dessa consequência inclui, entre outros fatores, o comportamento do ouvinte.

Ao ouvinte é atribuído um papel de extrema relevância para se compreender o comportamento verbal, já apresentada em uma das primeiras definições do conceito (forma não refinada) de comportamento verbal de Skinner (1957/1992): “(...) definição do comportamento verbal como comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas (...)” (p. 2). Assim, Skinner (1989) não isenta o comportamento do ouvinte de importância para se estudar o comportamento verbal uma vez que: “(...) se os ouvintes são responsáveis pelo comportamento dos falantes, precisamos nos atentar mais de perto para o que eles fazem.” (p. 36). Essa afirmação de Skinner é a conclusão a respeito de que os falantes não são iniciadores ao considerar o comportamento verbal. Ele frisa a relevância do papel do ouvinte, mais uma vez, destacando que para existir um falante é necessário que antes haja um ouvinte. Sendo assim, para que o comportamento verbal ocorra é indispensável que haja a presença do ouvinte.

A importância do ouvinte fica mais evidente quando Skinner (1957/1992) define-o na explicação do episódio verbal:

Em uma explicação completa do episódio verbal nós precisamos mostrar que o comportamento do ouvinte proporciona, de fato, as condições que tínhamos suposto na explicação do comportamento do falante. Precisamos de explicações separadas, mas que se interliguem, tanto do comportamento do falante quanto do comportamento do ouvinte se nossa explicação do comportamento verbal tiver que ser completa. Na explicação do comportamento do falante, pressupomos um ouvinte que reforçará seu comportamento de determinadas maneiras. Na explicação do comportamento do ouvinte, pressupomos um falante cujo comportamento tem certa relação com as condições ambientais. (p. 34)

A definição do ouvinte como aquele que medeia as consequências ou aquele que proporciona as condições para o acontecimento do comportamento do falante é ponto fulcral para o presente trabalho. Porém, para uma ampla compreensão do comportamento do ouvinte² deve ser destacada outra função por ele exercido, isto é, enquanto variável de controle para emissão do comportamento do falante, o que se constitui como audiência. Nesse sentido, segundo Skinner (1957/1992) a audiência é definida como:

O ouvinte, como uma parte essencial da situação em que o comportamento verbal é observado, é por sua vez um estímulo discriminativo. Ele é parte de uma ocasião na qual o comportamento verbal é reforçado e, por isso, torna-se parte da situação que controla a força do comportamento. Esta função deve ser distinguida da ação do ouvinte em reforçar o comportamento. Nessa medida, como o ouvinte estimula o falante antes da emissão do comportamento verbal, podemos falar dele como audiência. A audiência será então um estímulo discriminativo na presença do qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e em cuja presença ele é caracteristicamente forte. Os estímulos discriminativos tornam-se, por sua vez, reforçadores, e isso é confirmado pelo efeito reforçador do aparecimento de uma audiência. (p. 172)

Ainda é necessário destacar desdobramentos a respeito do conceito de audiência. Conforme Skinner (1957/1992) o ouvinte enquanto audiência deve ser diferenciado do ouvinte enquanto aquele que medeia as consequências para o comportamento do falante. A audiência constitui uma condição favorável para o reforço de um amplo grupo de respostas, afetando a força desse grupo, em detrimento de outro. Sendo assim, a audiência como variável de controle passa a controlar (em conjunto com outra variável) subdivisões do comportamento do falante. Além dessas funções, a audiência também seleciona o

² O termo comportamento do ouvinte será utilizado, no presente trabalho, para fazer alusão tanto ao ouvinte quanto à audiência sem diferenciá-los. Quando os termos forem tratados de forma separada eles serão destacados como “ouvinte” e “audiência”.

assunto, isto é, ela determinará não apenas se, de fato, o comportamento verbal ocorrerá ou suas subdivisões, mas também que tipos de respostas são emitidas e aquilo sobre o que se fala. Skinner (1957/1992) destaca:

(...) O ouvinte está interessado em certos assuntos, e não em outros. Mais ainda: tratando com qualquer assunto dado, os ouvintes diferem na medida em que toleram e continuam a reforçar distorções na situação de estímulo resultante de uma extensão metafórica, ou de contingências especiais de reforço (...). Algumas audiências constituem a ocasião para uma linguagem "imaginativa", altamente metafórica, destinada a obter efeitos emocionais mais do que a guiar o comportamento prático do ouvinte. (p. 175)

Desse ponto de vista, temos uma explicação completa do comportamento do ouvinte (enquanto mediador de consequências e enquanto estímulo discriminativo) e suas possíveis interações com o comportamento do falante, o que caracteriza a forma como o conceito foi tratado no presente trabalho.

Ainda que Skinner tenha salientado a importância do ouvinte na definição do comportamento verbal, o autor assume que tal definição é aplicada apenas ao falante. Skinner (1957/1992) justifica que o comportamento do ouvinte não é necessariamente verbal por essa definição. O fato de Skinner (1989) ter se debruçado em um modelo explicativo da linguagem (comportamento verbal) pautado no comportamento do falante é por ele esclarecido com o seguinte argumento: “(...) Eu poderia justificar isso dizendo que, exceto quando o ouvinte de alguma forma é também o falante, o ouvir não é verbal no sentido de que é efetivo somente por meio da mediação de outras pessoas. (...)” (p. 36)

Especula-se que os estudos sobre comportamento verbal que prioritariamente delimitaram o comportamento do falante como foco de investigação podem ter sido amplamente influenciados pela maior atenção dada pelo autor de *Verbal Behavior* ao comportamento do falante, algo que o próprio Skinner (1989) reconhece que o comportamento do falante é destacado em comparação à discussão sobre o comportamento do ouvinte. Na obra, o autor faz um breve recorte acerca do comportamento do ouvinte quando destaca a interação entre falante e ouvinte. Pesquisas que realizaram levantamento de estudos sobre comportamento verbal, descritas a seguir, corroboram essa hipótese.

McPherson, Bonem, Green e Osborne (1984) realizaram um levantamento em relação ao impacto que a obra *Verbal Behavior* obteve tanto em termos de influência quanto de valor heurístico para área, a partir da análise de trabalhos que citaram a obra

Verbal Behavior desde 1957 até agosto de 1983. Nesse estudo os autores buscaram elucidar a resposta para a seguinte pergunta: Até onde (alcance) a obra *Verbal Behavior* tem funcionado como influência para pesquisas, em 27 anos, desde a sua publicação? A documentação de tal influência permitiria aos autores inferir se *Verbal Behavior* teria ou não teria conduzido a uma análise empírica do comportamento verbal.

A análise das citações foi considerada pelos autores como uma medida confiável acerca do grau de influência de uma obra ou de um autor em uma dada área de estudo. Para identificar tanto a influência geral quanto a específica, os autores utilizaram respectivamente medidas tais como o número de referências subsequentes em que a obra foi citada e a quantidade de pesquisa gerada em resposta ao resultado da obra.

McPherson et al. (1984) analisaram o conteúdo de cada referência, obtidas a partir das fontes SSCI, SCI, *Psychological Abstracts*, *Current Index to Journals in Education*, *Resources in Education*, *Dissertation Abstracts International*, *Conference Papers Index*, *Language and Language Behavior Abstracts*, e *Smithsonian Science Information Exchange*, que mencionaram o livro, para estabelecer a maneira pela qual a obra *Verbal Behavior* tinha sido citada. As referências foram classificadas como sendo influenciadas diretamente pela obra de 1957 de Skinner caso elas apresentassem uma ou mais das seis classes de respostas independentes (intraverbal, mando, tato, textual, ecoico ou autoclítico) como uma variável dependente, independente ou observacional. Após essa classificação, foi feita uma nova categorização baseada na natureza de cada pesquisa. Foram contempladas três categorias: estudos descritivos, estudos aplicados e estudos básicos. McPherson et al. (1984) localizaram 836 referências que citaram *Verbal Behavior* compreendidas entre os anos de 1957 e 1983. No período entre 1966 e 1983 há um aumento do número de citações do livro e McPherson et al. (1984) explicam esse dado afirmando que um número menor de citações antes de 1966 pode ser relacionada a ausência de um index como o *Social Science Index*. Assim, há provavelmente mais estudos que podem ter citado a obra de Skinner nesse período.

Dentre as 836 referências encontradas por McPherson et al. (1984) 31 citaram ao menos um dos seis operantes verbais definidos por Skinner. Desses 31 estudos, 12 foram considerados âmbito descritivo (estudos que abordaram observações de interações verbais entre díades, frequência de respostas, categorias de estímulos, frequência de operantes verbais em psicoterapia, entre outros), 10 foram considerados âmbito aplicado (estudos que manipularam estímulos antecedentes e consequentes, frequência, duração

ou acurácia de respostas verbais, entre outros) e 9 foram de cunho básico (estudos que manipularam um estímulo antecedente específico e mediram a frequência ou a acurácia das respostas verbais em um ou mais operantes verbais). Das 836 referências levantadas, apenas 3,7% foram classificadas como investigações empíricas e 2,2% corresponderam a pesquisas de análise experimental. Esses dados sugerem que o número baixo de pesquisas experimentais e empíricas é reflexo de um constructo teórico definido como um exercício de interpretação pelo próprio autor de *Verbal Behavior*, em que não há dados experimentais sobre comportamento verbal, traduzindo-se assim em uma influência limitada com relação a pesquisas empíricas, e sugere ainda um movimento por parte dos pesquisadores analistas do comportamento em direção à busca de um refinamento conceitual do aporte teórico do livro.

Face aos resultados encontrados por McPherson et al. (1984) podem ser destacados alguns pontos referentes à metodologia empregada: a apresentação, apenas, dos resultados das pesquisas consideradas influenciadas diretamente (3,7% do total de 836) pela obra *Verbal Behavior* possivelmente deixaram de fora outras que, embora não houvessem abordado ao menos um dos seis operantes verbais, abordaram outros conceitos contidos na obra tais como audiência, episódio verbal, comportamento do ouvinte e assim por diante.

Oah e Dickinson (1989) revisaram pesquisas empíricas que tenham sido influenciadas pela obra *Verbal Behavior*. Os autores basearam-se nos mesmos critérios adotados por McPherson et al. (1984): número de citações feitas da obra de Skinner e a menção das pesquisas acerca de uma ou mais das relações verbais básicas (mando, tato, comportamento textual, ecoico, intraverbal ou autoclítico). Os autores não consideraram os estudos classificados como descritivos, nos quais a variável independente não era manipulada, como fizeram McPherson et al. (1984) restringindo, desta forma, a estudos em que pelo menos uma variável independente foi manipulada.

A investigação de Oah e Dickinson (1989) revelou que a maioria das pesquisas empíricas tem se direcionado a estudar relações verbais de mando e tato. As pesquisas que focaram na investigação de mando direcionaram sua atenção para dois principais aspectos: operação estabelecadora e reforçamento específico. Nesse tocante, os autores relataram pesquisas que manipularam, enquanto variável independente, operação estabelecadora e a consequência específica para treinar o operante verbal mando. Nessas pesquisas, os experimentadores ensinavam, dentre outros procedimentos experimentais,

aos participantes uma cadeia comportamental na fase de pré-teste e na fase de teste os experimentadores disponibilizavam todos os aspectos necessários para conclusão da cadeia exceto uma parte, isto é, retiravam um elo da cadeia pertencente à cadeia comportamental (parte faltante de um brinquedo a ser montado) necessária para completar a ação como um todo. A hipótese seria que a parte faltante funcionaria como reforçamento específico após a emissão do mando apropriado e a configuração incompleta da cadeia comportamental funcionaria como uma operação estabelecadora condicionada (OEC³).

Oah e Dickinson (1989) descrevem que, com relação às pesquisas que investigaram o treino de tato, as variáveis independentes manipuladas foram estímulos não verbais e consequências não específicas. Dentre os exemplos de estímulo não verbais manipulados nas pesquisas destacam-se comida e objetos, e em relação às consequências não específicas destacam-se os elogios como variáveis independentes (manipuladas) para o desenvolvimento de um repertório de tato. Em contraste aos estudos de relações de mando e tato, para os outros operantes verbais, ecoico, intraverbal, textual e autoclítico, houve poucas pesquisas empíricas.

Outro dado apresentado pelos autores diz respeito às pesquisas que investigaram a independência entre os operantes verbais, isto é, um repertório de um dos operantes era treinado e posteriormente era verificado se havia algum resultado na aquisição do repertório de outro operante verbal. Os resultados das pesquisas empíricas levantadas por Oah e Dickinson (1989), corroboram a noção apresentada por Skinner (1957/1992) de que os operantes verbais são adquiridos de forma independente, mesmo que uma forma de resposta verbal seja a mesma para mais de um operante verbal.

Nessa mesma linha de raciocínio de independência, segundo Oah e Dickinson (1989), algumas pesquisas buscaram testar a hipótese apresentada por Skinner (1957/1992) de que o repertório do falante é adquirido independentemente do repertório do ouvinte, isto é, a forma como uma pessoa se torna um falante difere do processo pelo qual uma pessoa se torna um ouvinte. Em outras palavras, Skinner (1957/1992) está querendo dizer que o fato de uma pessoa adquirir um repertório de um falante não a torna automaticamente um ouvinte e vice-versa. Embora muitos estudiosos se propusessem a

³ Uma compreensão pormenorizada dos diferentes tipos de operações estabelecadoras condicionadas pode ser encontrada em Michael, 1988.

testar essa hipótese, segundo Oah e Dickinson (1989), os resultados apresentados são inconsistentes. Por um lado, há resultados que demonstram que sem o treino direto da linguagem expressiva o sujeito não poderia emitir corretamente o repertório condizente à linguagem receptiva. Por outro lado, há resultados que evidenciam que o treino de um repertório receptivo pode gerar um repertório expressivo por generalização. Há ainda pesquisas que rebatem a aquisição espontânea de um novo repertório verbal afirmando que as topografias adquiridas em um treino verbal poderiam não ser novas e que poderiam ser consideradas como efeitos colaterais da mudança do controle de estímulos nas topografias preexistentes. De fato, esses achados evidenciam resultados inconsistentes acerca da independência do repertório do ouvinte com relação ao do falante e vice-versa e indicam a necessidade de se realizarem mais pesquisas para testar a afirmação de independência de repertório do falante com relação ao do ouvinte (e vice-versa) postulada por Skinner (1957/1992).

Oah e Dickinson (1989) ainda destacam pesquisas empíricas cujo objetivo foi de investigar a comunicação simbólica entre não humanos. Basicamente essas pesquisas utilizavam como sujeitos pombos (geralmente em pares) em que a resposta de bicar uma chave sinalizaria um estímulo antecedente (discriminativo) para o outro pombo, para que este assim emitisse outra resposta. Segundo os autores, esses tipos de pesquisa tinham um propósito de estabelecer um referente análogo de interação verbal de humano realizada com sujeitos não humanos.

Mesmo que a revisão realizada por Oah e Dickinson (1989) acerca das pesquisas empíricas tenha tido como critério, além da apresentação da citação da obra de 1957, a menção de pelo menos uma das seis relações verbais, a importância do comportamento do ouvinte na aquisição das relações verbais (mando, tato, intraverbal, textual, ecoico e autoclítico) apareceu apenas no que diz respeito à aquisição do repertório do ouvinte e do falante de maneira independente. Esse dado sugere que o tema da independência entre o repertório do falante e do ouvinte é uma das áreas mais investigadas no estudo do comportamento do ouvinte como objeto central. Além disso, tanto a pesquisa de McPherson et al. (1984) quanto a de Oah e Dickinson (1989) sugerem que, apesar dos estudos terem investigado os operantes verbais, o comportamento do ouvinte (quer como responsável pela mediação das consequências quer como audiência) não obteve destaque como variável independente ou dependente nos estudos empíricos, em especial os estudos experimentais, ou como foco central com relação ao objetivo dos estudos descritivos.

Em 1991, Eshleman realizou um trabalho cujo objetivo foi desenvolver uma documentação completa sobre pesquisa de comportamento verbal por meio da análise de tendências (quantitativamente) na literatura. O autor identificou cinco tendências relacionadas a: (a) três áreas de pesquisa abordadas por estudos iniciais no JEAB (o controle operante do comportamento verbal; o controle operante de vocalizações de animais; e instrução programada), bem como os autores das pesquisas a elas relacionados; (b) frequência de publicações anuais das principais revistas de Análise do Comportamento; (c) linhas (tópicos) de pesquisas (empíricas) que apresentavam em relação ao comportamento verbal (como as classes de operantes verbais e outras extensões de pesquisas como falante e ouvinte) e os pesquisadores engajados em cada linha; (d) pesquisas cujos delineamentos e procedimentos experimentais pudessem ser aprimorados em melhores metodologias (por exemplo pesquisas da relação mando e tato e autoclíticos); e (e) eventos que contribuíram para a aceleração de publicações de trabalhos e pesquisas sobre comportamento verbal (por exemplo, a criação de periódicos da área, publicação de artigos específicos, fundação da ABA, dentre outros).

Os achados de Eshleman (1991) são uma fonte importante de identificação de linhas de pesquisas, identificação das publicações de trabalhos por ano em cada revista e, por fim, identificação de nomes de autores importantes correlacionados com temas envolvendo o comportamento verbal. Tal trabalho apresenta grande importância para pesquisas cujos objetivos sejam traçar o desenvolvimento do comportamento verbal, bem como os conceitos a ele correlacionados.

Embora o trabalho de Eshleman (1991) confirme os dados dos estudos como os de McPherson et al. (1984) e de Oah e Dickinson (1989), com relação ao foco de pesquisas empíricas investigarem fortemente os operantes verbais, esse levantamento indica uma direção sobre o estudo do comportamento do ouvinte como área de pesquisa e os autores que se debruçaram nessa investigação: Lee (1981) e Lodhi e Greer (1989). A partir desse ponto, apresenta-se ao menos um caminho para a área de pesquisa que envolve o comportamento do ouvinte (estudo do falante e ouvinte, segundo o autor), assim como já salientado por Oah e Dickinson (1989) a respeito da aquisição independente entre os repertórios do ouvinte e do falante.

As pesquisas de McPherson et al. (1984), Oah e Dickinson (1989) e Eshleman (1991) levantaram estudos sobre comportamento verbal pautado apenas nos operantes verbais, o que permite cogitar que possa existir um movimento de sobreposição ou

equivalência de termos entre comportamento verbal e comportamento do falante. Skinner (1957/1992), ao justificar e defender o uso do termo comportamento verbal em detrimento às palavras linguagem e linguístico, enfatiza o falante individual:

O termo "comportamento verbal", o seu uso tem muito a ser recomendado. Sua sanção etimológica não é excessivamente poderosa, mas destaca o falante individual e, quer seja reconhecido ou não por quem o usa, especifica o comportamento modelado e mantido pelas consequências mediadas. Tem também a vantagem de ser relativamente pouco familiar aos modos tradicionais de explicação. (p. 2)

E um pouco mais adiante esta afirmação fica clara quando Skinner (1957/1992) destaca:

Uma definição do comportamento verbal como comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas precisa, como veremos, de maiores esclarecimentos. Além do mais, tal definição não nos diz muito sobre o comportamento do ouvinte, mesmo que houvesse pouco comportamento verbal a considerar se alguém ainda não tivesse adquirido respostas especiais para os padrões de energia gerados pelo falante. Essa omissão pode ser justificada, pois o comportamento do ouvinte, ao servir de mediador para as consequências do comportamento do falante, não é necessariamente verbal em nenhum sentido especial. (p. 2)

Até aqui os estudos de McPherson et al. (1984), de Oah e Dickinson (1989) e de Eshleman (1991) evidenciaram um levantamento de produções sobre comportamento verbal que abrangeram décadas de investigações em que a maioria das produções não focou no comportamento do ouvinte como objeto de estudo, direcionando atenção maior aos operantes verbais. Como já mencionado anteriormente, a metodologia empregada pelos pesquisadores ao conduzirem seus estudos considerando apenas parte do arcabouço conceitual de Skinner em *Verbal Behavior* ou ao elaborarem estratégias de busca que não captassem artigos que tivessem como objeto de estudo o comportamento do ouvinte, pode ter influenciado os resultados encontrados por McPherson et al. (1984), Oah e Dickinson (1989) e Eshleman (1991). Outra revisão de literatura (Andery, 2001) amplia o acesso a outros artigos, uma vez que utiliza palavras-chave como linguagem e comportamento verbal.

Andery (2001) destaca que uma revisão da literatura sobre comportamento verbal poderia ter início antes mesmo da publicação de *Verbal Behavior* em 1957. A autora sugere que a revisão da literatura poderia ser iniciada antes da publicação da obra justamente porque Skinner publicou inúmeros artigos sobre o tema entre 1934 e 1957. Porém, um aspecto importante levantado por Andery (2001) é de que tais artigos não

tratavam o tema como Skinner propôs em 1957. Contudo, a autora destaca que em 1938 e 1953 Skinner já havia abordado e definido alguns dos operantes verbais e que, desta maneira, uma revisão da literatura poderia ter como ponto de partida qualquer uma dessas datas. Decidir tomar 1957 como ponto de partida pode ter como razão o fato de que o termo comportamento verbal foi cunhado justamente na obra de Skinner, *Verbal Behavior*. Assim, colocadas as possibilidades de início de uma revisão da literatura, a autora opta por iniciar o estudo a partir da publicação de *Verbal Behavior*. Delimitado o ano de início, Andery (2001) tece sua análise tendo como base três importantes periódicos que publicaram textos sobre a Análise do Comportamento: *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB), *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) e *The Analysis of Verbal Behavior* (TAVB). A revisão dos artigos nas três revistas parte da primeira publicação de cada uma delas: JEAB em 1958, JABA em 1968 e TAVB em 1982 com as seguintes palavras-chave: comportamento verbal e linguagem.

Uma análise quantitativa dos artigos publicados no JEAB e no JABA até 1999 revelou que 38 deles, tendo como palavra-chave linguagem, foram publicados no JABA e oito artigos no JEAB. A autora conclui que, embora se trate de revistas com enfoque analítico comportamental, parte dos artigos de estudos empíricos do comportamento verbal utilizou um termo, a linguagem, que foi recusado por Skinner em sua obra de 1957. Embora tenha sido um número considerável de artigos publicados que utilizaram a palavra-chave linguagem, há uma grande quantidade de artigos publicados nas duas revistas (JABA aproximadamente 95 e JEAB aproximadamente 65) que utilizaram a palavra-chave comportamento verbal.

Outro dado importante destacado na revisão de Andery (2001) é a quantidade de artigos publicados por revista. No JEAB foram 72 artigos em 40 anos de publicações, no JABA foram 132 artigos em 30 anos e no TAVB foram 145 artigos em 17 anos. Esses números mostram, segundo a autora, um começo com poucas publicações sobre o tema, especialmente no JEAB, revista cujo enfoque é de pesquisa básica; uma quantidade de publicações um pouco maior no JABA, revista cujo enfoque é a área aplicada; e, como seria de se esperar, um número maior de artigos publicados por ano no TAVB, revista especializada em comportamento verbal.

De acordo com Andery (2001), no estudo do comportamento verbal, alguns temas receberam grande atenção dos pesquisadores analistas do comportamento. O comportamento verbal enquanto comportamento operante foi um dos primeiros temas

abordados em termos dos efeitos das manipulações ambientais, tal como no comportamento operante não verbal, sobre respostas verbais. Esse interesse inicial no controle operante do comportamento verbal, segundo Andery (2001), foi devido ao impacto da definição do comportamento verbal como comportamento operante, que surgiu como um desafio aos pesquisadores em demonstrar tal característica (de comportamento operante) do comportamento verbal refutando, assim, que o comportamento verbal pudesse ser manifestação de alguma outra estrutura.

Outro tema que recebeu atenção frequente dos analistas do comportamento, no levantamento feito por Andery (2001), foi a aquisição e interação entre operantes verbais. Estudos que abordaram esse tema buscaram investigar procedimentos distintos para desenvolver operantes verbais; interações entre operantes verbais; a independência entre respostas verbais de mesma topografia quando relacionadas a mais de um operante. Além da aquisição e interação entre operantes verbais, a aquisição da linguagem enquanto desenvolvimento de um repertório verbal mais amplo em comparação à aquisição de operantes verbais isolados e as relações entre comportamento verbal e não verbal também foram identificados como temas. A aquisição da linguagem é um tema que sugere a importância do ouvinte, mas não foi evidenciado nos resultados de Andery (2001).

O panorama geral apresentado pela autora evidencia grande interesse de pesquisadores em estudar o comportamento verbal, em especial, despendendo maior esforço e atenção aos operantes verbais. Tal interesse e incidência das pesquisas que abordaram esses conceitos pode ser resultado da escolha das palavras-chave, comportamento verbal e linguagem, feita pela autora. Contudo, discute-se a possibilidade de terem ficado de fora da seleção pesquisas que abordassem o comportamento do ouvinte que não apresentaram as palavras-chave comportamento verbal e linguagem. Outro aspecto que pode ser considerado, com relação aos temas levantados, é a possibilidade de menor atenção ao comportamento do ouvinte ou, ao menos, de atenção indireta por parte dos pesquisadores da comunidade da Análise do Comportamento nessa revisão da literatura.

Ainda com relação às palavras-chave utilizadas por Andery (2001), uma questão surge referente à escolha da palavra linguagem. Conforme colocado pela autora e pelo próprio Skinner no início de *Verbal Behavior*, essa palavra constitui um vocábulo que foi recusado, seja por questões conceituais, seja por questões metodológicas. Embora Andery (2001) tenha identificado pesquisas que utilizaram a palavra linguagem, evidenciando

artigos que não adotaram o comportamento verbal pelo viés do Behaviorismo Radical, não ficou claro qual foi o objetivo da autora ao restringir sua busca a apenas duas palavras-chave, sendo uma declaradamente dissonante à proposta de Skinner.

Em âmbito nacional, pode-se identificar um foco similar dos pesquisadores que publicaram estudos investigando prioritariamente conceitos como operantes verbais, comportamento governado por regra e eventos privados em detrimento ao comportamento do ouvinte. Moroz, Rubano, Rodrigues e Lucci (2001) realizaram uma análise acerca da produção científica publicada entre os anos de 1994 e 1998, cujo objetivo foi descortinar o tratamento que, naquela época, vinha sendo dado por behavioristas radicais ao estudo do comportamento verbal.

A seleção dos periódicos que pudessem conter artigos cujo objeto tratasse sobre comportamento verbal, foi realizada tendo como fonte de dados os arquivos da biblioteca da área de Psicologia da USP, por essa se tratar, especialmente naquele momento, de uma das mais bem equipadas bibliotecas de Psicologia do Brasil (Moroz et al., 2001). A essa seleção foram acrescentados títulos de periódicos divulgados pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação. O critério de exclusão deixou de fora aqueles periódicos que não pertenciam à Psicologia, aqueles que tivessem uma outra vertente teórica (e.g., revista de psicanálise) e aqueles periódicos que não tivessem pelo menos um dos volumes disponíveis compreendidos no quinquênio 1994/1998.

Os pesquisadores realizaram a análise dos artigos a partir dos resumos. Foram elaborados critérios de classificação de que adviessem informações metodológicas, de objetos de estudo e campo de atuação. O critério de classificação levou em consideração: (a) identificação da natureza do trabalho (teórico-conceitual, empírica, experimental, descritiva, documental, outros); (b) tipo de análise teórica (a própria abordagem, intra-abordagem, inter-abordagem e inter-áreas); (c) condições de execução do trabalho empírico (laboratório, campo e outros); (d) assunto tratado; e (e) área de aplicabilidade. Os critérios de classificação resultaram em uma ficha de classificação de resumos de comportamento verbal constando: (a) tipo de trabalho – classificação metodológica; (b) assunto tratado; e (c) área de aplicabilidade.

Com os resultados encontrados pela pesquisa de Moroz et al. (2001) é possível destacar que a produção científica nacional, naquele quinquênio, teve maior presença de estudos teóricos-conceituais (38) do que estudos empíricos (24).

Dentre as pesquisas empíricas com relação ao tipo de trabalho, houve maior ênfase no campo experimental (18), seguido por produções relacionadas a casos clínicos (4) e trabalhos descritivos (2). No que tange às condições de execução dos estudos, houve maior ênfase, respectivamente, em estudos executados em condição controlada (17), seguido de clínica (4), situação natural (2) e em um estudo não foi possível identificar esse critério. Quanto às áreas de aplicação observaram-se, respectivamente, estudos voltados a processos básicos (16), educação (9), clínica (4), desenvolvimento (1) e saúde (1). Com relação aos trabalhos teórico-conceituais, considerando o quesito aplicabilidade, tiveram maior ênfase, respectivamente, os trabalhos realizados nas áreas de aplicação clínica (8), educação (4), pesquisa básica (2), metodológico (2), saúde (1) e histórico (1). No que tange ao tipo de análise, os estudos teóricos foram considerados como de própria abordagem (26), inter-abordagens (5), inter-áreas (4) e intra-abordagem (3).

No que diz respeito ao objeto de estudo, os pesquisadores identificaram: eventos privados, comportamento governado por regra, equivalência de estímulos, operantes verbais, resolução de problemas, modelo explicativo skinneriano, relato verbal e avaliação do repertório verbal.

Face aos dados apresentados por Moroz et al. (2001), é possível identificar que a produção científica nacional, no período de 1994 a 1998, focou mais em trabalhos teórico-conceituais, evidenciando preocupação da comunidade behaviorista no refinamento conceitual do arcabouço teórico proposto por Skinner em sua obra *Verbal Behavior*. Chama atenção, também, o aspecto de que, embora a área de aplicação clínica tenha sido alvo de estudos, nada foi relatado como objeto de estudo a respeito de um dos principais conceitos envolvidos na relação terapêutica, ou seja, a audiência e o ouvinte. Embora isto possa ser resultado da seleção das palavras-chave para a busca dos artigos, já que nem audiência, nem o ouvinte foram considerados como palavras-chave, ainda assim é indicativo de que não foi um tema em destaque.

Com os resultados desses estudos de revisão e levantamento das produções a respeito do comportamento verbal seria pouco improvável não surgirem indagações a respeito do tratamento que vem sendo dado ao comportamento do ouvinte, tais como: Há estudos que investigam o comportamento do ouvinte? Se há, de que forma o comportamento do ouvinte vem sendo estudado por behavioristas radicais? Quem são esses autores? Que tipo de pesquisa tem se debruçado nessa investigação?

Dymond, O’Hora, Whelan e O’Donovan (2006), em mais uma análise das citações de *Verbal Behavior*, realizaram uma pesquisa em banco de dados como *Science Citation Index Expanded*, *Social Sciences Citation Index Expanded* e *Arts and Humanities Citation Index* entre os anos de 1984 e 2004, cujo intuito foi de realizar uma atualização em relação ao trabalho de McPherson et al. (1984). Embora as fontes de dados mencionadas não tivessem incluído um dos principais jornais de publicações sobre o comportamento verbal, *The Analysis of Verbal Behavior* (TAVB), os autores o incluíram, obtendo os artigos nele contidos a partir do banco de dados do PsychInfo. No total foram contabilizadas 1093 citações do livro durante o período de 20 anos.

Similarmente aos critérios adotados por McPherson et al. (1984), Dymond et al. (2006) realizaram uma análise, independente, do conteúdo dos artigos encontrados, atribuindo-os uma das cinco categorias. São elas: pesquisa básica, pesquisa observacional, pesquisa aplicada, outras pesquisas empíricas e pesquisas não empíricas.

A categoria enquadrada como *pesquisa básica* englobou artigos que empregaram ao menos um dos operantes verbais focando na análise empírica das variáveis de controle envolvidas no comportamento. A categoria *observacional* também considerou aqueles artigos que empregaram ao menos um dos operantes verbais como uma variável observacional e considerou estudos cujos dados eram descritivos. Assim como as categorias anteriores, a categoria *pesquisa aplicada* considerou pesquisas que utilizaram ao menos um dos operantes verbais e focou na melhora do comportamento dos participantes. Já a categoria *outras pesquisas empíricas* considerou pesquisas que não utilizaram os operantes verbais e focou sua análise no controle de variáveis do comportamento. Por fim, a categoria de *pesquisas não empíricas* considerou estudos que não manipularam sistematicamente as variáveis para a mudança do comportamento e focou mais em aspectos conceituais e de revisão. A distribuição dos artigos nas categorias foi conforme as seguintes porcentagens, em ordem decrescente: pesquisas não empíricas 80%, outras pesquisas empíricas 13,7%, pesquisa aplicada 4%, pesquisa básica 1,4% e pesquisa observacional 0.9%. Esse resultado corrobora os achados de McPherson et al. (1984) no que diz respeito ao número reduzido de pesquisas empíricas realizadas desde a publicação do livro de 1957. Embora, conforme destacam Dymond et al. (2006), as pesquisas sobre comportamento verbal tenham tido um crescimento constante desde a publicação do *Verbal Behavior*, a maioria dos artigos publicados é de cunho não empírico, isto é, pesquisas com maior enfoque em aspectos conceituais (refinamento) e de revisão.

Esses achados permitem hipotetizar que a influência da obra de Skinner parece alcançar um limite em relação às pesquisas empíricas (básica, aplicada, observacional), levando a concluir que, por um lado, esse aspecto é efeito da complexidade de demonstrar controle sobre o comportamento verbal, que como o próprio Skinner (1957/1992) salienta é controlado por múltiplas variáveis, e que, por outro lado, há uma desconfiança por parte dos analistas do comportamento a respeito da teoria proposta em *Verbal Behavior*, já que no livro não há dados experimentais.

Apesar de uma porcentagem baixa (6,3%, aproximadamente, 67 artigos) encontrada de estudos empíricos que citaram Skinner (1957) e que empregaram ao menos um dos operantes verbais, Dymond et al. (2006) os classificaram nas seguintes porcentagens: 64,2% aplicados, 22,4% básicos e 13,4% observacionais.

Os autores ainda consideraram artigos que, embora não fizessem citação da obra de Skinner, abordaram os termos como os operantes verbais (*Obliteration*⁴). O resultado foi de 44 artigos. Desses, 34 foram considerados artigos empíricos, os quais empregaram ao menos um dos operantes verbais. Somando os resultados entre todos os artigos empíricos (incluindo aqueles que não citaram a obra) os autores obtiveram o número de 101 artigos (cada artigo podendo mencionar mais do que um operante verbal), sendo a grande maioria (63) abordando o conceito de mando, seguido por tato (34), intraverbal (25) e ecoico (15).

Ao se comparar o estudo de McPherson et al. (1984) com o estudo de Dymond et al. (2006) é possível constatar um aumento (3,7% de 836 artigos pesquisados para 6,1% de 1093 artigos pesquisados) de pesquisas empíricas sobre comportamento verbal. Apesar do aumento sensível, ainda sim, há um número muito maior de pesquisas não empíricas na área.

Em artigo recente, Andery (2010a) destaca a importância do *Verbal Behavior* para a comunidade de analistas do comportamento enquanto proposta de programa de pesquisas sobre o fenômeno da linguagem e questiona se de fato a obra serviu como diretriz para pesquisas sobre comportamento verbal, conforme ela havia indicado em 2001. Para verificar se o programa de pesquisas alcançou valor heurístico, segundo Andery (2010a), é preciso examinar a tradição de pesquisas desenvolvidas a partir da

⁴ A definição desse termo diz respeito ao uso de conceitos advindos de uma fonte sem citação. A justificativa é porque os conteúdos da fonte se tornaram de conhecimento geral dentro de uma disciplina.

publicação de *Verbal Behavior* e como os resultados dessas pesquisas refletiram tanto a aceitação e compreensão das propostas contidas no livro quanto a compreensão do comportamento verbal e o desenvolvimento de tecnologia de pesquisa e intervenção. Além disso, deve-se acompanhar o desenvolvimento da área do comportamento verbal enquanto pesquisa básica e aplicada. A conclusão a que Andery (2010a) chega é que não há consenso em relação a isto: a obra gerou, para alguns, um número reduzido de estudos e pesquisas e para outros, uma área de pesquisa crescente e produtiva.

Segundo Andery (2010a), há autores que atribuem o desenvolvimento da área do comportamento verbal ao número constante de publicações em revistas como JABA, JEAB, *Behaviorism/Behavior and Philosophy* e *The Analysis of Verbal Behavior* e a ampla diversidade de problemas abordados pelas pesquisas, bem como com relação às soluções de problemas práticos que os estudos vêm apontando. Quanto aos obstáculos encontrados no desenvolvimento da área do comportamento verbal, destacam-se os relacionados às críticas de Chomsky, o sucesso dos estudos acerca do comportamento não-verbal, o objeto de estudo em termos de metodologia e de mensuração do comportamento verbal, as implicações acerca das asserções filosóficas da proposta de Skinner e as questões de cunho financeiro.

As questões destacadas por Andery (2010a) referentes ao desenvolvimento do comportamento verbal enfatizam a importância de se continuar investigando e estudando não apenas o conteúdo do livro, mas também destaca a necessidade de compreender a forma como os conceitos sobre o comportamento verbal estão sendo abordados pelos analistas do comportamento.

Mais um levantamento da literatura que corrobora a hipótese de que Skinner, ao abordar fortemente o comportamento do falante em *Verbal Behavior*, influenciou a grande massa de pesquisas que abordaram o tema, comportamento verbal, é o estudo realizado por Fidalgo (2011). A autora fez um levantamento de como os estudos sobre comportamento verbal se estabeleceram e como eles têm sido conduzidos por analistas do comportamento, a nível nacional, entre os anos de 1969 e 2007. A autora fez uma revisão histórica de teses e dissertações que abordaram o tema, utilizando as seguintes palavras-chave: verbal, verbais, verbalizações, linguagem, mando, tato, tacto, ecoico, intraverbal, transcrição, textual, ditado, cópia, autoclítico e audiência.

No total, no levantamento feito por Fidalgo (2011) foram abordados 182 estudos entre teses e dissertações. Das 141 dissertações e 41 teses os temas mais apresentados foram: controle do comportamento verbal, comportamento governado por regras, equivalência de estímulos, correspondência entre comportamento verbal e não verbal e hipóteses funcionais de possíveis variáveis de controle envolvidas no comportamento verbal.

A despeito da audiência ter sido uma das palavras-chave escolhida pela autora, nenhum tema com menção direta a esse conceito foi destacado, apesar de ter sido identificado um único trabalho que efetivamente estudou a audiência. Mais uma vez, presume-se que o comportamento do ouvinte esteja inserido em temas mais amplos do comportamento verbal.

Outro dado importante levantado por Fidalgo (2011) é o número de estudos realizados em relação às linhas de pesquisa. Verificou-se que 35% dos trabalhos foram caracterizados como pesquisa básica, 57% como pesquisa aplicada e 8% como pesquisa teórico-conceitual. Esse dado indica que a preocupação dos analistas do comportamento tem se voltado mais para a investigação de processos básicos da Análise do Comportamento e para o desenvolvimento de metodologias e tecnologias de intervenção do que para estudos de refinamento conceitual. Esse dado evidencia uma tendência diferente daquela apresentada por Moroz et al. (2001) em que, caso se considere um recorte temporal maior (1969-2007), verificar-se-á uma quantidade maior de estudos empíricos do que estudos teóricos-conceituais.

Com os resultados apresentados por Fidalgo (2011) pode-se concluir que parte das pesquisas tem direcionado seu foco à área aplicada e básica. O levantamento feito nesse estudo indica que poucos pesquisadores analistas do comportamento têm se dedicado a estudar o comportamento do ouvinte, seja o ouvinte no papel de mediador de consequências, seja o ouvinte enquanto audiência, tanto no âmbito de pesquisa básica ou aplicada quanto no âmbito de pesquisa teórico-conceitual.

Outras implicações relacionadas ao comportamento do ouvinte que indicam possíveis dificuldades encontradas na obra *Verbal Behavior* e que pode contribuir para a escassez de pesquisas ou até mesmo a compreensão do ouvinte subentendido em outros conceitos do comportamento verbal são levantadas pelos estudos realizados por Fonai e Sérgio (2007) e por Dahás, Goulart e Souza (2008).

Fonai e Sérgio (2007) buscaram elucidar a compreensão do conceito de audiência destacando questões presentes em *Verbal Behavior* que poderiam acarretar dificuldades em termos de elaboração conceitual. Na parte II do livro, Skinner trata das relações verbais elementares e apresenta seis formas de comportamento verbal identificadas em termos das relações entre variáveis de controle e formas da resposta, incluindo a audiência (as outras cinco são: mando, tato, ecoico, textual e intraverbal). Essa informação, segundo as autoras, pode suscitar a dúvida de que a audiência então poderia ser considerada como mais uma relação de controle o que resultaria na definição de mais um operante verbal.

Dahás, Goulart e Souza (2008) trazem à tona mais uma questão do livro de Skinner (1957). O objetivo dos autores foi demonstrar que a premissa de que o comportamento do ouvinte não é verbal pode ser incoerente com a própria definição de comportamento verbal. O estudo trata de três aspectos da formulação skinneriana sobre comportamento verbal para avaliar a noção do comportamento do ouvinte inserido nesse contexto: o papel do ouvinte no episódio verbal; as diferenças entre o comportamento do ouvinte e do falante. Os autores concluem que “(...) parte-se aqui do pressuposto de que o tratamento dos comportamentos verbais, ao invés de se ancorar em qualquer lado da dicotomia falante-ouvinte, deveria focar a aquisição de comportamentos adaptados em contingências verbais entrecruzadas”. (p. 290)

O intuito de destacar os estudos de Fonai e Sérgio (2007) e Dahás, Goulart e Souza (2008) é de dar ênfase à importância que os próprios autores atribuem à tarefa de refinar conceitos-chave de uma proposição teórica. As incoerências conceituais no tratamento de um fenômeno podem prejudicar elaboração de questões de pesquisa, elaboração de delineamentos experimentais e até mesmo na interpretação dos resultados.

O que se tem discutido até o momento é a importância do comportamento do ouvinte na compreensão do comportamento verbal. Da mesma forma que para outros comportamentos deve-se, então, investigar o comportamento do ouvinte dentro do escopo da tríplice contingência e da análise funcional.

Nesse tocante, o autor realça as variáveis externas das quais o comportamento é função, denominando assim, a análise funcional para explicar os determinantes do comportamento (Skinner, 1953). Ao tocar no conceito de análise funcional é fundamental abordar o termo de tríplice contingência. Segundo Skinner (1953), “(...) descrevemos a

contingência dizendo que um estímulo (...) é ocasião na qual uma resposta (...) é seguida por reforço (...). Precisamos especificar os três termos” (p. 108).

O autor descreve o termo contingência para explicitar outro termo denominado processo de discriminação e conclui com dois trechos que ressaltam a importância do conceito: “(...) sua importância em uma análise teórica, assim como no controle prático do comportamento, é óbvia: quando uma discriminação já foi estabelecida, podemos alterar a probabilidade de uma resposta instantaneamente pela apresentação ou remoção do estímulo discriminativo” (p. 119).

Assim, concluindo, destaca:

O comportamento operante quase necessariamente vem a ficar sob este tipo de controle por estímulos, pois são poucas as respostas reforçadas automaticamente pelo próprio organismo sem relação às circunstâncias externas. (...) A vantagem de que uma resposta só ocorra quando tem certa probabilidade de ser reforçada é evidente. (p. 119)

Ao relacionar esse recorte com o comportamento verbal, devemos considerá-lo como comportamento operante que segue as mesmas leis do comportamento operante não verbal, isto é, sujeito às contingências de reforçamento (esquemas de reforçamento, reforçamento positivo e negativo, punição, controle de estímulo e assim por diante).

Ao incluir o comportamento verbal nesse argumento, Skinner (1953) afirma que “O ambiente social abarca vasto número dessas contingências” (p. 120). O que se pode entender como ambiente social, em certa medida, é o comportamento do ouvinte enquanto mediador de consequências para o comportamento do falante e como estímulo discriminativo, ao pensar no comportamento do ouvinte enquanto audiência. Assim, Skinner (1953) finaliza dizendo que:

O comportamento verbal ajusta-se ao padrão da tríplice contingência e fornece muitos exemplos esclarecedores. Aprendemos a nomear objetos pela aquisição de um enorme repertório de respostas, cada uma apropriada a uma dada ocasião. (...) A tríplice contingência pode ser mostrada ao se ensinar uma criança a ler, quando uma resposta determinada é reforçada com “certo” ou “errado” de acordo com a presença ou ausência do estímulo visual apropriado. (p. 109)

Aqui verificamos a importância de considerarmos a tríplice contingência ao lidar com o comportamento verbal e, em especial, no que concerne a aquisição (aprendizagem) e manutenção dele. Na Figura 1 é apresentado um exemplo da relação entre o

comportamento do ouvinte, tanto no papel do mediador de consequências como no papel de audiência para o comportamento do falante.

Nessa situação o ouvinte, enquanto audiência está “funcionando” como estímulo discriminativo e estímulo aversivo para o comportamento do falante. Nesse sentido, a presença do ouvinte, por exemplo, emperrando a passagem, é um estímulo discriminativo aversivo que evoca ou controla uma classe de respostas como “saia da frente” em detrimento a outras respostas verbais no comportamento do falante que, por sua vez, sinaliza um estímulo discriminativo verbal e aversivo para ouvinte. Esse estímulo discriminativo verbal e aversivo evoca, por exemplo, a resposta de sair da frente por parte do ouvinte, que ao fazer isso está mediando uma consequência para a resposta verbal emitida pelo falante, “saia da frente”, que seria a passagem livre ou o caminho aberto, que, por sua vez elimina a ameaça imposta pelo falante ao ouvinte.

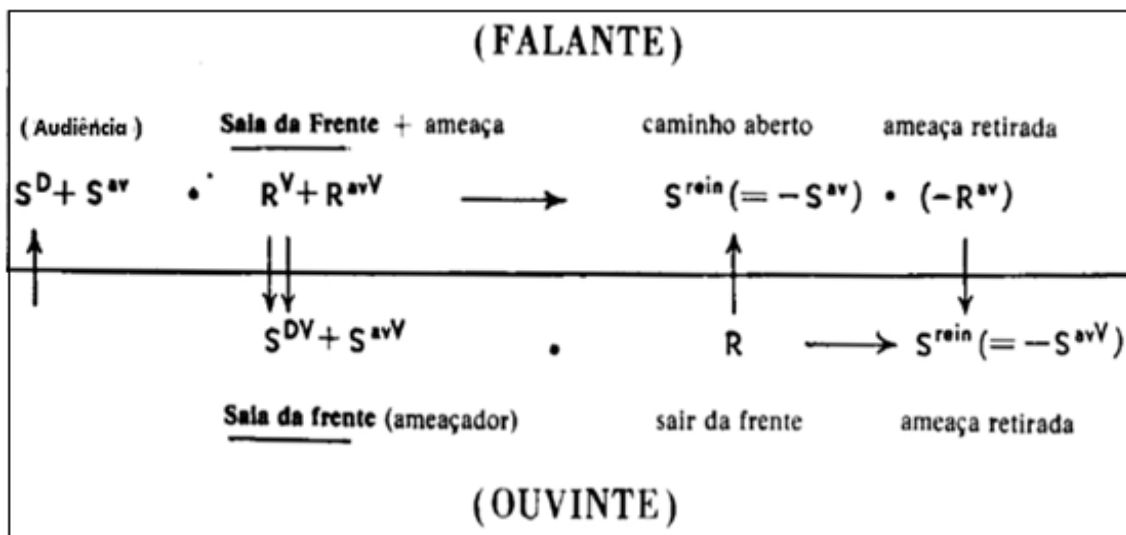


Figura 1. O comportamento do ouvinte diagramado na tríplice contingência. Reproduzido de Skinner (1957/1992) *Verbal Behavior*, p. 39.

Esse exemplo é ilustrativo de como o comportamento verbal pode ser estudado e como o comportamento do ouvinte entra nessa explicação. Além disso, representa a importância de se considerar o comportamento do ouvinte no estudo e no desenvolvimento da área sobre comportamento verbal.

Objetivo

Dadas as constatações de que os analistas do comportamento têm pouco se debruçado na investigação do papel do ouvinte, advindas dos trabalhos dos pesquisadores McPherson et al. (1984), Oah e Dickinson (1989), Eshleman (1991), Andery (2001 e 2010a), Moroz et al. (2001), Dymond et al. (2006) e Fidalgo (2011), e a partir da asserção de Skinner (1957/1992) de que se os ouvintes são responsáveis pelos comportamentos dos falantes e que por isso devemos direcionar maior atenção para o que eles fazem, o objetivo do presente trabalho foi caracterizar e analisar criticamente pesquisas sobre o comportamento do ouvinte (ouvinte e audiência), a partir de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais da área da Análise do Comportamento, focando em aspectos como: número de publicações e seu desenvolvimento ao longo dos anos; as práticas da comunidade dos analistas do comportamento em relação aos conceitos-alvo, ouvinte e audiência, em termos de objeto central ou objeto secundário; os tipos de pesquisas utilizadas na investigação do comportamento do ouvinte; os principais periódicos; os principais temas relacionados; os tipos de delineamentos experimentais mais recorrentes; e os principais autores engajados no estudo do comportamento do ouvinte.

Considerações metodológicas

O propósito desta seção é destacar alguns argumentos que embasaram decisões tomadas no Método. Serão apresentados os critérios de classificação dos artigos segundo a definição das seguintes categorias: Tipo de pesquisa; Delineamentos experimentais; Comportamento do ouvinte como VI ou VD.

1. *Tipo de pesquisa: teórico-conceitual e experimental.*

Considerou-se pesquisas teórico-conceituais aquelas que realizaram uma análise indireta do fenômeno estudado ou que diziam respeito a uma reflexão sobre algum conceito da Análise do Comportamento e cuja coleta e análise dos dados empíricos foram sistemáticos. Conforme destaca Andery (2010b), as pesquisas conceituais ou reflexivas são suportadas por dados que são os próprios resultados e desenvolvimento científico de uma área, um tema, um conceito e, neste tipo de pesquisa o pesquisador trabalha com um dado secundário (relato) com relação ao fenômeno alvo. Pesquisas documentais podem ser enquadradas nesta categoria.

As pesquisas experimentais, segundo Andery (2010b), são definidas como aquelas que o pesquisador manipula variáveis com a finalidade de descortinar processos comportamentais, caracterizando-se como pesquisa básica; e pesquisa aplicada cuja finalidade é de produzir, descrever e validar técnicas fundamentadas nas descrições de processos comportamentais advindo de outras pesquisas, bem como realizar intervenções nestes processos. Apesar da distinção realizada entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, no presente trabalho esses dois tipos de pesquisas serão enquadradas sob o rótulo de pesquisas experimentais com a finalidade de diminuir o nível de interpretação e subjetividade, já que a diferenciação entre uma e outra é marcadamente tênue em termos de delimitação de procedimentos experimentais e de identificação da finalidade do fazer, sendo o fazer direcionado em prol da teoria ou em prol de uma aplicação terapêutica. A esse respeito, Sidman (2011) destaca a importância de cada um, o cientista e o profissional (aplicadores), terem uma relação recíproca de, por um lado, reconhecerem e valorizarem as realizações da Análise Aplicada do Comportamento e, por conseguinte, compreenderem os problemas oriundos deste campo. Por outro lado, destaca as vantagens dos profissionais da área aplicada em terem uma compreensão dos processos básicos bem consolidada, bem como em participarem de pesquisas básicas. Tal dificuldade acerca da diferenciação ganha destaque ao analisar os artigos cujas finalidades não estão explícitas,

a despeito de estarem publicados em revistas com determinadas especificidades. Ainda, conforme anteriormente destacado e de acordo com Sidman (2011), os procedimentos tanto da área aplicada quanto da área básica se assemelham em grau elevado. Seria plausível recorrer a uma clara delimitação acerca dos desdobramentos das pesquisas experimentais como postulada por Baer, Wolf & Risley (1968) em relação ao enquadramento das pesquisas aplicadas, para além da preocupação em examinar comportamentos socialmente importantes, em vez de convenientes para o estudo ou teoria (pesquisa básica), mas, sim, obedecendo aos critérios bem definidos por esses autores para se considerar uma pesquisa com esse caráter. Contudo, apesar dos critérios bem estabelecidos por Baer, Wolf & Risley (1968), pode-se supor certa dificuldade em se encontrar efetivamente pesquisas que contemplem todos esses critérios. Conforme pontuado por Tourinho (1999), os três tipos de pesquisas em questão teórico-conceituais, pesquisa básica e pesquisa aplicada guardam uma relação de complementariedade em que toda produção, de um modo ou de outro, envolve uma aproximação entre os três tipos de pesquisa. Não há trabalho, por exemplo, conceitual que não envolva ou que não se articule com trabalhos empíricos e com demandas relativas a solução de problemas humanos e tal relação também é válida para os outros dois tipos de pesquisa. Devido a essas dificuldades, optou-se por trabalhar apenas com dois polos claramente diferenciados, pesquisa teórico-conceitual e pesquisa experimental.

Método

Documentos

Artigos nacionais ou estrangeiros em que os autores abordam uma proposta conceitual do comportamento verbal destacando os termos ouvinte e/ou audiência.

Seleção dos documentos

1. Palavras de busca

a) As palavras de busca, ouvinte/listener e audiência/audience, foram inseridas no campo de *busca* de sites de periódicos científicos importantes e relevantes para a área, tais como: *The Analysis of Verbal Behavior* (TAVB), *Journal of The Experimental Analysis of Behavior* (JEAB), *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), *The Behavior Analyst* e através do site de busca PUBMED e Portal CAPES; e periódicos nacionais através do próprio site das revistas: *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC) e *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (REBAC) e revista *Perspectivas em Análise do Comportamento* e uma busca foi realizada em arquivos físicos, *Cadernos de Análise do Comportamento*. Foram considerados e selecionados, em primeira instância, todos os trabalhos que apresentaram em seu título, resumo, corpo do texto, ou palavras-chave pelo menos uma das palavras de busca estabelecidas no presente trabalho.

b) Referências bibliográficas

A partir dos artigos e estudos encontrados por meio das palavras de busca, foi realizada a leitura das referências bibliográficas com o objetivo de se localizar novos trabalhos que abordaram os conceitos-alvo.

2. Critério de inclusão e exclusão de artigos

a) Critério de inclusão

Foram incluídos no trabalho todos os artigos que: (a) apresentaram as palavras de busca - ouvinte/listener e audiência/audience - no título, resumo, palavras-chave e/ou objetivo de acordo com o sistema explicativo skinneriano (conforme apresentado a seguir); e (b) e que ouvinte ou audiência fossem selecionados, de alguma forma, com o objetivo do estudo e não apenas sendo citados para explicar outros conceitos.

Para o ouvinte foram considerados os artigos que apresentaram a definição do conceito, conforme pontuado anteriormente, como aquele que proporciona condições para a explicação do comportamento do falante, ou seja, aquele que medeia consequências para o comportamento do falante diante de estímulos verbais produzidos por ele reforçando suas respostas verbais.

Com relação à audiência, os artigos incluídos no presente trabalho foram aqueles que apresentaram o conceito segundo a perspectiva de Skinner (1957/1992), anteriormente destacada, como estímulo discriminativo (estímulo ao falante antes da emissão da resposta) na presença do qual uma resposta verbal é reforçada e a ocasião que controla a força de um grupo de respostas verbais.

b) Critério de exclusão

Os artigos excluídos foram aqueles que não apresentaram correspondência com a proposta skinneriana de comportamento do ouvinte, isto é, trataram o ouvinte como adjetivo ou qualificador, por exemplo, diferenciando um grupo de sujeitos (grupo controle) de outros (grupo experimental - atribuindo a palavra ouvinte como qualidade e não como conceito) e a audiência com a conotação de público-alvo, plateia ou leitores. Ainda estudos que, embora apresentem os termos alvo da investigação de acordo com a proposta skinneriana, apenas os citaram de forma a clarificar outro conceito.

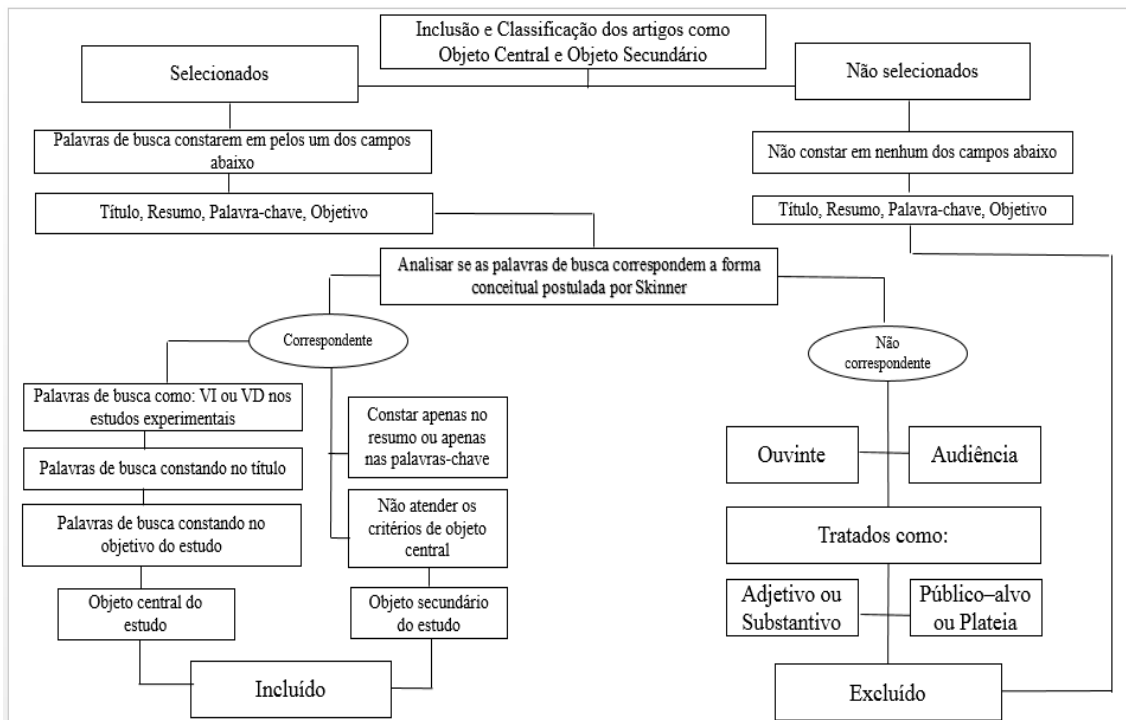


Figura 2. Fluxograma do processo de seleção, inclusão e exclusão e categorização dos artigos como objeto central e objeto secundário.

Procedimento de coleta

A primeira etapa da pesquisa foi realizada no Pubmed em março de 2015 procedendo da seguinte forma: após acessar o site (www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/) clicou-se no botão “Limits”. Após esse clique apareceu na tela campos para realização de filtro de pesquisa. No campo “Limit by journal” foram inseridos os nomes dos quatro periódicos alvo da pesquisa (*Journal Applied Behavior Analysis*, *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *The Behavior Analyst* e *The Analysis of Verbal Behavior*) e em seguida no campo “Search Field Tags”, no espaço “fields” foi selecionada a palavra “Abstract”. Para a palavra *listener** o resultado foi de 47 artigos e para a palavra *audience** foi de 9 artigos filtrados com os critérios expostos acima. O mesmo caminho foi feito apenas alterando a palavra no último campo “Search Field Tags”, no espaço “fields” para “title” o que resultou em 15 artigos para a palavra *listener** e um artigo para a palavra *audience**.

Com o intuito de garantir o máximo de artigos possíveis cujas palavras de busca constassem ao menos em um dos campos, título, resumo, objetivo e ou palavras-chave outras duas buscas foram realizadas.

Foi realizada uma segunda busca no banco de dados do Portal CAPES. A pesquisa no portal CAPES foi conduzida da seguinte forma: na parte lateral esquerda da página clicou-se no botão “buscar assunto” e inseriu-se uma das palavras de busca (*listener* ou *audience*). Ainda na parte esquerda da tela, a pesquisa foi filtrada a partir do “título do periódico”. Clicou-se no botão “mais opções” para selecionar os periódicos alvos da busca (JABA, JEAB, TAVB e *The Behavior Analyst*). Nem sempre, todos os periódicos apareciam como opções a serem clicadas a depender da palavra de busca que estava sendo utilizada. Vale fazer uma ressalva de que os resultados encontrados, por vezes, traziam artigos repetidos, os quais foram excluídos.

Para as seguintes palavras de busca foram encontrados os seguintes resultados:

- *Listener* (apenas JABA) 15 artigos
- *Audience* (nenhum periódico alvo foi apresentado como opção)

Buscando filtrar ainda mais a pesquisa, decidiu-se por agregar às palavras de busca o termo *verbal behavior*. Com o termo *verbal behavior* agregado obteve-se os seguintes resultados:

- *Listener verbal behavior* (JEAB, JABA, TAVB) 58 artigos, incluindo aqueles 15 artigos encontrados com a palavra de busca *listener*

Para a palavra de busca *audience* nenhuma opção dos periódicos selecionados para esta pesquisa apareceu. Portanto, decidiu-se então fazer o seguinte procedimento: após a inserção da palavra de busca *audience verbal behavior* no campo de busca, na parte do filtro “título do periódico” todos os periódicos (nenhum selecionado para pesquisa) foram marcados como “excluir”, com o intuito de filtrar os periódicos na tentativa de encontrar aqueles escolhidos para o presente trabalho, conforme apresentado na figura a seguir. Após esse passo, clicou-se no botão “continuar” e o mesmo caminho foi feito de, na parte “filtro do periódico”, selecionar, após algumas tentativas e exclusão dos periódicos, aqueles periódicos de interesse e que apareceram como opção, TAVB e *The Behavior Analyst* com a opção de “incluir”, o que foi realizado. O resultado, então foi o seguinte:

- *Audience verbal behavior* (TAVB e *The Behavior Analyst*) 3 artigos.

Refinar a busca X		
Incluir	Excluir	Título do periódico
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Argumentation and Advocacy (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Behaviour Research and Therapy (2)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Biological Psychology (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	British Journal of Educational Psychology (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	British Journal of Social Psychology (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Cognition (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Cognitive Psychology (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Gender, Work and Organization (2)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Human Relations (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	International Journal of Music Education (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Journal of Educational Psychology (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Journal of Nonverbal Behavior (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Journal Of Pragmatics (2)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Journal of Psycholinguistic Research (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Journal of Social Issues (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Memory & Cognition (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	PLoS ONE (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Psychology and Aging (1)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Sociometry (1)

Figura 3. Procedimento de busca realizado no Portal CAPES: filtro de seleção de periódicos (inclusão e exclusão).

Devido ao resultado conquistado com esse procedimento realizado com a palavra de busca *audience verbal beavior*, decidiu-se retornar à palavra de busca *audience* e fazer o mesmo procedimento que foi realizado com a palavra de busca *audience verbal beavior* (de exclusão dos periódicos que eram apresentados como opções e que não eram alvos dessa pesquisa). Após inúmeras tentativas alguns erros ocorreram na página e o resultado produzido foi o mesmo de nenhum artigo selecionado para este trabalho aparecer como opção. Então, recorreu-se aos outros campos de filtro de pesquisa como “Tipo de recurso” selecionando a opção “Artigos” e “Artigos de jornal” e posteriormente fazendo a conferência no filtro “Título periódico” para a verificação dos periódicos alvo. O mesmo foi feito com o filtro “tópico” selecionando “*Article*” e “*Studies*”. Nenhum resultado foi encontrado.

A terceira busca por artigos prosseguiu, desta vez, direcionada para aqueles periódicos que tivessem um site próprio. Através do site de busca www.google.com.br foi inserido no campo de busca cada um dos nomes dos periódicos, JABA, JEAB, *The Behavior Analyst* e TAVB.

Para os periódicos JEAB e JABA foram selecionados os links que conduziram, respectivamente, para os sites <http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/%28ISSN%291938-3711> e [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/\(ISSN\)1938-3703/](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)1938-3703/). Para os dois periódicos os mesmos procedimentos foram realizados: na página inicial, clicou-se no botão “*See All*” encontrado ao lado de “*Recently Published Issues*”. Após este passo acessou-se o campo “*search*” localizado na parte superior direita da tela e inseriu-se no campo abaixo de “*In this journal*” as palavras de busca (*Listener** e *Audience**) e em seguida o botão de busca (representado por uma seta) foi clicado. Os seguintes resultados foram encontrados:

Periódico JABA (busca realizada em abril de 2015)

- Palavra de busca *Listener** 124 artigos.
- Palavra de busca *Audience** 101 artigos.

Periódico JEAB (busca realizada em abril de 2015)

- Palavra de busca *Listener** 146 artigos.
- Palavra de busca *Audience** 105 artigos.

Cada artigo foi acessado com o intuito de identificar as palavras de busca através da leitura do título, resumo, objetivo e palavras-chave. Quando não havia no artigo resumo e/ou palavras-chave, recorreu-se a leitura de seu objetivo no corpo do texto.

Para os periódicos nacionais foram acessados os respectivos sites das revistas *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC) e *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (REBAC).

Para a revista *Perspectivas em Análise do Comportamento* procedeu-se como se segue: na página inicial clicou-se no botão superior “Arquivos”. Posteriormente acessou-se cada um dos volumes e os números de cada volume apresentado. Com a apresentação dos nomes dos artigos, acessou-se o artigo através do botão “pdf” encontrado ao lado esquerdo de cada publicação. A partir desse ponto, buscou-se identificar as palavras de busca, ouvinte ou audiência, através da leitura dos campos título, resumo, objetivo ou palavras-chave. Para certificar que nenhum artigo, que apresentasse as palavras de busca

em seu objetivo ficasse de fora da seleção, utilizou-se como ferramenta de auxílio a função localizar (Ctrl + F) nos arquivos em formato PDF em que a palavra de busca era inserida no campo de busca e se esta estivesse no texto seria localizada por esta função. Nenhum artigo, que atendesse aos critérios de inclusão, foi encontrado.

Procedimento semelhante foi adotado com relação a *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (REBAC): os volumes e conseqüentemente os artigos foram acessados a partir do clique feito no botão superior da tela inicial “arquivos”. A partir desse ponto, cada volume com seus respectivos artigos foi acessado, através do clique no botão “pdf” localizado ao lado direito do título de cada artigo. Apenas três artigos foram encontrados, porém um único artigo foi incluído em relação à palavra de busca ouvinte*, o qual também foi selecionado, a partir da palavra de busca audiência*.

Na *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC), na página inicial, acessou-se os artigos clicando no botão “Anteriores” e posteriormente, para filtrar a busca, clicou-se no campo “pesquisa” contido na área “Conteúdo da revista” localizado na parte direita da tela, inserindo as palavras de busca (ouvinte* e audiência*). Para garantir o retorno do maior número possível de artigos, a opção “todos” localizada logo abaixo do campo de busca ficou selecionada. O resultado encontrado foi o seguinte:

- Palavra de busca ouvinte cinco artigos sendo quatro incluídos.
- Palavra de busca audiência quatro artigos, três incluídos.

Para finalizar a coleta de dados, uma busca foi realizada em todos os números da série de *Cadernos de Análise do Comportamento*.

O procedimento de coleta nesta fonte de dados se deu coma leitura dos sumários e dos respectivos títulos dos artigos. Caso, o artigo apresentasse alguma das palavras de busca e ou mencionasse “comportamento verbal” em seu título a leitura completa era realizada e se o conceito fosse correspondente ao sistema explicativo skinneriano ele seria incluído para análise. Nenhum artigo que atendesse aos critérios de inclusão foi encontrado.

A busca direcionada para as referências bibliográficas não retornou nenhum artigo que ainda não tivesse sido coletado. Nas figuras 4 e 5 são apresentados os procedimentos de coleta e o total de artigos incluídos, a partir das palavras de busca *listener*/ouvinte e

listener verbal behavior, *audiencia/audiência* e *audiencia verbal behavior*, respectivamente.

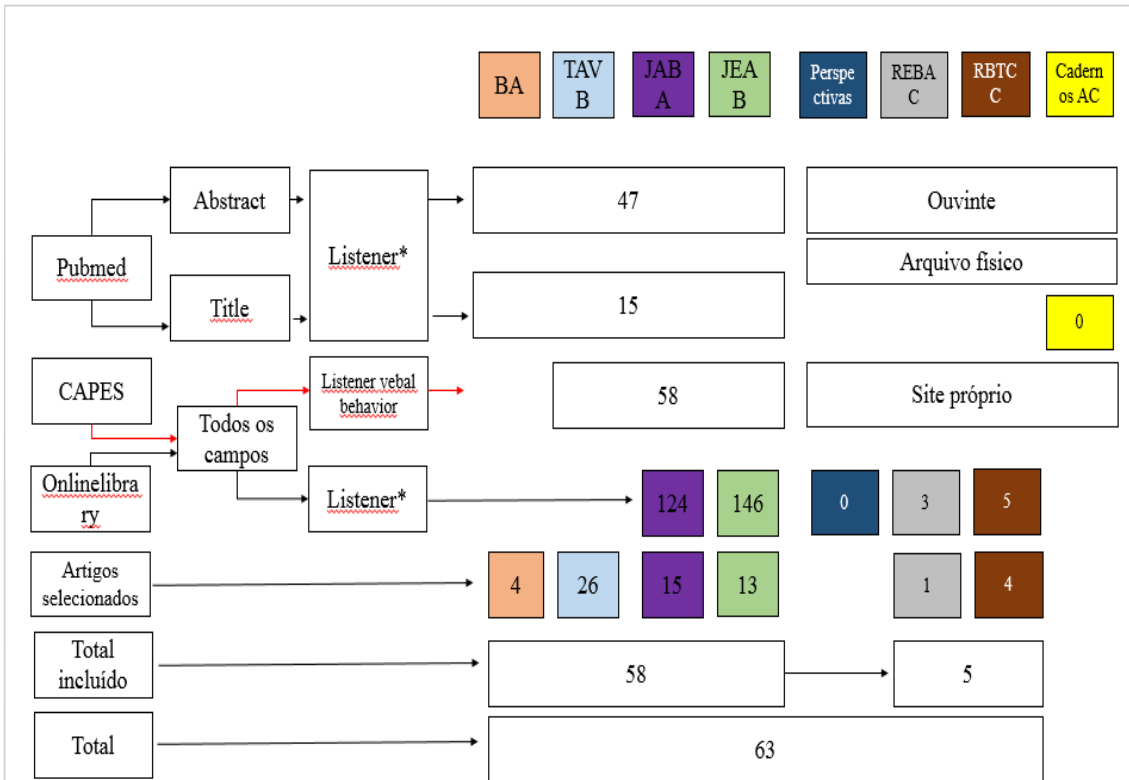


Figura 4. Fluxograma da coleta e da inclusão dos artigos a partir das palavras de busca *listener/ouvinte* e *listener verbal behavior*.

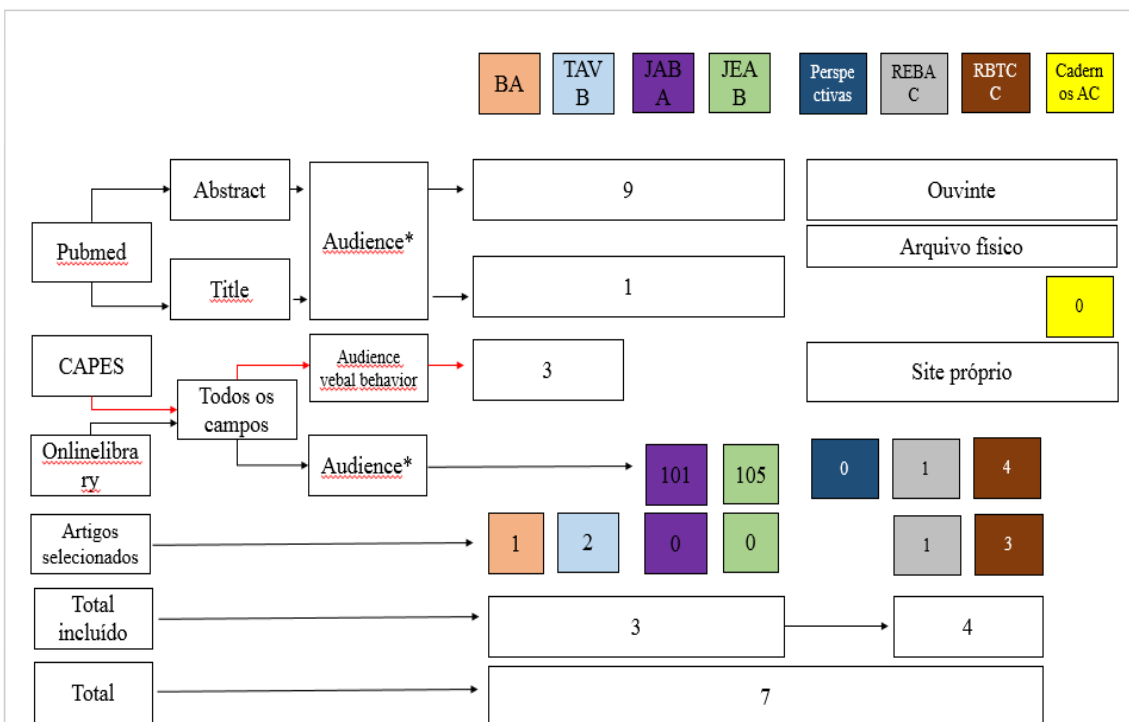


Figura 5. Fluxograma da coleta e da inclusão dos artigos a partir das palavras de busca *audiencia/audiência* e *audiencia verbal behavior*.

Categorias de classificação dos artigos e indicação da análise realizada

A partir dos artigos selecionados e incluídos na pesquisa o registro foi realizado em uma planilha do programa *Microsoft Office Excel 2013*® (exemplo nos Apêndices B e C) e a análise foi feita de acordo com as seguintes categorias:

1. *Anos das publicações dos artigos*: (a) identificação dos anos em que houve os maiores números de artigos publicados a respeito do ouvinte/audiência;(b) tipos de pesquisa que mais focaram ouvinte/audiência e como eles foram tratados (objeto central ou objeto secundário), por ano; (c) identificar os principais temas que foram abordados em cada ano.
2. *Revistas*: (a) identificação das revistas que mais publicaram artigos com os conceitos de ouvinte e/ou a audiência; (b) identificação, por revista, de como o ouvinte e a audiência foram tratados (objeto central ou objeto secundário); (c) temas abordados e os tipos de pesquisa, por revista; (d) identificação do número de autores que publicaram sobre o ouvinte e/ou audiência.
3. *Autores*: (a) identificar os autores que estão estudando o ouvinte e audiência de forma individual; (b) quantidade de estudos publicados pelos principais autores; (c) identificar como estão tratando o ouvinte/audiência (objeto central ou objeto secundário); (d) identificar os anos de suas publicações; e (e) o tipo de pesquisa realizada e os temas mais recorrentes estudados pelos principais autores.
4. *Filiação*: (a) identificar o número de filiações acadêmicas e não acadêmicas dos autores; (b) relacionar com o tratamento dado ao ouvinte e à audiência como objeto central ou objeto secundário; e (c) destacar a nacionalidade das principais instituições
 - Acadêmica: universidades, faculdades, escolas;
 - Não acadêmicas: centros de pesquisa, centros de atendimento a pessoas com problemas diversos (autismo, desenvolvimento atípico, etc.).
5. *Comportamento do ouvinte como objeto central ou como objeto secundário*: Para classificar um artigo como tendo o comportamento do ouvinte como objeto central procurava-se as palavras ouvinte e audiência no título e/ou no objetivo, tanto para as pesquisas experimentais quanto para as pesquisas teórico-conceituais. Com relação às pesquisas experimentais os artigos

também foram classificados como tendo o comportamento do ouvinte como objeto central quando, claramente, ouvinte e/ou audiência foram identificados como variável independente e variável dependente. Aqueles artigos em que se observou ausência dos conceitos no título e ou no objetivo, mas que os apresentaram no resumo, palavra-chave ou corpo do texto foram classificados como tendo o comportamento do ouvinte como objeto secundário. Nesta categoria buscou-se: (a) identificar para cada tratamento, objeto central ou objeto secundário, o número de estudos sobre o ouvinte e a audiência; (b) comparar os tipos de pesquisa em relação ao tratamento dado ao comportamento do ouvinte; e (c) fazer comparação entre revistas

6. *Tipo de pesquisa*⁵: (a) comparar os tipos de pesquisas, experimental (manipulação de VI ou VD) e teórico-conceitual (estudos descritivos, de revisão da literatura, sem manipulação de qualquer variável); (b) destacar as principais revistas para cada tipo de pesquisa; e (c) destacar os principais temas por tipo de pesquisa
7. *Comportamento do ouvinte como VI, VD ou VI/VD*. O comportamento do ouvinte, ouvinte mediador de consequências ou como audiência, sendo estudado através de sua manipulação (VI) para verificar seu efeito em uma variável dependente ou sua alteração (VD) sendo estudada como função da manipulação de uma variável independente. Portanto, esta categoria visou: (a) identificar nas pesquisas experimentais o número de artigos que investigaram o comportamento do ouvinte (ouvinte e/ou audiência) como variável independente, variável dependente ou ambas e compará-las; (b) destacar como comportamento do ouvinte é tratado em cada condição de manipulação de variáveis (c) identificar sua distribuição por revistas; (d) identificar outras variáveis que foram investigadas em relação ao comportamento do ouvinte; e (e) destacar para cada condição os principais temas.
8. *Delineamento e setting das pesquisas*. Os delineamentos experimentais foram classificados considerando os delineamentos de grupo ou de sujeito único dando ênfase para o número de fases apresentado em cada pesquisa (fase única ou duas ou mais fases). Além disso, decidiu-se por destacar uns dos delineamentos mais utilizados pelos analistas do comportamento, o

⁵ Os artigos analisados estão separados por tipo de pesquisa e por classificação de objeto central ou objeto secundário conforme apresentado no Apêndice A.

delineamento de linha de base múltipla. Os demais foram categorizados como “outros delineamentos” e “delineamentos combinados”. Nessas duas categorias constam os delineamentos que não foram identificados como linha de base múltipla, mas que foram identificados como sonda múltipla e tratamento múltiplo e aqueles que não foram descritos pelos pesquisadores. Portanto, esta categoria buscou-se: (a) identificar os delineamentos utilizados nos diferentes tipos de pesquisa sobre o comportamento do ouvinte/audiência e compará-los; e (b) identificar os ambientes/*settings*, nas quais as pesquisas foram realizadas.

Delineamentos:

- Grupo

Entre grupos ou entre sujeitos: o parâmetro dos efeitos das manipulações das variáveis experimentais é avaliado através da comparação entre diferentes grupos de sujeitos.

- Sujeito único

Sujeito único: o parâmetro de comparação é o desempenho do participante como seu próprio controle.

- Reversão: o participante é exposto a diferentes fases experimentais (condição controle e condição experimental) em que há a introdução de uma variável independente e posteriormente há o retorno para fase experimental anteriormente apresentada.

- Linha de base múltipla: neste tipo de delineamento são mensuradas mais de uma variável dependente ao mesmo tempo e as variáveis independentes são introduzidas em momentos diferentes no tempo.

- Delineamento de sonda: através deste delineamento experimental busca-se avaliar a generalização dos efeitos de uma VI para outras VDs, isto é, visa-se investigar se outras VDs que não aquela que foi alvo de mensuração após a introdução da VI, foram afetadas pelas manipulações feitas no experimento.

9. *Participantes das pesquisas:* nesta categoria buscou-se (a) identificar os participantes que foram alvo das pesquisas experimentais; (b) destacar sua distribuição no estudo do ouvinte e da audiência; (c) identificar os

participantes com relação ao tratamento dado ao comportamento do ouvinte (Objeto Central e Objeto Secundário); (d) destacar sua distribuição por revista; e (e) destacar os principais temas para cada categoria de participantes. Os participantes foram divididos em categorias de idade (criança, adolescente, adulto/jovem e idoso), de desenvolvimento típico, atraso no desenvolvimento, com algum tipo de deficiência sensorial e com outro comprometimento.

- a) Foram categorizados como participantes com desenvolvimento típico crianças, adolescentes, adultos jovens (estudantes universitários) ou idosos para os quais não houve caracterização de nenhum diagnóstico de algum transtorno comportamental.
- b) Foram categorizados como participantes com atraso no desenvolvimento ou desenvolvimento atípico aqueles sujeitos para os quais houve caracterização ou diagnóstico de autismo e ou atraso na linguagem, com atraso intelectual, ou com síndrome do alcoolismo fetal e parcial (transtorno invasivo do desenvolvimento).
- c) Foram categorizados como participantes com algum tipo de deficiência sensorial aqueles sujeitos que foram diagnosticados com deficiência visual e com deficiência auditiva.
- d) Foram categorizados como participantes com outro comprometimento os sujeitos que foram diagnosticados com demência severa.

10. *Temas*: (a) identificar os principais temas (através da leitura do título, resumo e objetivo) e compará-los no o estudo do ouvinte e da audiência; (b) destacar os principais temas dos dois tipos de pesquisas; (c) apontar os temas no tratamento do ouvinte como objeto central e objeto secundário; (d) destacar nos principais autores os temas nos quais estudaram o comportamento do ouvinte; e (e) destacar os principais temas por revista.

11. *Palavras-chave*: (a) destacar as principais palavras-chave presentes nas pesquisas sobre o ouvinte e audiência; e (b) destacar as palavras-chave que fazem menção ao comportamento do ouvinte.

Concordância entre Juízes

A concordância entre juízes foi realizada de acordo com os aspectos a seguir:

1. Com base nos critérios de categorização dos artigos selecionados um juiz (pesquisador analista do comportamento) avaliou uma parte dos trabalhos (20%) analisados pelo pesquisador do presente estudo através da leitura do título, resumo, objetivo e palavras-chave dos artigos. Os trabalhos foram selecionados aleatoriamente a partir da listagem geral dos artigos selecionado.
2. O cálculo de concordância entre os juízes foi realizado para cada categoria de análise (Objetivo do Artigo, Ouvinte ou Audiência como VI, VD, ou VI/VD, Ouvinte ou Audiência como Objeto Central ou Objeto Secundário, Tipo de Pesquisa, Temas, Participantes, Tipo de Delineamento e *Setting* da Pesquisa Experimental), a partir da seguinte fórmula:

$$\text{Índice de concordância} = \frac{\text{N}^\circ \text{ de concordâncias}}{\text{N}^\circ \text{ de concordâncias} + \text{N}^\circ \text{ de discordâncias}} \times 100$$

3. Para categoria *temas*, mais de um tema poderia ser identificado e por esse motivo a concordância foi baseada a partir da identificação de um tema correspondente.

O índice de concordância por categorias foi o seguinte: 100% para as categorias Objetivo dos Artigos, Tipo de Pesquisa, Temas, Participantes e *Setting* da Pesquisa Experimental; 86% para as categorias Ouvinte ou Audiência como VI, VD, ou VI/VD, Ouvinte ou Audiência como Objeto Central ou Objeto Secundário e Tipo de Delineamento.

Resultados

A análise dos 70 artigos permitiu traçar o tratamento dado ao estudo do comportamento do ouvinte pelos analistas do comportamento, identificando em seu desenvolvimento, as principais áreas ou temas de investigação, tipos de pesquisa, autores, principais revistas, principais anos de publicações, dentre outros.

Análise a partir dos anos das publicações

Dos 70 artigos analisados 63 foram selecionados a partir do termo ouvinte e oito artigos foram selecionados a partir do termo audiência (incluído o artigo que foi selecionado a partir das duas palavras, audiência e ouvinte). Os artigos selecionados a partir do termo audiência tiveram como ano de início de publicações o ano de 1983 e para os artigos que investigaram o ouvinte o ano de 1984. A publicação do ano de 1983 foi na revista *The Behavior Analyst* para a palavra audiência e no ano de 1984 os artigos com a palavra ouvinte tiveram início das publicações nas revistas *The Behavior Analyst* e JEAB. Caracterizando os artigos de forma qualitativa pode-se afirmar que os primeiros artigos sobre o ouvinte e audiência foram teórico-conceituais e focaram os dois conceitos da seguinte maneira: objeto central para o estudo sobre audiência e para os estudos sobre o ouvinte, dois trataram o conceito como o objeto e um como objeto secundário. Com relação aos temas destacaram-se o controle da audiência, comportamental verbal em animais, comportamento verbal, compreensão e linguagem. Na Figura 6, observa-se um número crescente de publicações sobre o ouvinte e a audiência ao longo dos anos.

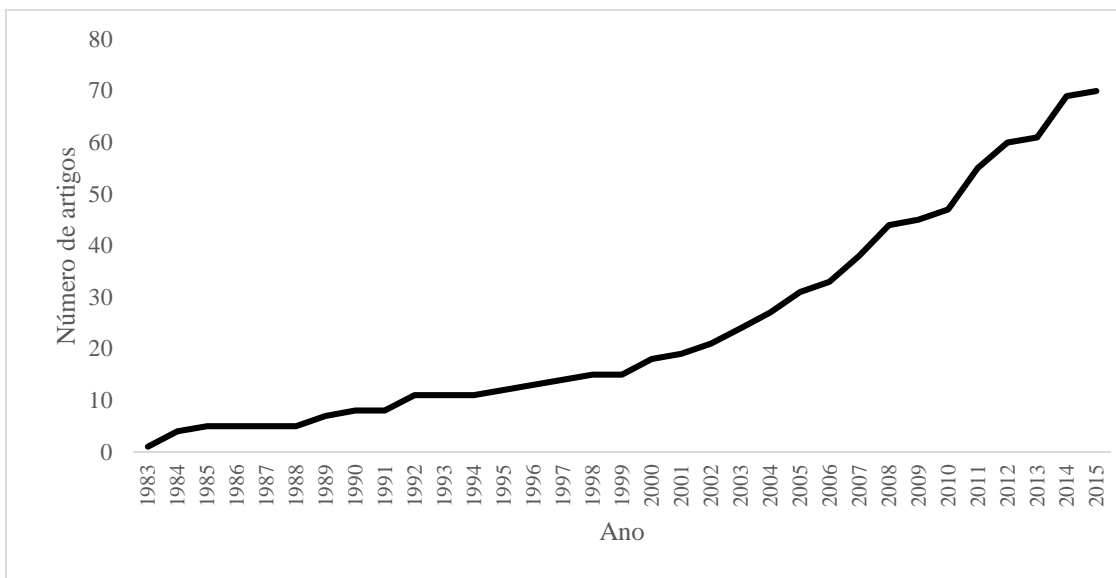


Figura 6. Frequência acumulada de artigos sobre o comportamento do ouvinte por ano.

Apesar de um início com poucas publicações, em torno de um a três artigos por ano, é possível identificar a partir de 2005 um número maior de artigos voltados a estudar o ouvinte, alcançando neste ano cinco publicações de artigos, número este igual em 2012, tendo um aumento para seis publicações de artigos em 2008 e para oito publicações de artigos em 2011 e em 2014. No caso da audiência, observou-se poucas publicações ao longo dos anos, chegando a ter no máximo dois artigos publicados em 2003.

Embora seja possível identificar um aumento nas publicações, este movimento diz mais respeito a publicações voltadas ao ouvinte do que à audiência. Realizando a comparação do número de artigos publicados entre ouvinte e audiência, conforme apresentado na Figura 7, nota-se uma discrepância saliente evidenciada por um número maior de estudos sobre o ouvinte em contraste com estudos sobre a audiência ao longo dos anos.

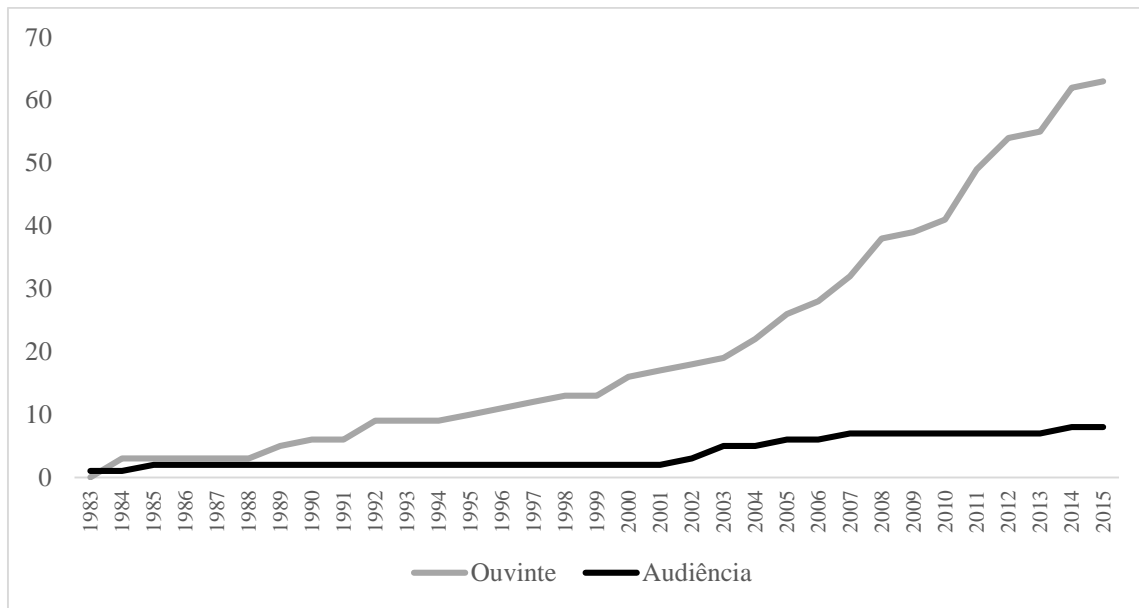


Figura 7. Frequência acumulada de artigos sobre o ouvinte e a audiência por ano.

A diferença é percebida também quando é feita a comparação entre o número de publicações por revista, conforme apresentado na Figura 8. A revista TAVB é a que apresenta o maior número de artigos publicados sobre ouvinte e audiência, chegando a ter um total de 28 artigos publicados durante os anos de 1985 e 2015; seguida respectivamente pelas revistas JABA com total de 15 artigos durante os anos de 1968 e 2015; JEAB com total de 13 artigos durante os anos de 1958 e 2015; e *The Behavior Analyst* com total cinco artigos durante os anos de 1978 e 2015. As revistas RBTCC, cujo início das publicações foi a partir de 1999, publicou um total de oito artigos, e a revista REBAC, cujo início das publicações foi a partir de 2005, obteve um artigo (tanto sobre ouvinte quanto sobre a audiência) no período em questão.

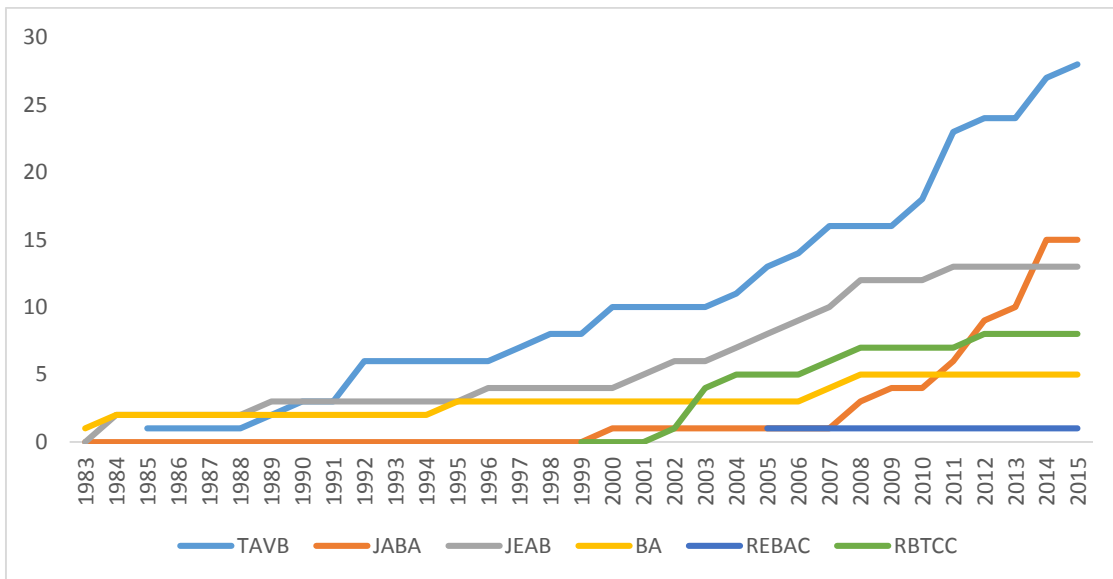


Figura 8. Frequência acumulada de artigos publicados nas revistas por ano.

Pode-se observar que, ao longo do período que se inicia em 1983 e vai até o ano de 2015, o tipo de pesquisa que foi mais utilizada no estudo do comportamento do ouvinte foi a pesquisa experimental com 38 artigos publicados em comparação com a pesquisa teórico-conceitual com 32 artigos publicados. Apesar de ter sido identificada mais pesquisas ao final deste período, ao longo dos anos as pesquisas teórico-conceituais tiveram maior número de artigos publicados, sendo ultrapassada em número de publicações pelas pesquisas experimentais a partir do ano de 2013, conforme apresentado na Figura 9.

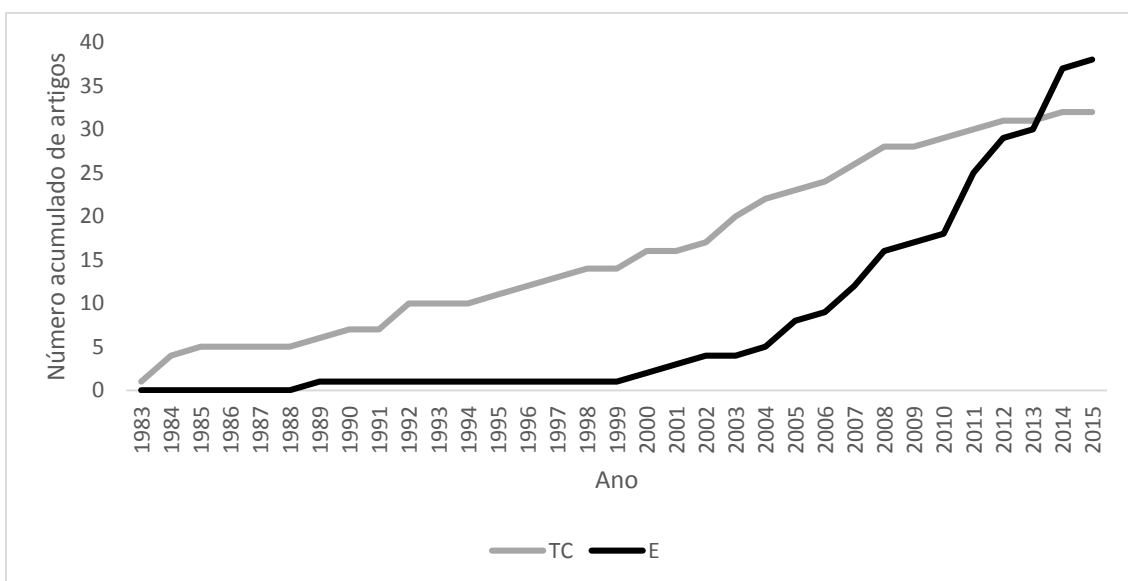


Figura 9. Frequência acumulada de artigos publicados por ano, segundo o tipo de pesquisa.

Similarmente ao número crescente de artigos publicados ao longo dos anos, pode-se notar na Figura 10, uma maior diversidade de temas envolvendo o estudo do comportamento do ouvinte durante esse período, com destaque aos anos de 2003, 2007, 2008, 2011 e 2014 em que se observa um aumento significativo na diversidade dos temas. Nestes anos de 2003, 2007, 2008, 2011 e 2014 não houve um tema que tenha se repetido no estudo do comportamento do ouvinte, apesar do tema de *Equivalência de Estímulos* ter aparecido em quase todos os anos em que se observou o aumento da diversidade de temas. De 1983 até 2015 não houve um tema que estivesse presente em todos os anos em que se publicaram artigos envolvendo o estudo do comportamento do ouvinte. Contudo, houve um tema que apareceu com frequência, em 13 oportunidades por ano durante o período em questão que foi *Relação entre repertório do ouvinte e do falante*, seguido por *Equivalência de Estímulos* e *Nomeação*, ambos com 12 oportunidades apresentadas para o estudo do comportamento do ouvinte.

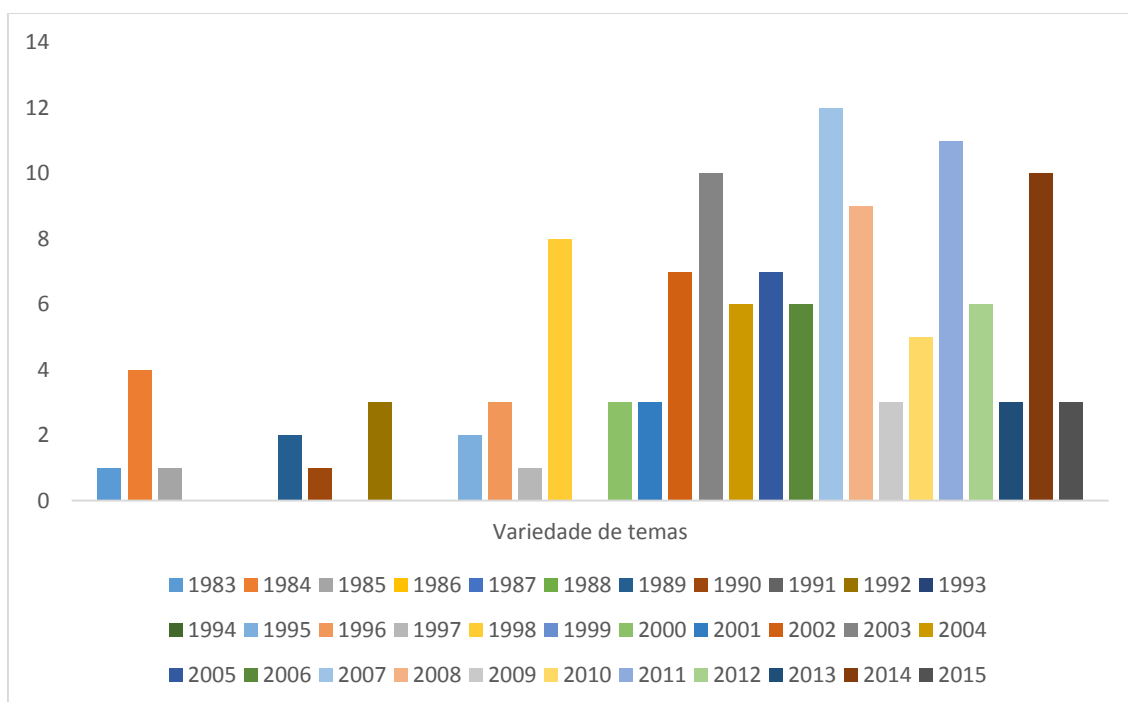


Figura 10. Número de temas abordados nos artigos que estudaram o comportamento do ouvinte.

Análise a partir das revistas

Dentre as seis revistas, como era esperado, TAVB foi aquela que mais publicou artigos envolvendo o estudo do ouvinte enquanto mediador de consequências, seguida por JABA, JEAB, *The Behavior Analyst*, RBTCC e REBAC respectivamente, conforme representado na Figura 11.

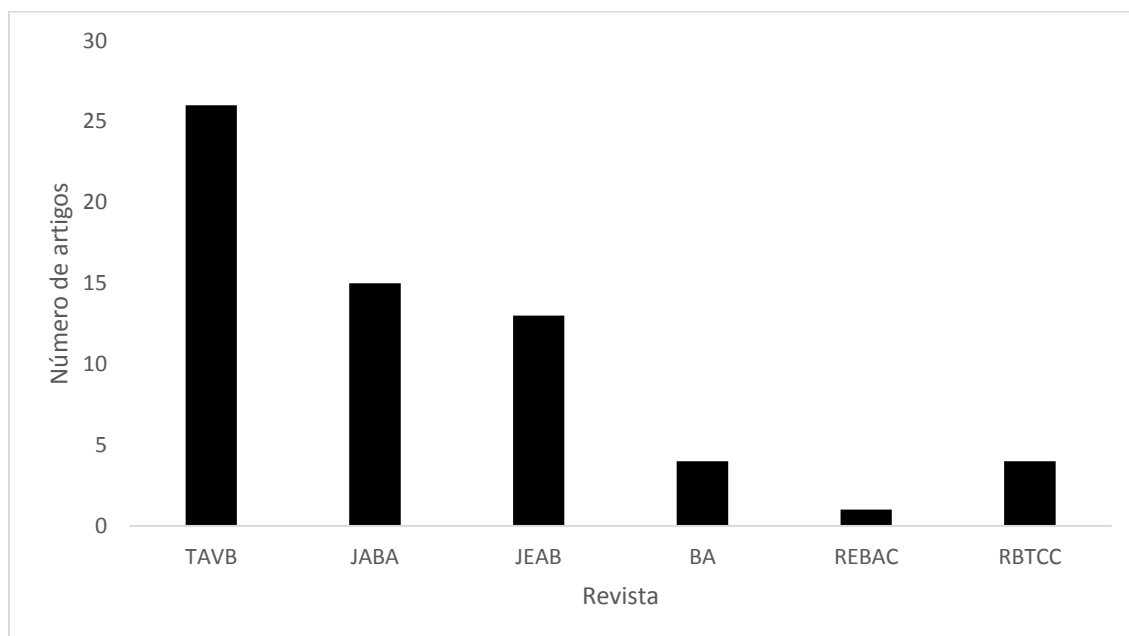


Figura 11. Número de artigos publicados por revista.

Do total das 26 publicações (considerando apenas o ouvinte enquanto mediador de consequências) feitas pela revista TAVB 14 delas foram pesquisas teórico-conceituais e 12 foram pesquisas experimentais. Com relação às pesquisas teórico-conceituais é possível observar uma grande diferença do número de publicações entre a revista TAVB e as demais, JABA, JEAB, *The Behavior Analyst*, RBTCC e REBAC que, do total das suas publicações, dois, três, quatro, quatro e um foram de pesquisas teórico-conceituais, respectivamente. Esse dado mostra que a revista TAVB além de ter publicado mais artigos ao longo desses anos foi a revista que apresentou uma diferença menor entre o número de artigos em relação ao tipo de pesquisa, tendo apenas uma diferença de dois artigos a mais para pesquisas teórico-conceituais (54%) em relação às pesquisas experimentais (46%). A relação completa do tratamento dado ao ouvinte, segundo cada revista, é apresentada a seguir (uma figura para cada revista).

Para revista TAVB destaca-se o grande número de autores (46) engajados no estudo do ouvinte e os temas que foram mais de uma vez abordados dentro das 26

publicações, a saber: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Tato, Equivalência de Estímulos, Nomeação, Intraverbal e Mando.*

No que diz respeito às pesquisas experimentais, verificou-se que na revista em questão o ouvinte foi investigado como VD em 58% dos artigos, enquanto ele foi estudado como VI em 42%. Na Figura 12 é apresentada a relação completa do tratamento dado ao ouvinte, segundo a revista TAVB.

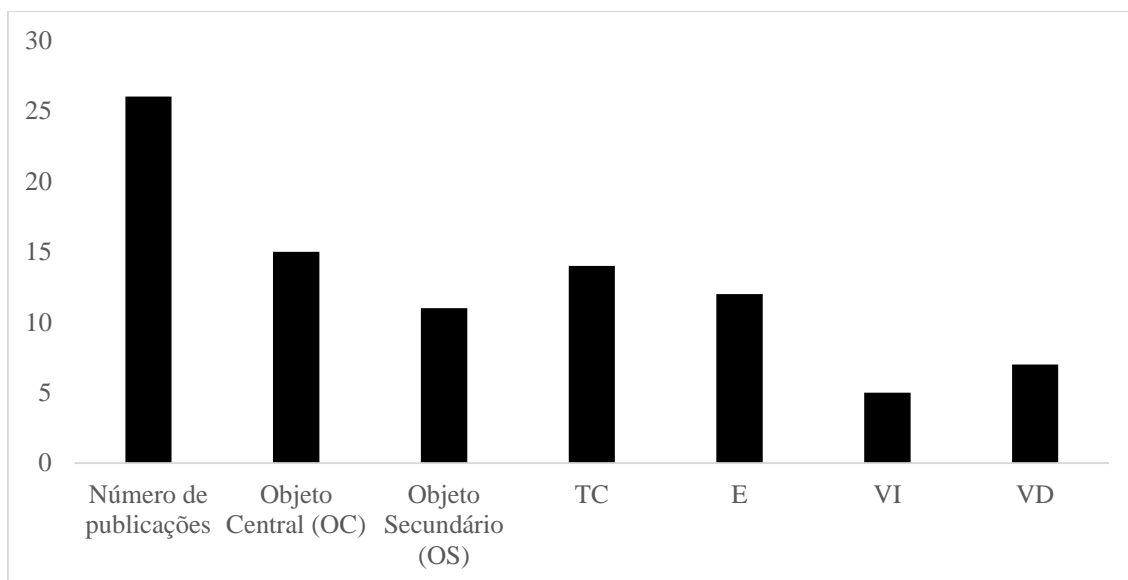


Figura 12. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no TAVB.

A revista JABA foi a segunda em número de artigos publicados. Dos 15 artigos, aproximadamente 87% foram de pesquisas experimentais e 13% foram de pesquisas teórico-conceituais. Dentro do campo das pesquisas experimentais, o comportamento do ouvinte foi tratado como VI, VD, e VI/VD, respectivamente, em 38%, 31% e 23% dos artigos. Apesar de ter 87% de pesquisas experimentais publicadas pela revista, nem todos os artigos trataram o ouvinte como VI, VD ou VI/VD. Em 8% dos artigos o comportamento do ouvinte não foi trabalhado nem como VI e nem como VD, caso este que o comportamento do ouvinte foi identificado como objeto secundário (a palavra ouvinte foi identificada apenas no campo das palavras-chave). Apesar de ter publicado 15 artigos ao longo dos anos, um dado que merece atenção é que nenhuma pesquisa, tanto experimental quanto teórico-conceitual, foi publicada individualmente. Em vista desse dado, o número de autores alcançou mais que o dobro do número de publicações chegando a 35.

Com relação aos temas mais abordados no estudo do ouvinte, na revista JABA destacaram-se: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante*, *Equivalência de estímulos*, *Tato*, *Nomeação* e *Intraverbal*. Na Figura 13, apresenta-se a relação completa do tratamento dado ao ouvinte segundo a revista JABA.

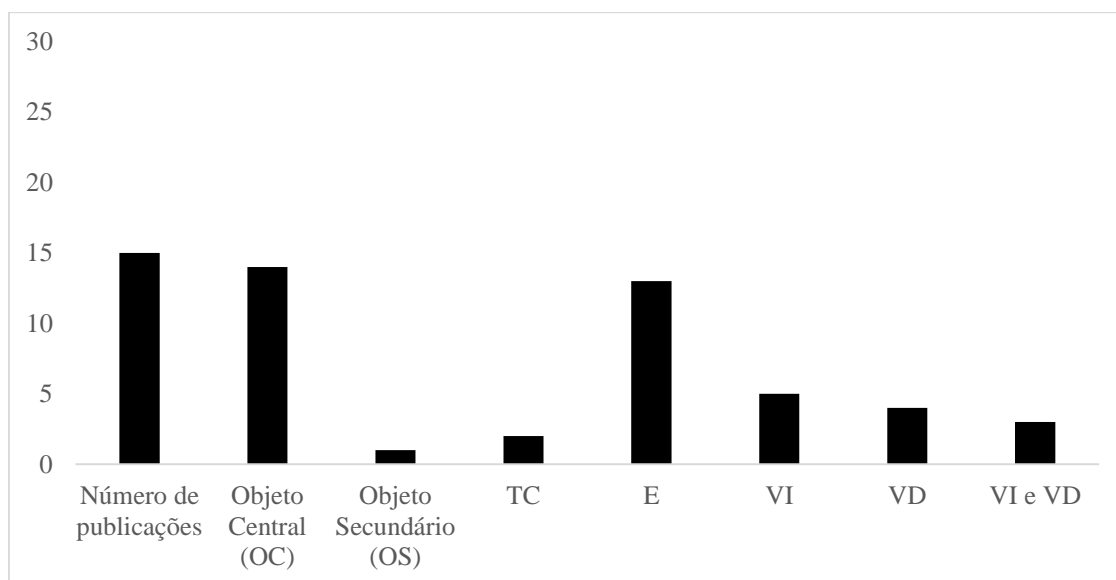


Figura 13. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no JABA.

Referente à revista JEAB, pode-se observar a diferença entre o número de artigos publicados identificados como pesquisa experimental e pesquisa teórico-conceitual. Dos 13 artigos publicados pela revista, aproximadamente 77% foram de artigos de pesquisa experimental e 23% foram de pesquisa teórico-conceitual. Dentre as pesquisas experimentais, o ouvinte foi tratado como VI em 50% dos casos e como VD em 40%. Os 10% restantes, similar a revista JABA, diz respeito à pesquisa experimental que não abordou o ouvinte nem como VI, nem como VD. No tocante aos temas, destacaram-se aqueles que foram abordados mais de uma vez: *Nomeação*, *Equivalência de Estímulos*, *Tato*, *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante*, *Linguagem*. Na maioria dos 13 artigos publicados, os autores trabalharam coletivamente, exceto em dois. Na Figura 14, apresenta-se o tratamento dado ao ouvinte a partir da revista JEAB.

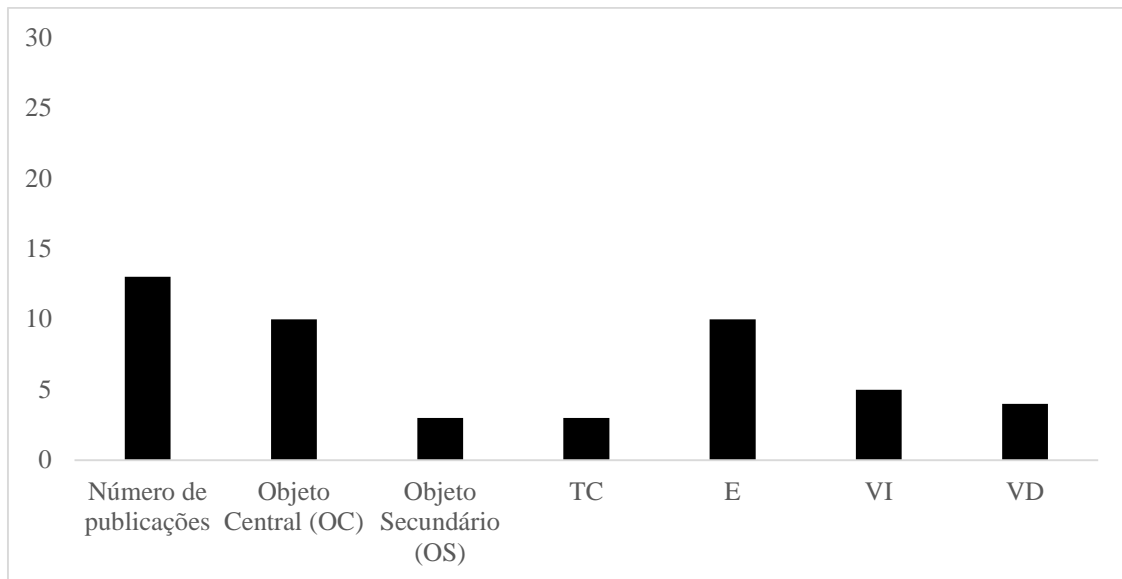


Figura 14. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no JEAB.

Anteriormente foram apresentadas as principais revistas em termos de números de artigos publicados sobre o estudo do ouvinte enquanto mediador de consequências para o comportamento do falante. As demais revistas, embora apresentem um número menos expressivo em termos de quantidade de artigos publicados, trazem dados importantes com relação à forma como o ouvinte está sendo estudado pelos analistas do comportamento. Essas revistas priorizaram as pesquisas teórico-conceituais.

A revista *The Behavior Analyst* teve um total de quatro artigos publicados dentro do período compreendido entre 1978 e 2015. Diferentemente das revistas anteriores, esta revista teve apenas um artigo que foi publicado coletivamente. No que concerne aos temas, destacaram-se aqueles que foram abordados mais de uma vez: *Compreensão e Episódio Verbal*. Na figura 15 é apresentado o tratamento dado ao ouvinte a partir da revista *The Behavior Analyst*.

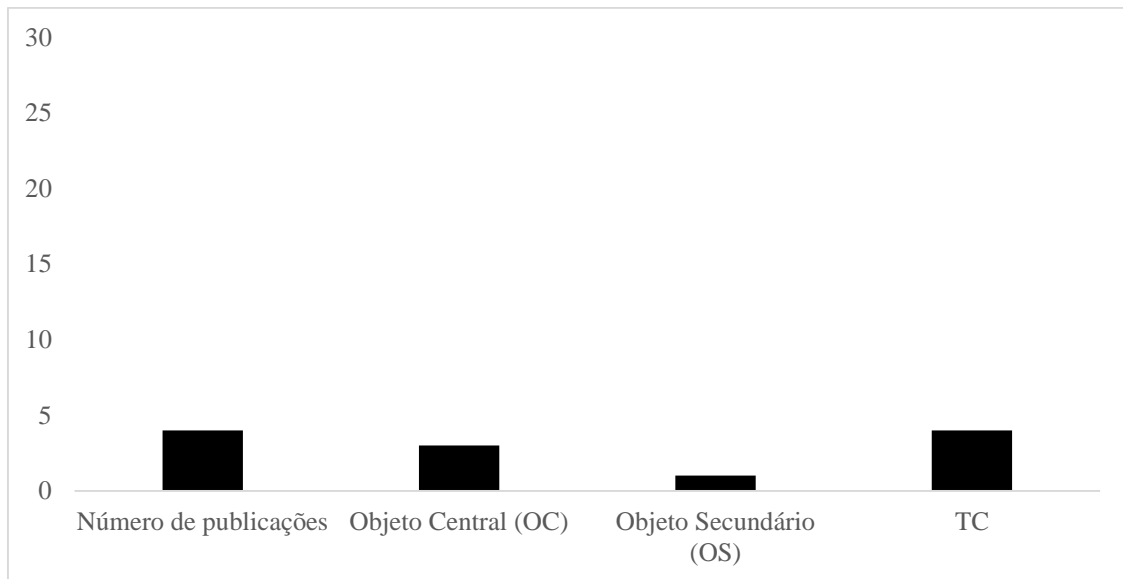


Figura 15. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados no *The Behavior Analyst*.

Ainda no que tange ao estudo do ouvinte, a revista RBTCC publicou quatro artigos que estudaram o ouvinte envolvido nos seguintes temas que foram abordados mais de uma vez: *Comportamento do ouvinte* e *Episódio Verbal*. Na figura 16 é apresentada a relação completa do tratamento dado ao ouvinte pela revista RBTCC.

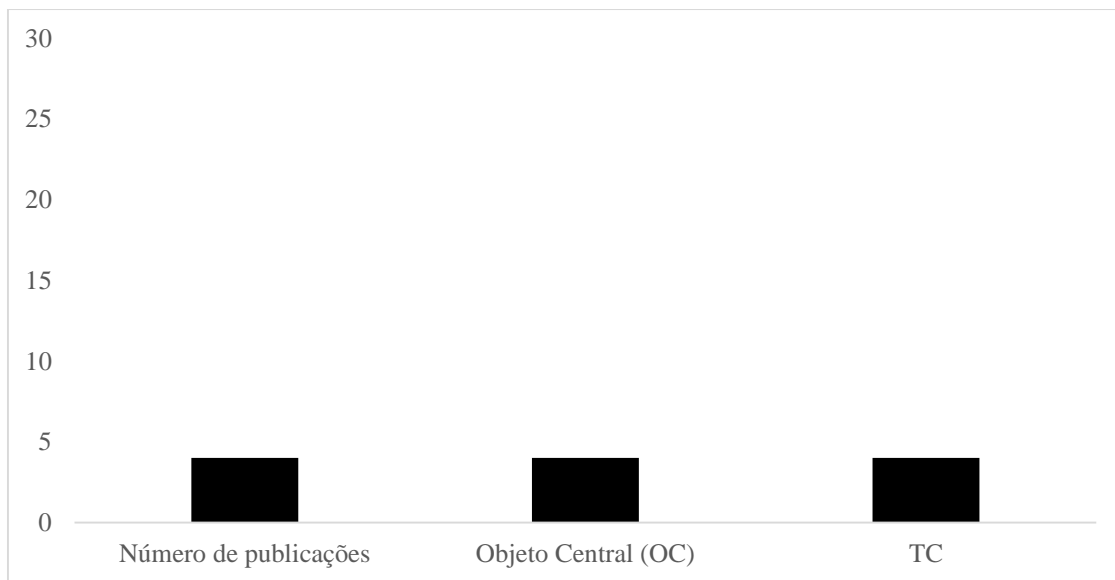


Figura 16. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados na RBTCC.

Por fim, revista REBAC, apesar de ter apenas um artigo publicado, foi a única revista cujo artigo foi encontrado através das duas palavras de busca, ouvinte e audiência. Nesse sentido, tanto o ouvinte, enquanto mediador de consequências, quanto o ouvinte,

enquanto audiência, foram estudados a partir do tema de *Controle Múltiplo*. Na Figura 17 está representado o tratamento dado ao ouvinte, segundo a revista REBAC.

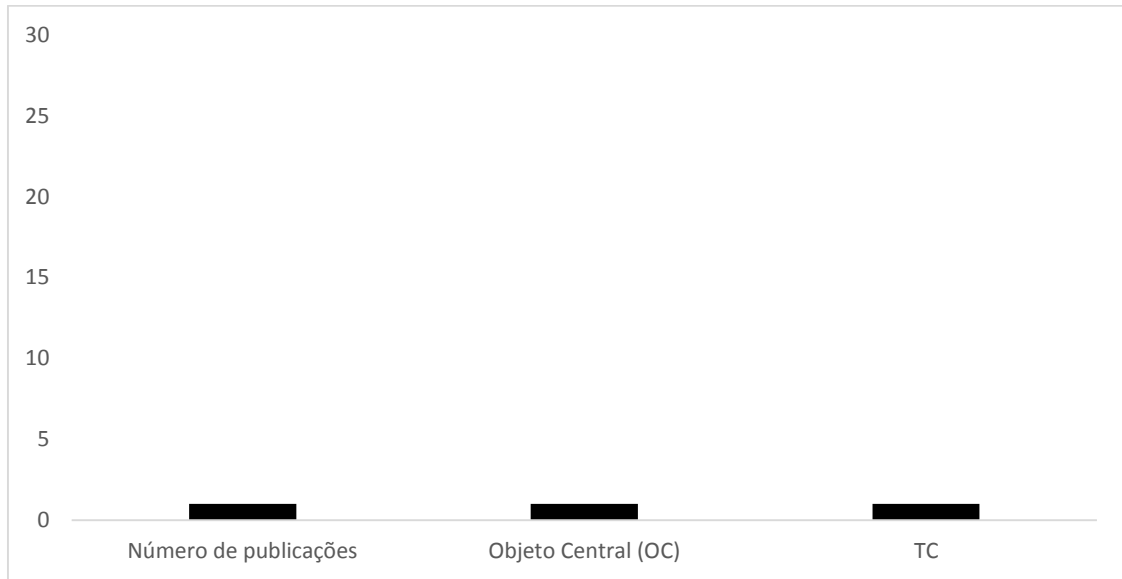


Figura 17. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados na REBAC.

A título de comparação, apresenta-se na Figura 18, o tratamento completo sobre o estudo do ouvinte, segundo as publicações de artigos realizadas pelas seis revistas: TAVB, JABA, JEAB, *The Behavior Analyst* (BA), REBAC e RBTCC.

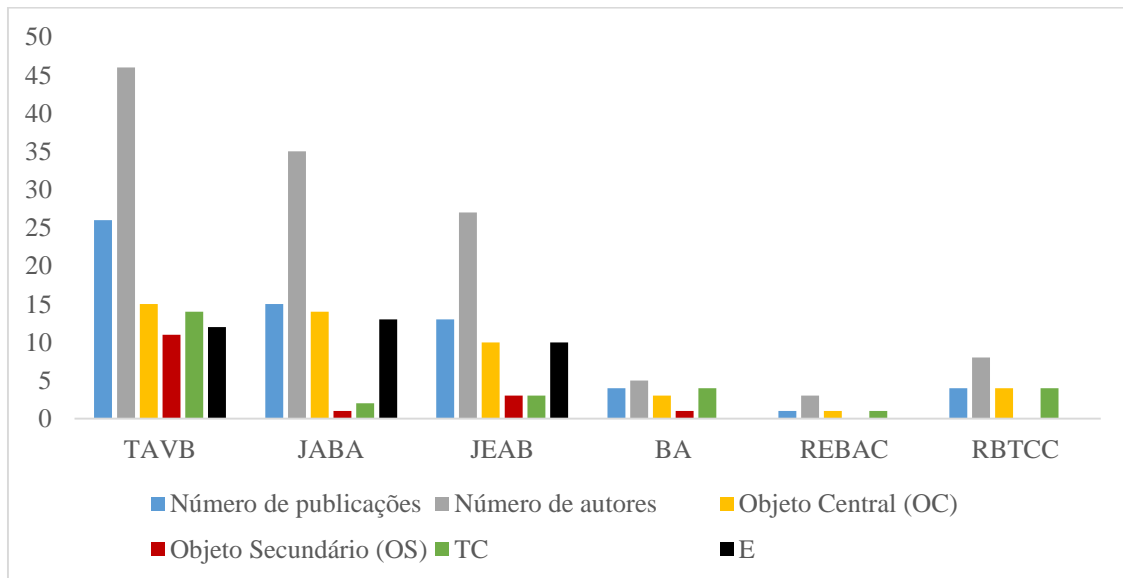


Figura 18. Tratamento dado ao ouvinte em artigos publicados nas revistas: TAVB, JABA, JEAB, *The Behavior Analyst*, REBAC e RBTCC.

Referente ao estudo da audiência, observa-se um número menos expressivo de artigos publicados e nenhum deles foi publicado na revista JABA e JEAB. Destaca-se, porém, que todos eles abordaram a audiência como objeto central. Dos oito artigos publicados (considerando um que foi selecionado tanto pela palavra ouvinte quanto pela palavra audiência) apenas um artigo foi categorizado como pesquisa experimental, sendo a audiência tratada como VI. Considerando as revistas que publicaram artigos cujo estudo foi sobre a audiência, a revista RBTCC foi a que mais publicou artigos sobre o conceito, com o total de quatro artigos; seguida pelas revistas TAVB, com o total de dois artigos; e tanto a revista REBAC quanto a revista *The Behavior Analyst* com o total de um artigo cada. Destacou-se na revista com maior número de artigos sobre audiência, RBTCC, os temas que recorreram: *Terapia Comportamental*, *Comportamento Verbal* e *Controle da Audiência*.

Ainda no que tange aos temas salienta-se, aqueles que estiveram presentes em ambos estudos, tanto o ouvinte como mediador de consequência quanto o ouvinte enquanto audiência, para cada revista destacaram-se: *Comportamento Verbal* e *Operantes Verbais* para RBTCC; *Tato* para TAVB; e *Controle Múltiplo* para a revista REBAC. Na Figura 19, apresenta-se o tratamento dado à audiência a partir de cada revista.

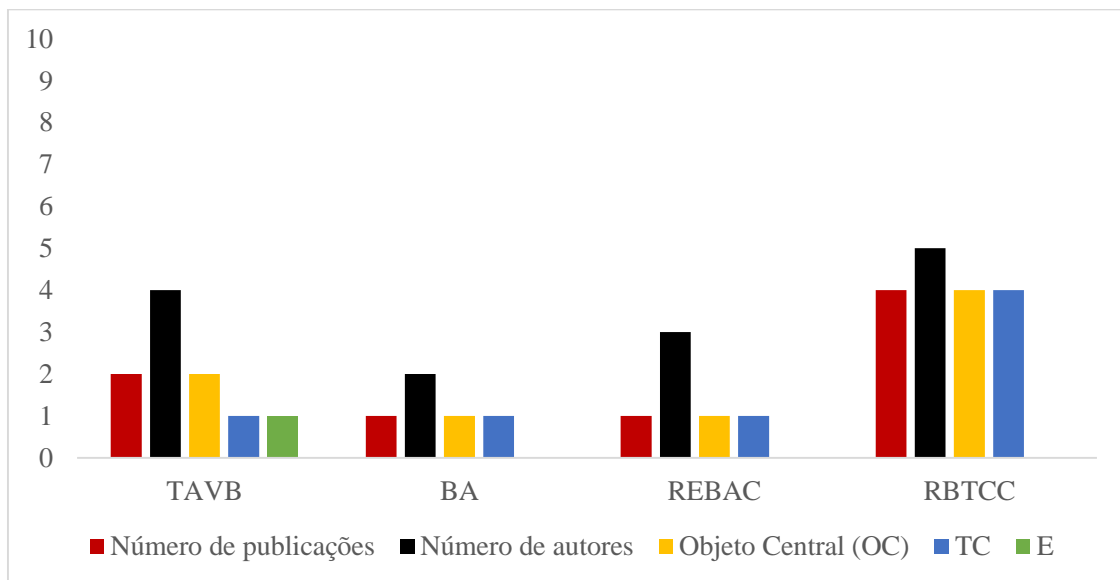


Figura 19. Tratamento dado à audiência em artigos publicados nas revistas: TAVB, *The Behavior Analyst*, REBAC e RBTCC.

Análise a partir dos autores

O número de autores que está estudando o ouvinte e a audiência é superior ao número de artigos publicados, o que sugere que boa parte dos estudos foram conduzidos de forma coletiva. Um total de 122 autores foi contabilizado, dos quais apenas 13% (16) realizaram o estudo sobre ouvinte ou audiência individualmente. Desses 13%, apenas dois autores publicaram mais de uma vez, individualmente, seus estudos. Todos os 18 artigos publicados individualmente foram pesquisas teórico-conceituais, sendo 14 deles sobre o ouvinte enquanto mediador de consequências e quatro sendo sobre a audiência, conforme é apresentado na tabela 1.

Tabela 1.

Autores que realizaram estudos sobre o ouvinte e sobre a audiência de forma individual

Estudos sobre o ouvinte			
Autor	Número de artigos	Revista	Tipo de estudo
Barry Lowenkron	2	TAVB	TC
Chris Cherpas	1	TAVB	TC
David C. Palmer	1	TAVB	TC
Elizeu Borloti	1	RBTCC	TC
E. Sue Savage-Rumbaugh	1	JEAB	TC
Genae A. Hall	1	TAVB	TC
Jack Michael	1	JEAB	TC
Linda J. Parrott	1	BA	TC
Nathan Stemmer	1	TAVB	TC
Sam Leigland	1	TAVB	TC
Ted Schoneberger	2	TAVB	TC
William M. Baum	1	BA	TC
Estudos sobre a audiência			
Autor	Número de artigos	Revista	Tipo de estudo
Carlos Augusto de Medeiros	1	RBTCC	TC
Joseph E. Spradlin	1	TAVB	TC
Maria de Lourdes Rodrigues da Fonseca Passos	1	RBTCC	TC
Nazaré Costa	1	RBTCC	TC

Dos 122 autores, apenas 8%, aproximadamente, debruçaram-se somente na investigação do comportamento do ouvinte enquanto audiência e 89% se dedicaram ao

estudo apenas do ouvinte enquanto mediador de consequências. Porcentagem ainda menor, aproximadamente 3%, é percebida com relação aos autores que investigaram ambos conceitos.

Os autores cujo foco foi somente a audiência, investigaram-na por meio de pesquisas teórico-conceituais (7 artigos), nos quais a audiência foi tratada como objeto central da pesquisa. Apenas em um artigo o conceito foi investigado por meio de pesquisa experimental e, da mesma maneira, foi tratado como objeto central. Quanto aos autores que investigaram o ouvinte, 22%, aproximadamente, foram por meio de pesquisas teórico-conceituais, 70% foram através de pesquisas experimentais, sendo que 8% dos autores realizaram ambas pesquisas. No que se refere ao ouvinte sendo tratado nas pesquisas como objeto central, objeto secundário e tanto um como outro, respectivamente, identificou-se 67%, 28% e 5%. Agora, aqueles autores que investigaram tanto o ouvinte quanto a audiência, todos realizaram pesquisas teórico-conceitual, porém cerca de 50% realizaram também pesquisa experimental. Na tabela 2 são ilustrados os resultados referentes à porcentagem dos autores com relação ao tratamento dado ao comportamento do ouvinte.

Tabela 2.

Porcentagem dos autores segundo o tratamento dado ao ouvinte com relação ao tipo de pesquisa e ao objeto de estudo

Conceitos estudados	% de autores	TC	TC e E	E	OC	OS	OC e OS
Ouvinte	89%	22%	8%	70%	67%	28%	5%
Audiência	8%	86%	-	14%	100%	-	-
Ouvinte e audiência	3%	50%	50%	-	100%	-	-

Nota: TC – pesquisa teórico-conceitual; E – pesquisa experimental; TC e E – pesquisa teórico-conceitual e experimental; OC – comportamento do ouvinte tratado como objeto central; OS – comportamento do ouvinte tratado como objeto secundário; OC/OS – comportamento do ouvinte tratado como objeto central e como objeto secundário.

Do total de autores, pode-se destacar aqueles que estão se engajando mais no estudo do comportamento do ouvinte e que publicaram mais de cinco pesquisas sobre os conceitos em questão, são eles apresentados em ordem decrescente do número de artigos publicados, conforme a tabela 3.

Tabela 3.

Principais autores engajados no estudo do comportamento do ouvinte

Autor	Total de artigos	Artigos	
		Ouvinte	Audiência
Caio F. Miguel	8	8	1
R. Douglas Greer	7	7	
Anna Ingeborg Petursdottir	7	7	
Pauline J. Horne	7	7	
C. Fergus Lowe	5	5	

Conforme apresentado na tabela 3, o autor que mais pesquisou sobre o comportamento do ouvinte foi Caio Flávio Miguel com oito pesquisas que representam aproximadamente 11% do total de artigos publicados entre 1983 e 2015. Das oito pesquisas realizadas por ele, uma abordou tanto o ouvinte como mediador de consequências quanto o ouvinte como audiência. Este autor também foi o único a ter publicações em quatro das seis revistas pesquisadas tendo três artigos publicados em cada uma das revistas TAVB e JABA e um artigo publicado tanto no JEAB quanto na REBAC. Outro destaque que merece atenção é que todas as pesquisas deste autor trataram o ouvinte como objeto central sendo elas pesquisas experimentais ou pesquisas teórico-conceituais. No que concerne às pesquisas experimentais o ouvinte foi investigado como VI em seis delas e como VD em uma delas. O ouvinte como VI foi investigado a partir (a) do treino de discriminação receptiva em conjunto com o treino de tato múltiplo para ensinar respostas intraverbais vocais relacionadas tematicamente para crianças com desenvolvimento típico; (b) dos efeitos do treino do comportamento do ouvinte na emergência de comportamento do falante (tato e mando) não treinado em crianças com atraso intelectual; (c) dos efeitos do treino do ouvinte (discriminação condicional) no estabelecimento de classes de equivalência contendo palavras ditadas, imagens e palavras impressas em crianças diagnosticadas com autismo; (d) dos efeitos do treino do ouvinte (discriminação condicional) com moedas na aquisição de novas relações de estímulos,

operantes textual, intraverbal e tato; (e) dos efeitos do treino do ouvinte no estabelecimento de respostas de categorização e comportamento do falante (tato); e (f) dos efeitos do treino separado do comportamento de ouvinte e falante na aquisição de respostas de categorização de figuras desconhecidas. Com relação ao ouvinte sendo investigado como VD, o autor estudou o comportamento do ouvinte como função do treino de tato.

Referente à única pesquisa teórico-conceitual, Caio Flávio Miguel buscou apresentar a formulação de Skinner a respeito das variáveis responsáveis pelo comportamento de humor, tendo o ouvinte como parte essencial no episódio verbal ao prover consequências reforçadoras para o comportamento do falante.

As duas primeiras pesquisas publicadas pelo autor datam de 2005 e a partir daí, pode-se observar, em certa medida, uma regularidade de pesquisas sendo publicadas durante os anos de 2008, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

No que se refere aos temas, o autor estudou o comportamento do ouvinte sob o prisma da *Nomeação*, *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante*, *Equivalência de estímulos*, *Comportamento do ouvinte* (através da discriminação receptiva), *Tato*, *Mando*, *Controle Múltiplo* e *Comportamento Verbal*. Desses temas, *Nomeação*, *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante* e *Equivalência de Estímulos* foram os que mais apareceram nos estudos do referido autor. Na figura 20 é apresentada o tratamento dado ao ouvinte, segundo o autor Caio Flávio Miguel.

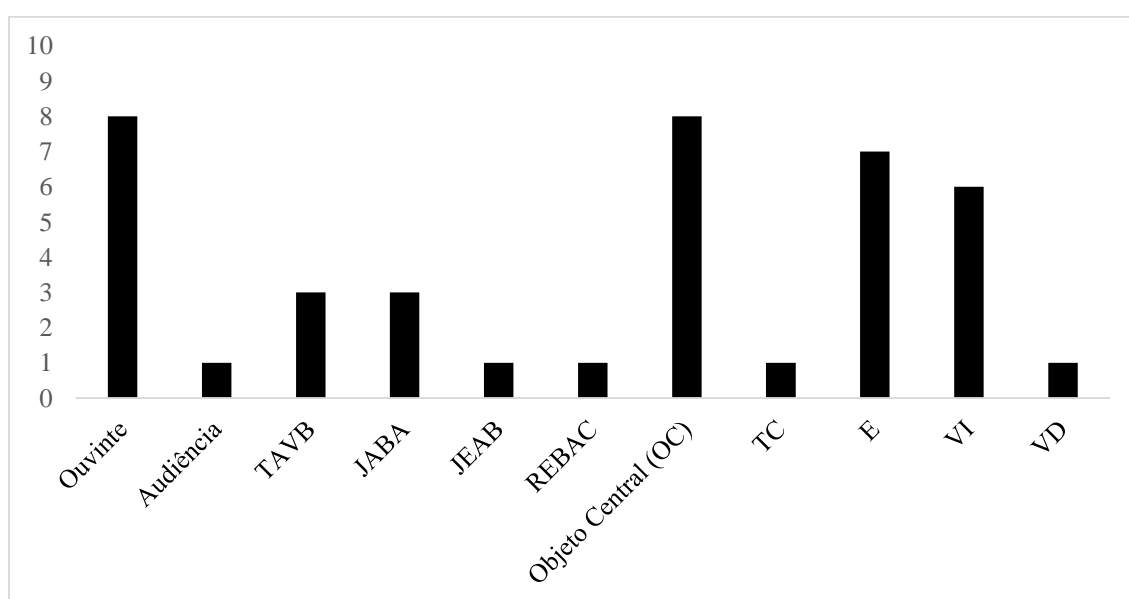


Figura 20. Tratamento dado ao comportamento do ouvinte, segundo Caio Flávio Miguel.

Outro autor que teve grande engajamento no estudo do ouvinte foi R. Douglas Greer com 10% (7) de artigos publicados. Das sete pesquisas realizadas pelo referido autor, apenas uma foi pesquisa teórico-conceitual e foi também a única a abordar o ouvinte como objeto secundário. As demais, foram pesquisas experimentais tratando o ouvinte como objeto central e como VD. No que diz respeito ao ouvinte ser trabalhado como VD, Greer estudou as seguintes respostas do ouvinte: (a) respostas não ensinadas de ouvinte (respostas de nomeação) sendo resultado de Instrução Exemplar Múltipla (MEI); (b) utilização de quadros autoclíticos através de respostas do ouvinte e falante sendo resultado de Instrução Exemplar Múltipla (MEI); e (c) unidades conversacionais através do comportamento do falante como ouvinte sob condições de brinquedos antropomórficos e condições de brinquedos não antropomórficos.

O primeiro artigo publicado por R. Douglas Greer data de 1989 (JEAB). Após este ano, Greer só voltou a publicar pesquisas sobre o ouvinte em 2005, 2007, 2010 e três em 2011. A principal revista a publicar seus artigos foi TAVB (com seis artigos). Greer estudou o ouvinte por meio dos seguintes temas: *Nomeação, Equivalência de Estímulos, Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Tato, Mando, Autoclítico e Reforçamento condicional*. Na Figura 21 é apresentado um quadro geral do tratamento dado ao ouvinte, segundo R. Douglas Greer.

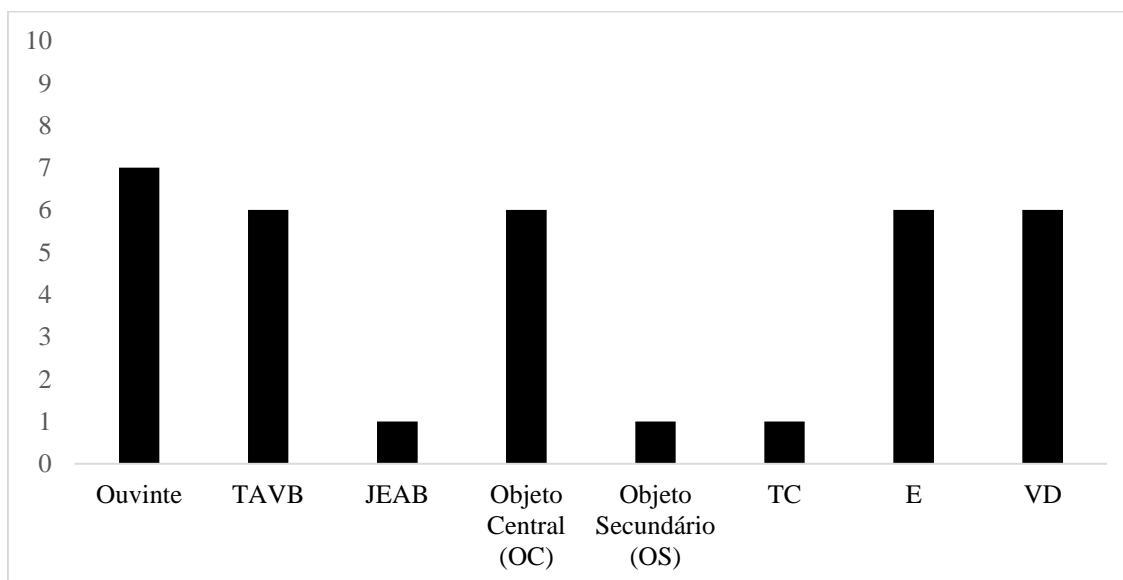


Figura 21. Tratamento dado ao ouvinte, segundo R. Douglas Greer.

Seguindo com os autores que mais se debruçaram no estudo do ouvinte, destaca-se uma autora que também publicou sete artigos, Anna Ingeborg Petursdottir. Semelhante

a R. Douglas Greer, Anna Ingeborg Petursdottir investigou o ouvinte basicamente por meio de pesquisas experimentais, seis do total de sete, sendo que apenas em uma dessas pesquisas o ouvinte foi considerado objeto secundário. Nas outras cinco pesquisas experimentais o ouvinte foi estudado como VI (em três ocasiões) e como VI/VD (em duas ocasiões). O ouvinte apenas como VI foi estudado através (a) do treino de discriminação receptiva mais o treino de tato múltiplo na aquisição de respostas intraverbais vocais relacionados tematicamente em crianças com desenvolvimento típico; (b) treino do ouvinte em conjunto com o treino de tato na emergência bidirecional de relações intraverbais; e (c) o treino do ouvinte separadamente do treino do falante na aquisição de respostas de categorização de figuras. O ouvinte sendo tratado como VI/VD foi estudado, em uma das pesquisas, objetivando investigar o efeito do treino do ouvinte e do treino do operante intraverbal (VI) na emergência de habilidades de categorização não treinadas (VD). Em outra pesquisa o ouvinte foi investigado comparando os efeitos do treino do ouvinte (VI), tato e intraverbal na aquisição e emergência de relações não treinadas de língua estrangeira (VD). Por fim, na única pesquisa teórico-conceitual realizada pela autora, o ouvinte foi tratado como objeto central do estudo, cujo objetivo foi revisar recomendações sobre o sequenciamento de protocolos de instrução de linguagem tanto expressiva quanto receptiva. As sete pesquisas conduzidas pela autora são dos anos de 2005, 2008, 2009, 2011 e 2012.

A investigação feita por Anna Ingeborg Petursdottir teve os seguintes temas: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Equivalência de Estímulos, Linguagem, Nomeação, Comportamento do ouvinte, Tato e Intraverbal*. Na Figura 22 é apresentado um quadro geral do tratamento dado ao ouvinte, segundo a autora Anna Ingeborg Petursdottir.

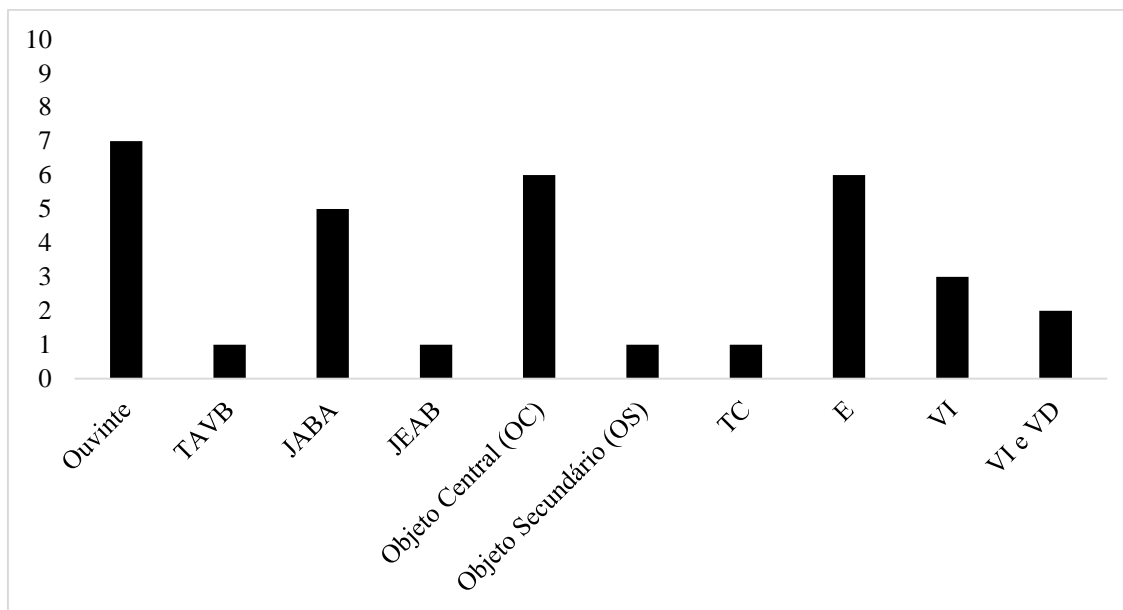


Figura 22. Tratamento dado ao ouvinte, segundo Anna Ingeborg Petursdottir.

Pauline J. Horne, com sete artigos publicados, é mais uma autora que merece destaque. A autora estudou o ouvinte, em seis de seus artigos, através de pesquisa experimental e em um artigo através de pesquisa teórico-conceitual. Na única pesquisa teórico-conceitual, o ouvinte foi tratado como objeto secundário na investigação, na qual ela buscou especificar a linguagem ou unidade básica do comportamento verbal, identificada como relação de nomear, e mostrar como essa relação é aprendida. Nas demais pesquisas, as experimentais, Pauline J. Horne investigou o ouvinte enquanto VD em duas ocasiões por meio (a) dos efeitos do reforçamento contingente sem modelagem e com modelagem da resposta correta e investigar se esse procedimento alteraria o repertório do falante e do ouvinte; e (b) das respostas de categorização e surgimento do comportamento do ouvinte em função do treino de tato. Nas demais pesquisas, o ouvinte foi investigado pela autora enquanto VI através (a) do treino do ouvinte no estabelecimento de resposta de nomeação e categorização em crianças de desenvolvimento típico; (b) do treino de tato (envolvendo tanto o comportamento do ouvinte quanto o do falante) sobre a transferência de função de estímulos; e (c) treino de ouvinte e treino de tato no estabelecimento de respostas de nomear partes do corpo e a correspondência não treinada de toques nas partes do corpo em crianças com desenvolvimento típico.

As pesquisas conduzidas pela autora foram publicadas no JEAB (seis) e no JABA (uma) a partir de 1996 e seguindo pelos anos de 2000, 2002, 2004, 2005, 2006 e 2011.

Pauline J. Horne teve na sua investigação sobre o ouvinte os seguintes temas: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Nomeação, Equivalência de Estímulos, Tato, Linguagem e Análise Funcional*. Na figura 23, apresenta-se o quadro geral do tratamento dado ao ouvinte pela referida autora.

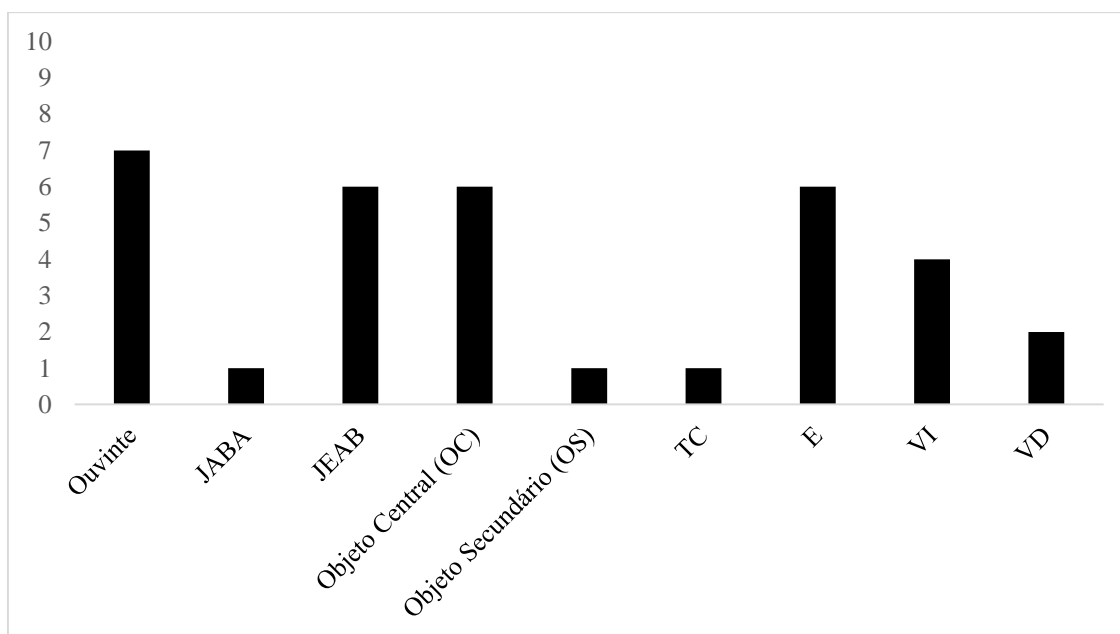


Figura 23. Tratamento dado ao ouvinte, segundo Pauline J. Horne.

Com relação aos autores que mais publicaram artigos sobre o ouvinte, por fim destaca-se C. Fergus Lowe que chegou a publicar cinco artigos que representam 7% do total. Desses cinco artigos, apenas um foi de pesquisa teórico-conceitual (realizada em conjunto com a autora Pauline J. Horne). Portanto, o ouvinte em termos de pesquisa teórico-conceitual, foi tratado pelo C. Fergus Lowe como objeto secundário tendo como objetivo elucidar a aprendizagem da relação denominada como nomeação. Já nas pesquisas experimentais, o ouvinte foi identificado como objeto central sendo estudado, basicamente, como VI por meio (a) do treino do ouvinte surtindo efeito em respostas de nomeação e categorização em crianças com desenvolvimento típico; e (b) do treino de tato envolvendo o comportamento do ouvinte (nomeação) surtindo efeito na transferência de função de estímulos, e como VD por meio de respostas de categorização e surgimento do comportamento do ouvinte em função do treino de tato.

Todas as pesquisas realizadas por C. Fergus Lowe foram publicadas no JEAB nos seguintes anos: 1996, 2002, 2004, 2005 e 2006.

A investigação do ouvinte realizada pelo autor teve como principais temas: *Nomeação, Equivalência de Estímulos, Linguagem, Tato e Análise Funcional*. Na Figura 24, apresenta-se o quadro geral sobre o tratamento dado ao ouvinte pelo autor em questão.

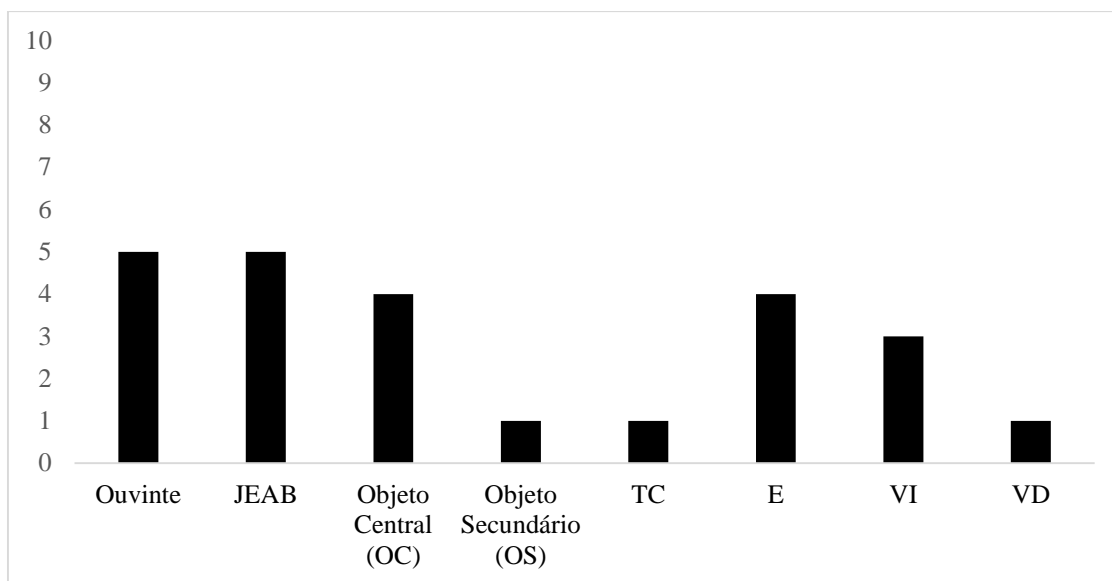


Figura 24. Tratamento dado ao ouvinte, segundo C. Fergus Lowe.

Análise a partir da filiação

Do total dos 70 artigos coletados e analisados no presente trabalho, identificou-se 48 instituições, tanto instituições acadêmicas, como escolas, faculdades e universidades, quanto instituições não acadêmicas, como centros de tratamento, centros de pesquisa e centros de atendimento a pessoas com problemas variados, vinculados ou não às instituições acadêmicas. Das 48 instituições, 10 foram identificadas como não acadêmicas e 38 como instituições acadêmicas.

Das instituições acadêmicas, a que aparece com o maior destaque em termos de número de referências é a *California State University* presente em 11 artigos, seguida da *Columbia University* presente em sete artigos, *University of Wales* que foi identificada em seis artigos e a *Western Michigan University* identificada em cinco artigos. Dentre essas instituições em destaque, apenas a *Western Michigan University* foi identificada em um artigo que investigou o comportamento do ouvinte tanto como mediador de consequências quanto como audiência. As demais foram identificadas em artigos que trataram basicamente do ouvinte. Observou-se também que, além da *Western Michigan University*, outras três instituições foram identificadas em ambos os estudos sobre o

comportamento do ouvinte: Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio de Janeiro e *University of Wisconsin*. Nas tabelas 4 e 5 são apresentadas, respectivamente, as listas de instituições não acadêmicas e acadêmicas aos quais os autores estão filiados e sua relação com o estudo do ouvinte e da audiência.

Tabela 4.

Número de artigos sobre o ouvinte e a audiência por instituições não acadêmicas

	Filiação	Estudo	
		Ouvinte	Audiência
Não acadêmicas	Marcus Autism Center	3	
	Parenting Partnerships	1	
	Child Study Center	1	
	Regional Center of the East Bay	1	
	Carbone Clinic	1	
	Sundberg & Associates	1	
	Munroe-Meyer Institute	1	
	Welsh Centre For Learning Disabilities	1	
	The Scott Center for Autism Treatment	1	
	CeAC – Centro de Análise do Comportamento		1

Tabela 5.

Número de artigos sobre o ouvinte e a audiência por instituições acadêmicas

	Filiação	Estudo	
		Ouvinte	Audiência
Acadêmicas	California State University	11	
	Columbia University	7	
	University of Wales	6	
	Western Michigan University	5	1
	Emory University School of Medicine	3	
	Southern Illinois University	3	
	Universidade de São Paulo	3	
	University of Massachusetts Lowell	3	
	University of Wisconsin	2	1
	Universidade Federal de São Carlos	2	
	Youngstown State University	2	
	University of Akureyri	2	
	Texas Christian University	2	
	Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1
	Universidade de Brasília	1	1
	University of North Texas	1	
	Universidade Federal do Pará	1	
	Bar-Ilan University	1	
	Smith College	1	
	Gonzaga University	1	
	New England Center for Children	1	
	Auburn University	1	
	Georgia State University	1	
	Cardiff University	1	
	University of Newcastle	1	
	Universidad de Almería	1	
	Universidade Estadual Paulista	1	
	West Virginia University	1	
	University of New Hampshire	1	
	Universidade Federal do Vale do São Francisco	1	
	Universidade Católica de Goiás	1	
	Universidade Federal do Espírito Santo	1	
	Florida Institute of Technology	1	
PUC-SP		1	
Kansas University		1	
Western New England University		1	
Universidade Federal de Minas Gerais		1	
Universidade Federal do Maranhão		1	

Dos 122 autores, apenas o autor Chris Cherpas foi identificado não sendo filiado a nenhuma instituição.

Referente às instituições não acadêmicas identificou-se que três são de autismo (*Marcus Autism Center* e *The Scott Center for Autism Treatment*) uma sendo clínica (*Carbone Clinic*), uma é direcionada ao tratamento de crianças e adultos com doenças diversas (*Munroe-Meyer Institute*), duas são instituições que cujo foco é no atraso do desenvolvimento (*Child Study Center* e *Regional Center of the East Bay*), uma é direcionada a questão de dificuldade de aprendizagem (*Welsh Centre For Learning Disabilities*), uma é centro de estudos e atendimento à população sob o prisma da Análise do Comportamento (CeAC), uma fornece serviços de educação para família, escolas e empresas (*Parenting Partnerships*) e, por fim, uma instituição não foi possível identificar sua descrição (*Sundberg & Associates*).

A maioria das instituições, tanto acadêmicas quanto não acadêmicas, tem origem norte-americana. Cerca de 55% das instituições são norte-americanas, 27% são brasileiras, 6% são pertencentes ao Reino Unido, 2% são da Espanha, 2%, são da Austrália, 2% são de Israel e 2% são da Islândia.

Análise a partir do comportamento do ouvinte como objeto central ou como objeto secundário

Das 70 pesquisas analisadas, cerca de 77% trataram o comportamento do ouvinte como objeto central do estudo. Desses artigos, 87% são estudos que trataram o ouvinte como objeto central e 13% trataram a audiência como objeto central. Com relação ao comportamento do ouvinte sendo estudado como objeto secundário, foram identificadas apenas pesquisas que investigaram o papel do ouvinte enquanto mediador de consequências, o que representa 33% do total das pesquisas.

Relacionando este tópico com o tipo de pesquisa foi identificada uma diferença expressiva com relação ao comportamento do ouvinte como objeto central ou objeto secundário. Do total de pesquisas experimentais (38), apenas 11% (4), aproximadamente, foram classificadas tratando o comportamento do ouvinte como objeto secundário (as que não investigaram o comportamento do ouvinte nem como VI ou VD e tampouco VI/VD) e 89% (34), aproximadamente, investigaram o comportamento do ouvinte como objeto central. Uma diferença menos discrepante dentre as pesquisas teórico-conceituais foi observada no tratamento do ouvinte como objeto central ou objeto secundário. Do total de 32 pesquisas teórico-conceituais, 62,5% (20) investigaram o comportamento do

ouvinte em termos de objeto central e 37,5% (12) dessas pesquisas trataram o comportamento do ouvinte como objeto secundário, conforme apresentado na Figura 25.

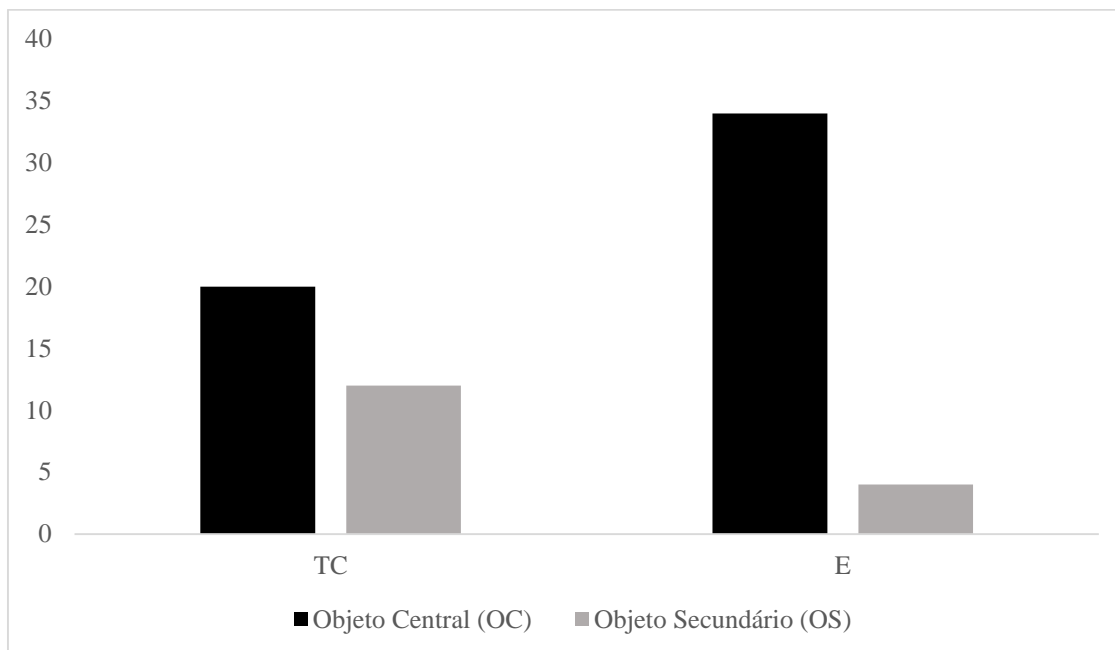


Figura 25. Comportamento do ouvinte como objeto central e objeto secundário, segundo o tipo de pesquisa.

No que tange à distribuição dos artigos por revista que trataram o comportamento do ouvinte como objeto central e como objeto secundário, observou-se que, no caso da revista TAVB, das 26 publicações o ouvinte foi identificado como objeto central em 58% dos artigos, enquanto em 42% ele foi identificado como objeto secundário. A diferença em relação ao tratamento do ouvinte como objeto central ou secundário é mais saliente para as outras revistas. No caso da revista JABA em 93% dos artigos o ouvinte foi considerado como objeto central enquanto em apenas 7% ele foi identificado como objeto secundário. A diferença segue evidente nas demais revistas. No JEAB, em 77% dos artigos o ouvinte foi considerado como objeto central e em 23% foi considerado como objeto secundário. No *The Behavior Analyst* em 75% dos artigos foi identificado o ouvinte como objeto central enquanto em 25% foi identificado como objeto secundário. Para ambas as revistas nacionais o ouvinte em 100% dos artigos foi considerado objeto central. A Figura 26 mostra a diferença de tratamento intrarevista e entre-revistas.

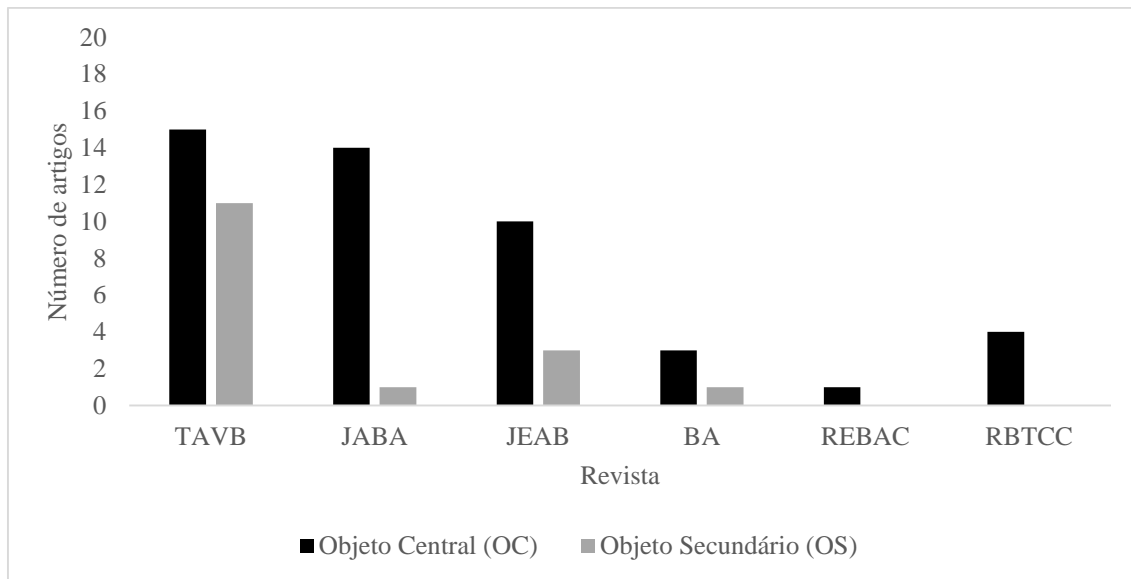


Figura 26. Número de artigos sobre o tratamento dado ao ouvinte como objeto central ou como objeto secundário, por revista.

Análises a partir do tipo de pesquisa

Os 70 artigos analisados tiveram números bem próximos, em termos do tipo de pesquisa teórico-conceitual ou experimental. Os artigos identificados como pesquisas teórico-conceituais foram 32, o que representa 46% do total e os artigos identificados como pesquisa experimental foram 38, número pouco maior e que representa 54% do total.

As pesquisas de cunho teórico-conceitual foram publicadas em todas as revistas alvo deste trabalho e tiveram como as principais: TAVB com 13 artigos publicados, aproximadamente 41%, e RBTCC com oito artigos, aproximadamente 25%. As demais revistas, *The Behavior Analyst*, JEAB, JABA e REBAC tiveram respectivamente cinco, três, dois e um artigo publicado e que juntas somam 34% do total de publicações de pesquisas teórico-conceituais. No que tange às pesquisas experimentais, observou-se tênue diferença entre as três únicas revistas que as publicaram com relação ao número de artigos: TAVB com 15 artigos, aproximadamente 40%, JABA com 13 artigos, aproximadamente 34% e JEAB com 11 artigos (26%). Ainda referente às pesquisas experimentais, mais uma vez, observou-se diferença sutil na investigação do ouvinte como VI e como VD. Das 38 pesquisas experimentais, 44% (17) investigaram o comportamento do ouvinte como VI, enquanto 34% (13) investigaram o ouvinte como VD. Aquelas pesquisas que investigaram o ouvinte tanto quanto VI quanto como VD

foram 11% (4). Os 11% restantes (4 artigos) dizem respeito às pesquisas experimentais que não investigaram o ouvinte nem como VI e nem como VD e tampouco como VI/VD.

Sobre temas, as pesquisas experimentais estudaram o comportamento do ouvinte por meio dos seguintes e mais recorrentes assuntos: *Tato, Intraverbal, Equivalência de Estímulos, Nomeação, Relação entre o repertório do ouvinte e do falante*. Nem todos os temas categorizados no presente trabalho estiveram inseridos nas pesquisas experimentais, o que foi exatamente que ocorreu com relação às pesquisas teórico-conceituais. Com relação às pesquisas de cunho teórico-conceitual, destacaram-se os seguintes e mais recorrentes assuntos: *Comportamento Verbal, Linguagem, Episódio Verbal e Controle da Audiência*. Na tabela 6 é apresentada a relação de temas e o comportamento do ouvinte enquanto objeto central ou objeto secundário segundo o tipo de pesquisa.

Tabela 6.

Principais temas e o tratamento do comportamento do ouvinte, segundo o tipo de pesquisa: experimental e teórico-conceitual

Pesquisas	OC	OS	Temas
Experimental	89%	11%	Tato
			Intraverbal
			Equivalência de Estímulos
			Nomeação
			Relação repertório ouvinte falante
Teórico- Conceitual	62,50%	37,50%	Comportamento Verbal
			Linguagem
			Episódio Verbal
			Controle da Audiência

Seguindo com a comparação entre pesquisa experimental e pesquisa teórico-conceitual, na Figura 27 é apresentada uma visão comparativa entre os dois tipos de pesquisas com relação ao estudo do comportamento do ouvinte no geral.

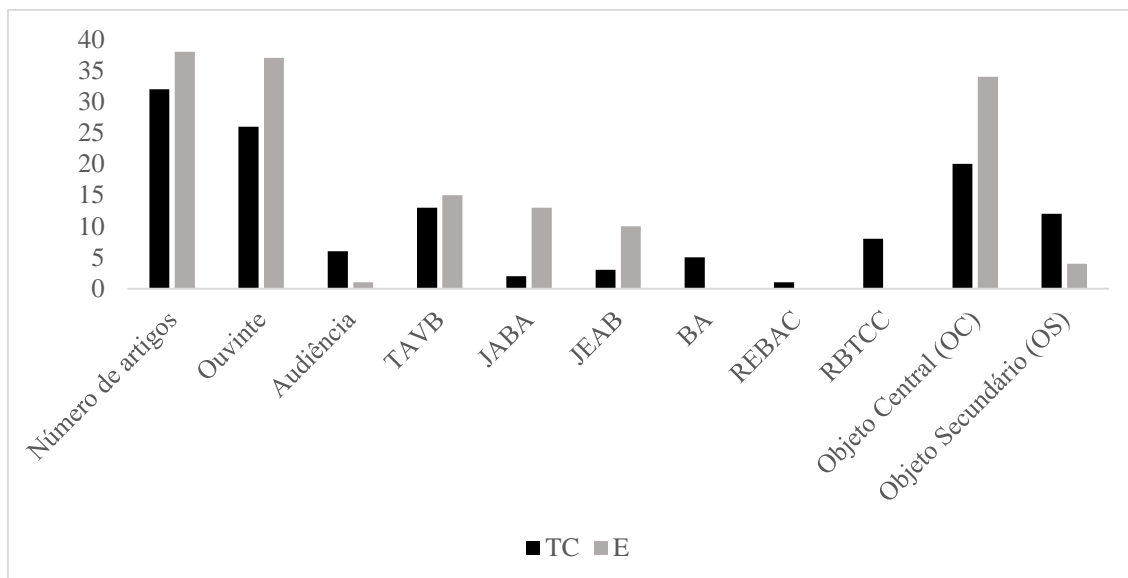


Figura 27. Tipos de pesquisas sobre comportamento do ouvinte por revista e por categorização de OC ou OS.

Análise a partir do comportamento do ouvinte como VI, VD ou VI/VD

Os estudos experimentais que investigaram o comportamento do ouvinte como VI, VD ou VI/VD, como já destacado anteriormente correspondem, respectivamente a 44%, 34% e 11%. Dentre as pesquisas que abordaram o comportamento do ouvinte como VI, 94% (16) investigaram o ouvinte enquanto mediador de consequências e apenas 6% (1) investigaram o ouvinte enquanto audiência. As demais pesquisas que investigaram o ouvinte como VD e o ouvinte como VI/VD, debruçaram-se apenas no estudo do ouvinte enquanto mediador de consequências. As pesquisas que investigaram o comportamento do ouvinte como VI foram publicadas pelas revistas TAVB com seis publicações, JABA e JEAB com cinco publicações cada. Com relação ao estudo do comportamento do ouvinte como VD as revistas são as mesmas, apenas com pequena diferença no número de publicações: TAVB com seis publicações, JABA e JEAB com quatro publicações cada. Por fim, quando o ouvinte foi estudado tanto como VI quanto como VD (VI/VD) as únicas revistas a publicarem foram TAVB com uma publicação e a revista JABA com três.

Os dados apresentados nas tabelas 7, 8 e 9 mostram a forma como as pesquisas experimentais manipularam o comportamento do ouvinte nas três condições de VI, VD e VI/VD.

Tabela 7.

Tipos de manipulação do comportamento do ouvinte enquanto VI

VI

Treino do comportamento do ouvinte
Treino de discriminação receptiva e treino de tato múltiplo
Discriminação condicional padrão
Treino do comportamento do ouvinte e pareamento de estímulos
Treino de habilidades de ouvinte
Treino de discriminação do ouvinte com *feedback* instrucional
Treino de tato (nomeação ouvinte/falante)
Treino de comportamento de ouvinte e falante
Treino do comportamento de ouvinte e treino de tato.
Controle da audiência

Tabela 8.

Tipos de manipulação do comportamento do ouvinte enquanto VD

VD

Respostas não ensinadas de ouvinte como o apontar.
Presença ou ausência de nomeação medidas através de respostas do ouvinte
Respostas autoclíticas medidas através do comportamento do ouvinte
Respostas de observação às vozes
Resposta do ouvinte frente a objetivos instrucionais
Respostas não treinadas de ouvinte e de tato
Repertório do ouvinte (cumprimento de um mando)
Respostas de ouvinte (apontar ou entregar) e de tato
Comportamento do ouvinte, categorização e tato.
Unidades conversacionais (comportamento do falante como ouvinte)
Respostas de nomear no ouvinte
Respostas de categorização e surgimento do comportamento do ouvinte concomitantemente ao treino de tato
Resposta de simetria receptiva (ouvinte)

Tabela 9.

Tipos de manipulação do comportamento do ouvinte enquanto VI/VD.

VI/VD
VI - Treino do ouvinte e treino intraverbal VD - Relações envolvendo o ouvinte na categorização de nomes e relações intraverbais (categorização de nomes - vocal) emergência de habilidades pedagógicas não treinadas.
VI - Treino de tato, treino de ouvinte e dois treinos de intraverbal e VD - Aquisição de respostas de tato e de respostas de ouvinte e de relações intraverbais em uma língua estrangeira.
VI - Treino do ouvinte na aquisição de tatos VD - Aquisição do comportamento do ouvinte (tocar os estímulos) através da função, aspecto e classe de estímulo (FFC)
VI - Treino do ouvinte para o aparecimento de respostas de tato VD - Treino de respostas de tato para o aparecimento de respostas de ouvinte

Nas tabelas 10 e 11 destacaram-se, nas condições de VI e de VD, as outras variáveis que foram ora manipuladas para observar seu efeito no comportamento do ouvinte e ora a manipulação do comportamento do ouvinte buscando identificar seus efeitos em outra variável.

Tabela 10.

Lista da relação entre comportamento do ouvinte como VI e outra VD

Comportamento do ouvinte como VI	Outra variável como VD
Treino do comportamento do ouvinte	Respostas não treinadas de falante Respostas de tato e intraverbal Respostas bidirecionais de intraverbal Emergência de respostas de categorização e tato Respostas de tato Transferência de função de estímulos Respostas de nomear partes do corpo e respostas não treinadas de correspondência de toques da mão nas partes do corpo Estabelecimento de classes de equivalência de estímulos Respostas intraverbais não treinadas
Discriminação receptiva	Respostas intraverbais vocais
Discriminação condicional padrão	Surgimento de novas relações de estímulos medidas através das respostas de tato, intraverbal e textual
Treino de habilidades de ouvinte	Emergência de habilidades do falante (falar o nome e o valor de cada moeda)
Treino de discriminação do ouvinte com <i>feedback</i> instrucional	Respostas de categorização
Treino de tato (nomeação ouvinte/falante)	Estabelecimento de transferência de função de estímulos
Treino de comportamento de ouvinte e falante	Respostas de categorização de figuras desconhecidas
Controle da audiência	Respostas de tato.

Tabela 11.

Lista da relação entre comportamento do ouvinte como VD e outra VI.

Outra variável como VI	Comportamento do ouvinte como VD
Instrução exemplar múltipla (MEI)	Respostas não ensinadas de ouvinte como o apontar.
	Respostas autoclíticas medidas através do comportamento do ouvinte
	Presença ou ausência de nomeação medidas através de respostas do ouvinte
Vozes como reforçadores condicionados	Respostas de observação às vozes
	Resposta do ouvinte frente a objetivos instrucionais
Pareamento de estímulos com procedimento de observação	Respostas não treinadas de ouvinte e de tato
Reforçamento contingente com e sem modelagem	Repertório do ouvinte (cumprimento de um mando)
Procedimento de observação de emparelhamento de estímulos	Respostas de ouvinte (apontar ou entregar) e de tato
	Comportamento do ouvinte, categorização e tato.
Treino de tato	Respostas de categorização e surgimento do comportamento do ouvinte concomitantemente ao treino de tato
Condições de brinquedos antropomórficos e condições de brinquedos não antropomórficos	Unidades conversacionais (comportamento do falante como ouvinte)
Treino de exemplar múltiplo (MET)	Resposta de simetria receptiva (ouvinte)
Ensino de mandos	Respostas de ouvinte

As pesquisas experimentais que investigaram o comportamento do ouvinte como VI foram realizadas tendo como principais temas: *Tato, Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Equivalência de Estímulos e Nomeação*. As pesquisas experimentais que investigaram o comportamento do ouvinte como VD foram realizadas tendo como principais temas: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Tato, Nomeação e Equivalência de Estímulos*. Por fim, as pesquisas experimentais que investigaram o

comportamento do ouvinte tanto como VI quanto como VD (VI/VD) foram realizadas tendo como temas principais: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante e Equivalência de Estímulos*.

Análise a partir dos delineamentos e *settings* das pesquisas experimentais

Dentre as pesquisas experimentais, a maioria trabalhou com delineamentos de sujeito único, sobretudo, delineamentos que comparam sujeitos em detrimento aos delineamentos intrasujeito. Das 38 pesquisas (97%) utilizaram o delineamento de sujeito único e apenas 3% utilizaram o delineamento de grupo, o qual utilizou a comparação entre grupos. Dentre as pesquisas que utilizaram o delineamento de sujeito único, apenas 2% foram identificados como delineamento intrasujeito, número marcadamente menor se comparado com as pesquisas que trabalharam com delineamento de sujeito único que comparou sujeitos, 98%. Entretanto, tanto em um quanto em outro, os delineamentos das pesquisas apresentaram duas ou mais fases experimentais.

Referente aos 98% das pesquisas experimentais de delineamento de sujeito único que comparou sujeitos, observou-se que o delineamento de linha de base múltipla foi bastante utilizado pelos pesquisadores experimentais. Aproximadamente 28% das pesquisas trabalharam com esse tipo de delineamento. No que concerne à categoria outros delineamentos, foi possível identificar maior incidência nas pesquisas experimentais, resultado este representado por 67%, aproximadamente, das pesquisas. Por fim, com relação à categoria delineamentos combinados, das 36 pesquisas experimentais de sujeito único que comparou sujeitos, apenas 5% utilizaram este tipo de delineamentos. Na tabela 12, apresenta-se a relação entre os delineamentos e as pesquisas experimentais.

Tabela 12.

Número de pesquisas por tipos de delineamentos experimentais

			Delineamentos	Número de Pesquisas
Sujeito único	Comparação entre sujeitos	Duas ou mais fases experimentais	Linha de Base Múltipla	10
			Outros delineamentos	24
			Delineamentos combinados	2
Grupo	Comparação entre grupos	Duas ou mais fases experimentais	Outros delineamentos	1
			Apenas uma fase	Outros delineamentos

No que tange aos settings das pesquisas, foi possível identificar, pelos menos, 12 tipos de locais em que as pesquisas foram realizadas. Em algumas pesquisas foram identificados mais de um local, isto é, houve alternância de um lugar para outro no decorrer da realização da pesquisa. Os locais que tiveram maior incidência nas pesquisas foram escolas e casas dos participantes que obtiveram, respectivamente, 47% e 24% do total. Creches e centros de atendimentos clínicos completam a sequência dos locais que foram utilizados mais de uma vez entre as pesquisas experimentais com 11% e 5%, respectivamente.

Os demais settings apareceram apenas uma vez por pesquisa. Na figura 28, apresenta-se a distribuição das pesquisas segundo os tipos de delineamentos e os settings, nos quais as pesquisas foram realizadas.

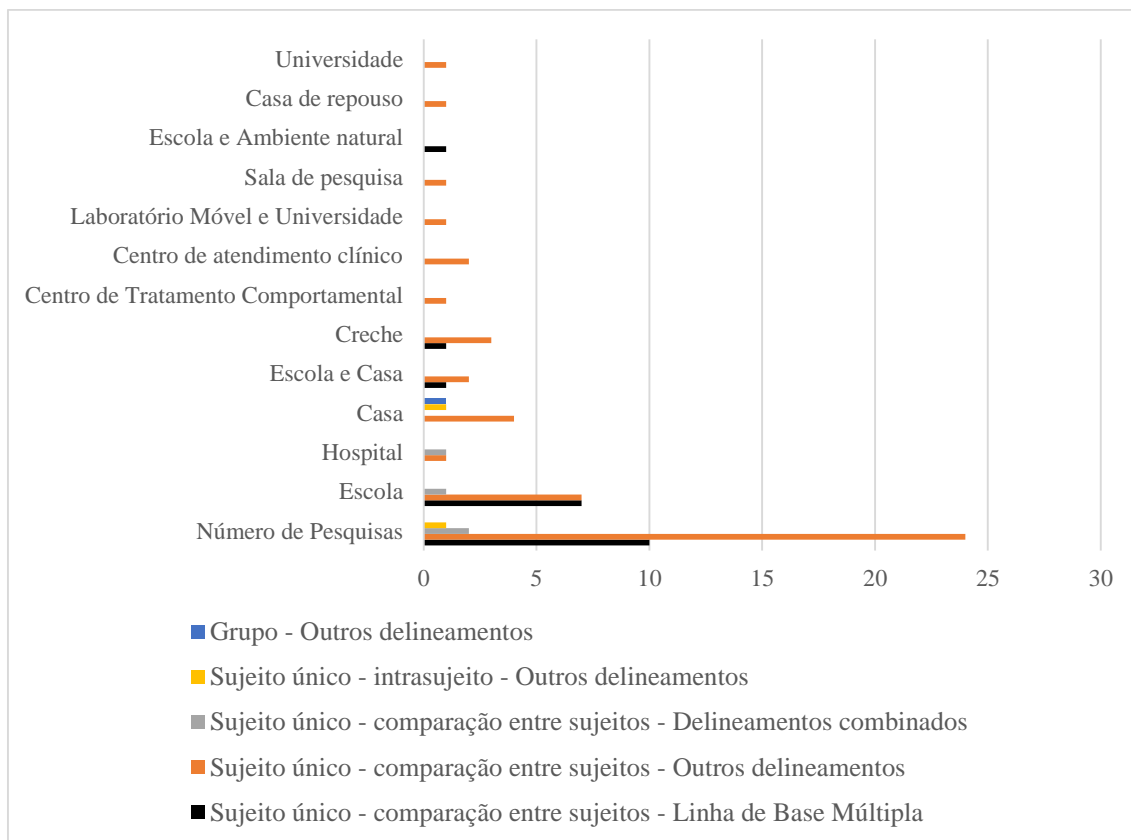


Figura 28. Tipos de delineamentos experimentais distribuídos por *settings*.

Análise a partir dos participantes das pesquisas experimentais

A categoria de participantes que foi mais investigada nas pesquisas experimentais sobre o comportamento do ouvinte foi a de crianças com desenvolvimento típico ou com algum atraso no desenvolvimento. Com incidência menor nas pesquisas, crianças com alguma deficiência sensorial (auditiva ou visual) também foi alvo dos estudos. Adolescentes com desenvolvimento típico e atípico, adultos jovens (estudantes universitários) e idosos com demência severa também tiveram destaque. Na tabela 13 são apresentados os participantes das pesquisas sobre o comportamento do ouvinte.

Tabela 13.

Número dos participantes nas pesquisas experimentais sobre o comportamento do ouvinte

Participante	Desenvolvimento			Total
	Típico	Atípico	Deficiência Sensorial	
Crianças	17	17	2	36
Adolescentes		1		1
Adulto jovem (Estudantes Universitários)	2			2
Idosos				1

Todas as categorias de participantes foram alvo de pesquisas que investigaram o ouvinte enquanto mediador de consequências. A única categoria que foi alvo da investigação do comportamento do ouvinte como mediador de consequência e como audiência foi a de Estudantes.

Com relação à investigação do comportamento do ouvinte como objeto central ou objeto secundário, destacaram-se que apenas as crianças foram investigadas tendo o comportamento do ouvinte como objeto secundário. Para aproximadamente 15% desses participantes o comportamento do ouvinte foi investigado como objeto secundário ao passo que 85% teve o ouvinte como objeto central. Os demais participantes foram estudados considerando o comportamento do ouvinte como objeto central das pesquisas.

As pesquisas cujos participantes foram crianças com desenvolvimento típico tiveram maior incidência de publicações, respectivamente, nas revistas JEAB com 47%, TAVB com 29% e JABA com 24%. Com relação às pesquisas cujos participantes foram crianças com desenvolvimento atípico, identificou-se maior número de publicações, respectivamente, nas revistas TAVB com 53% e JABA com 47%. As pesquisas experimentais cujos participantes foram crianças com deficiência sensorial (auditiva ou visual), foram publicadas pelas revistas, JABA e JEAB, ambas com uma pesquisa cada. Referente aos adolescentes com outro comprometimento, apenas uma pesquisa, publicada no TAVB, direcionou a sua investigação a eles. No que diz respeito aos participantes adultos jovens (estudantes universitários), identificou-se uma pesquisa, publicada no JEAB, cujo foco foi o ouvinte, e outra pesquisa, publicada no TAVB, cujo foco foi a audiência.

Por fim, a única pesquisa que teve como participantes idosos com outro comprometimento foi publicada pela revista JABA. Na Figura 29 é apresentada a distribuição das categorias de participantes por revista, bem como a relação dos participantes com a investigação do comportamento do ouvinte como objeto central ou objeto secundário.

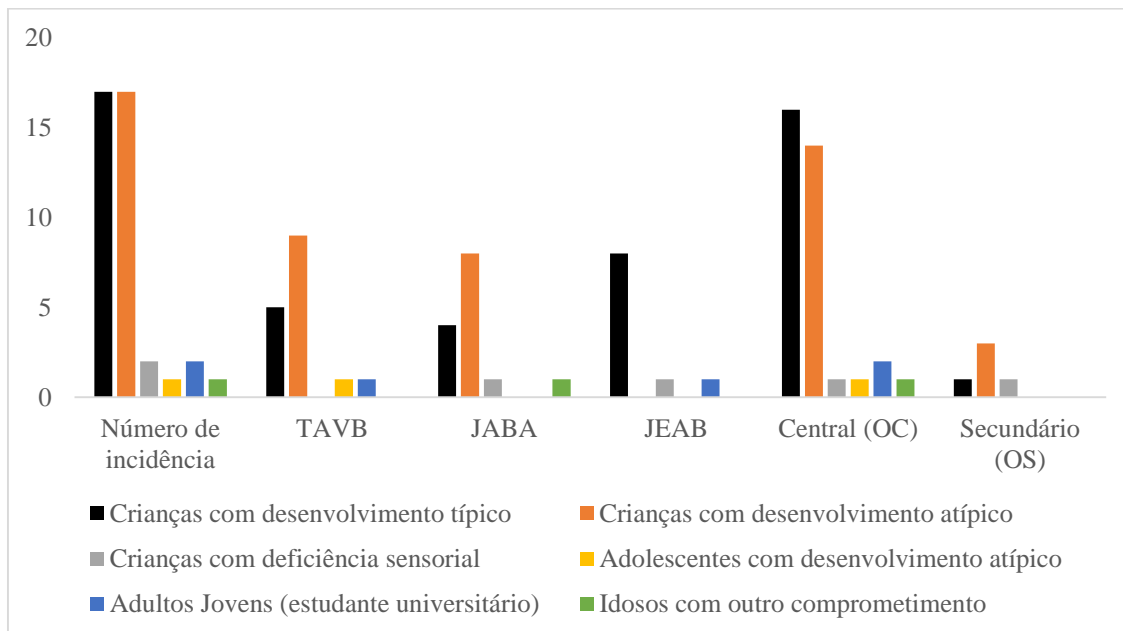


Figura 29. Categorias de participantes por revista e por categorização de OC e OS.

Referente à relação entre participantes e os temas abordados, destacam-se: *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante, Equivalência de Estímulos, Tato e Nomeação*. Na Figura 30 é apresentada a relação completa de todas as categorias de participantes e os temas nos quais foram estudados.

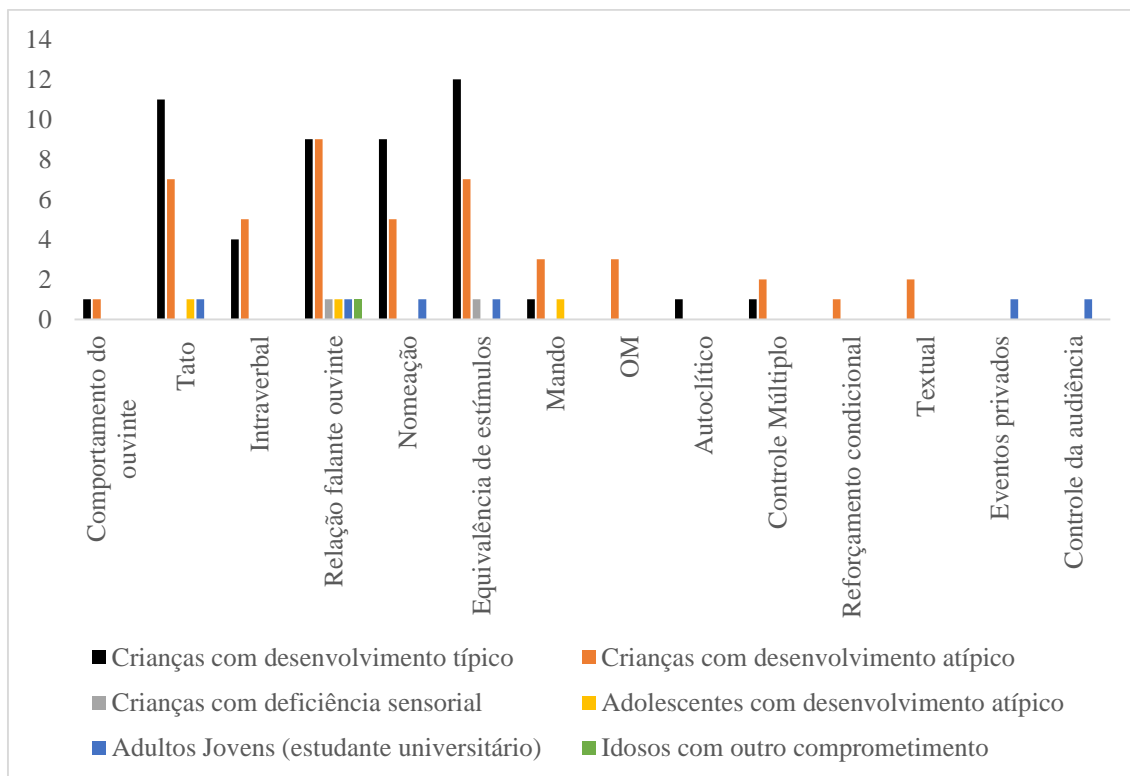


Figura 30. Categorias de participantes por temas identificados nas pesquisas experimentais.

Análise a partir dos temas

Conforme destacado, ao longo da apresentação dos resultados foi possível identificar alguns temas que apareceram nas pesquisas tanto teórico-conceituais quanto nas pesquisas experimentais sobre o comportamento do ouvinte. Nas 70 pesquisas analisadas foram identificados 31 temas, conforme apresentado na tabela 14. Vale lembrar que um mesmo artigo pode ser classificado em mais de um tema.

Tabela 14.

Temas identificados nos 70 artigos analisados, segundo o número de incidência e o estudo, tanto do ouvinte quanto da audiência

Temas	Número de incidência	Estudo	
		Ouvinte	Audiência
Relação repertório ouvinte falante	25	25	
Equivalência de Estímulos	23	23	
Tato	22	20	2
Nomeação	17	17	
Intraverbal	9	8	1
Linguagem	7	7	
Comportamento Verbal	6	4	2
Comportamento do ouvinte	5	5	
Mando	5	4	1
Controle da Audiência	5		5
Episódio Verbal	4	4	
Controle Múltiplo	4	3	1
Termo			
Compreensão (<i>understanding</i>)	3	3	
OM	3	2	1
Operantes Verbais	3	2	1
Linguística	2	2	
Eventos Privados	2	1	1
Terapia Comportamental	2		2
<i>Joint Control</i>	2	2	
Textual	2	2	
Autoclítico	2	2	
Reforçamento condicional	2	1	1
Análise Funcional	2	1	1
Comportamento governado por regras	2	1	1
VB baseado na seleção e VB baseado na topografia.	1	1	
Conversação	1	1	
Ecoico	1	1	
Comportamento verbal em animais	1	1	
Audiência Negativa	1		1
Controle Aversivo	1		1
Causação Múltipla	1		1

Dos 31 temas identificados, somente 16% foram relacionados apenas com o estudo da audiência e 45% foram relacionados apenas com o estudo do ouvinte. Os 39% restantes foram relacionados com ambos os conceitos. O principal tema sobre a discussão da audiência foi *Controle da Audiência*, o principal tema sobre a discussão do ouvinte foi *Relação entre o repertório do ouvinte e do falante*. Destacaram-se também, no caso do estudo do ouvinte, os temas *Equivalência de Estímulos*, *Tato* e *Nomeação* que tiveram número de incidência superior aos demais. Sobre os quatro temas em destaque do conceito ouvinte, observou-se que ampla maioria foi abordada principalmente em pesquisas experimentais em detrimento às pesquisas teórico-conceituais e que também focaram no ouvinte como objeto central e não como objeto secundário. No que tange ao estudo do ouvinte e às pesquisas teórico-conceituais, observou-se que os temas mais recorrentes foram *Linguagem*, em que o ouvinte foi investigado mais como objeto secundário, e *Comportamento Verbal* em que o ouvinte foi investigado mais como objeto central do estudo. Nas Figuras 31 e 32 são apresentadas, respectivamente, as visões completas sobre os temas destacados nas pesquisas experimentais e nas pesquisas teórico-conceituais.

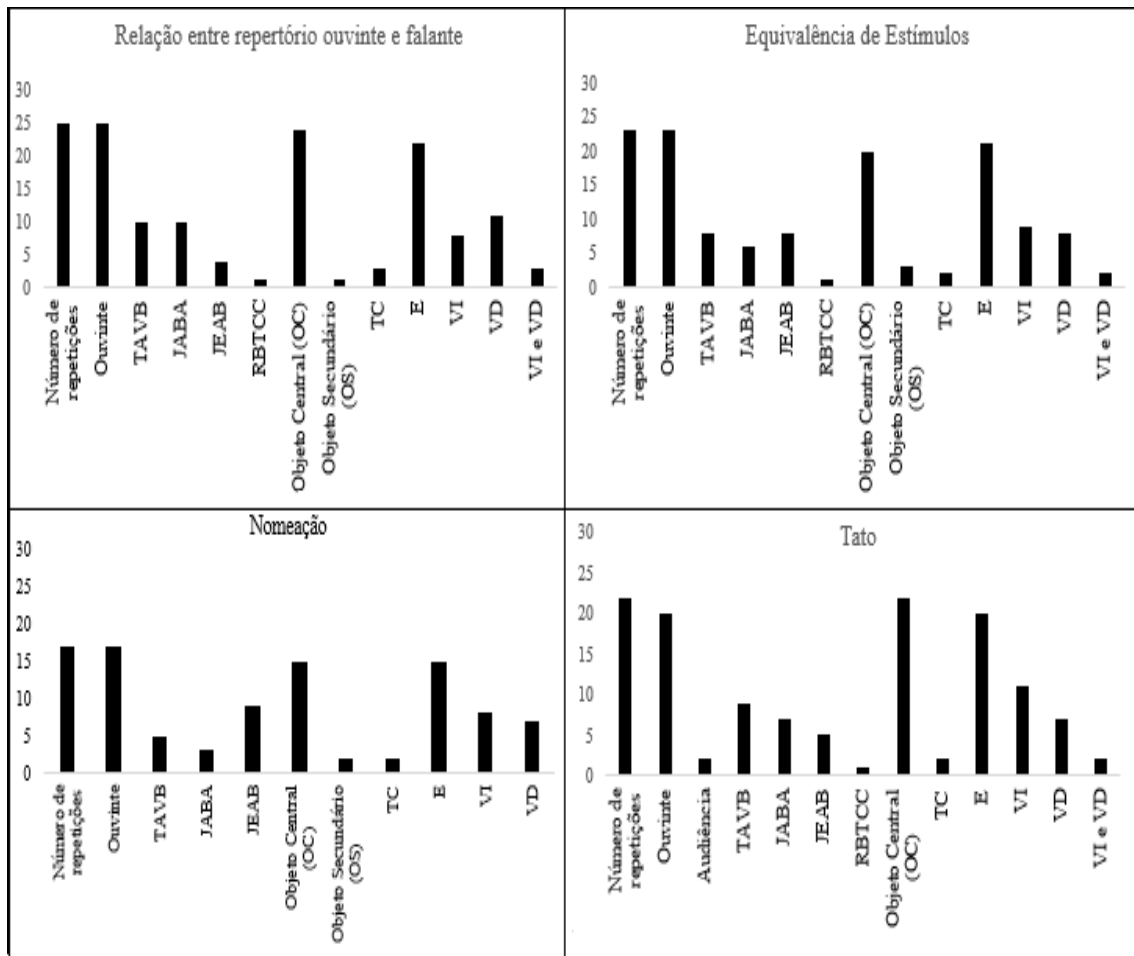


Figura 31. Principais temas abordados nas pesquisas experimentais.

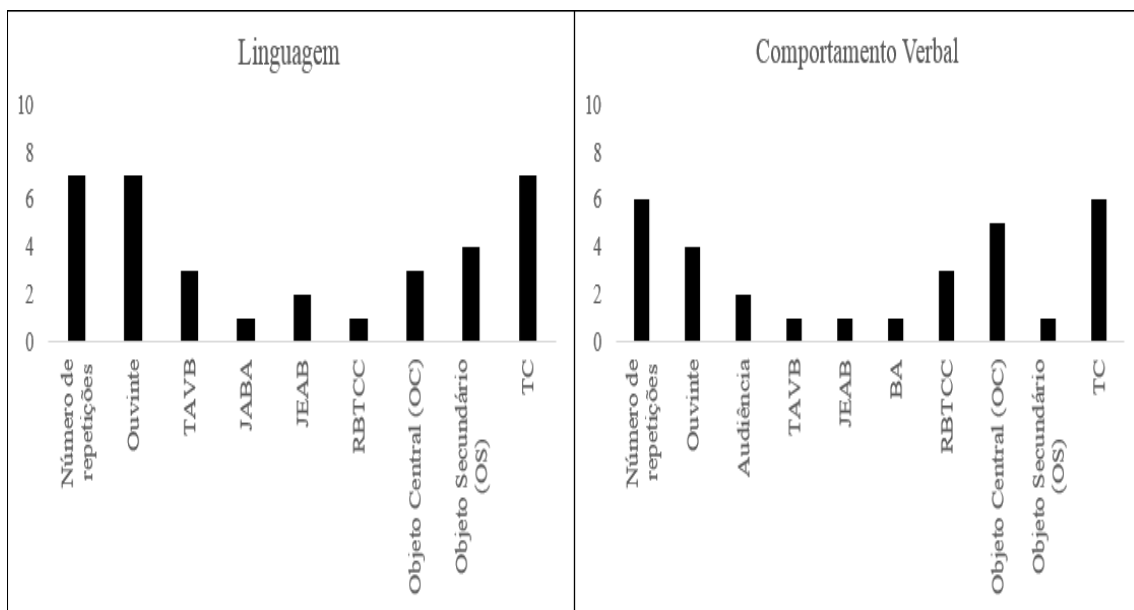


Figura 32. Principais temas abordados nas pesquisas teórico-conceituais.

Uma série de autores discutiu o ouvinte sob o prisma dos quatro temas destacados, contudo se sobressaíram os seguintes autores, conforme indicado na tabela 15.

Tabela 15.

Principais autores que trabalharam com o ouvinte, segundo os principais temas identificados

Autor	Principais Temas	Recorrência
Pauline J. Horne	Nomeação	6
	Equivalência de Estímulos	4
	Tato	4
C. Fergus Lowe	Nomeação	5
	Equivalência de Estímulos	4
	Tato	4
R. Douglas Greer	Nomeação	4
Anna Ingeborg Petursdottir	Equivalência de Estímulos	4
Caio F. Miguel	Nomeação	3
	Relação entre o repertório do ouvinte e do falante	3
	Equivalência de Estímulos	3
Rocio Rosales	Equivalência de Estímulos	3
Ruth Anne	Equivalência de Estímulos	3
Rehfeldt	Tato	3

Referente às revistas, é possível verificar que, em relação aos quatro temas principais sobre o ouvinte, TAVB, JABA e JEAB foram as revistas que se destacaram em termos de publicações de pesquisas experimentais. Referente aos temas das pesquisas teórico-conceituais, destacaram-se, para o tema *Linguagem*, as revistas TAVB, JEAB, JABA e RBTCC. Para o tema *Comportamento Verbal*, destacaram-se as revistas RBTCC, TAVB, JEAB e *The Behavior Analyst*. A revista RBTCC foi a que apresentou o maior número de temas sobre a audiência identificados em suas publicações. Em termos gerais, apresenta-se na Figura 33, a distribuição de todos os temas por revista.

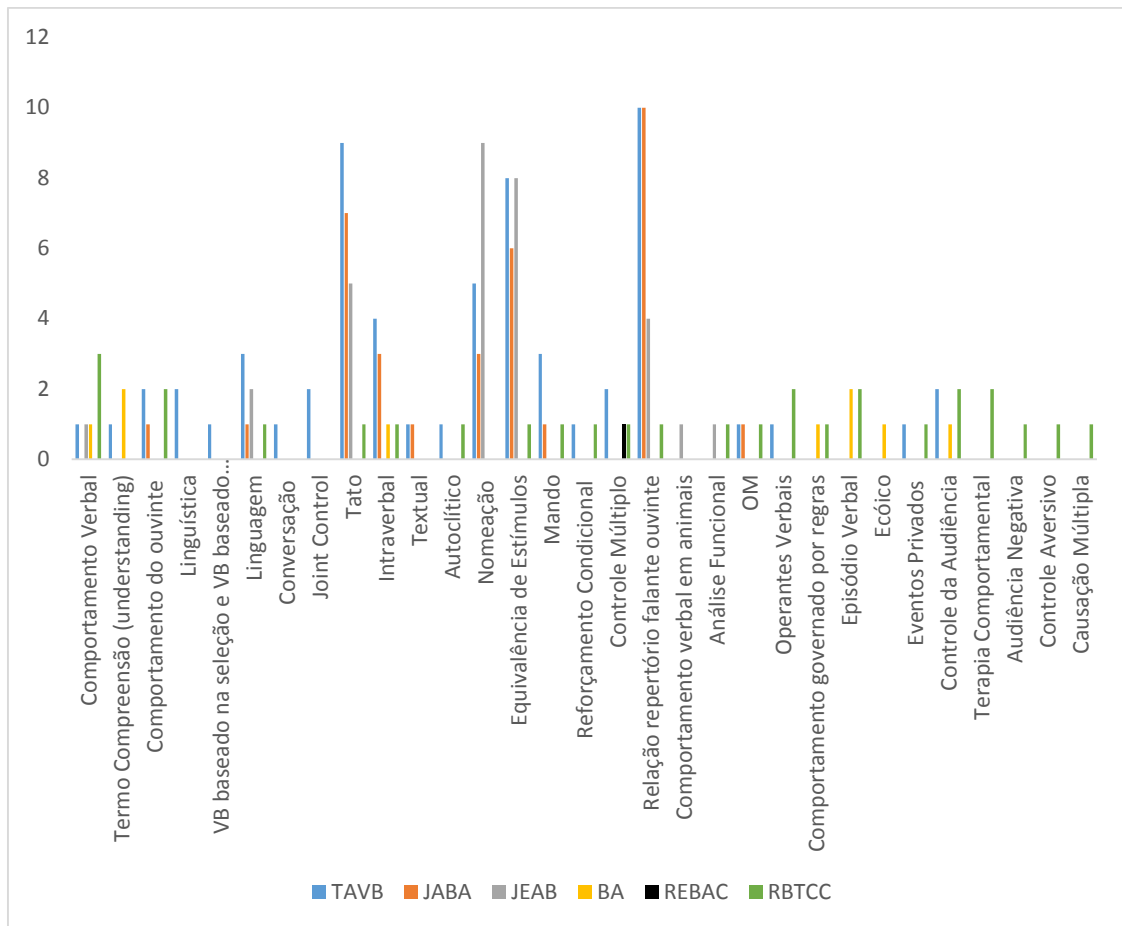


Figura 33. Relação geral de todos os temas por revista.

Análise a partir das palavras-chave

Nem todos os artigos analisados apresentaram palavras-chave. Em cerca de 20% dos artigos não foi possível identificar palavras-chave, ao passo que em 80% dos artigos foram identificadas 156 palavras-chave distintas.

Das palavras identificadas aquela que mais apareceu nas pesquisas sobre o comportamento do ouvinte foi *Verbal Behavior* com 21 aparições em estudos sobre o ouvinte e uma aparição no estudo sobre audiência. As 22 aparições da palavra-chave *Verbal Behavior*, que correspondem a 14% do total das palavras-chave, foram contabilizadas (a) sem considerar estudos que apresentaram, além da palavra em questão, o ano, por exemplo, *Verbal Behavior (1957)*, fazendo clara referência a obra de Skinner (1957); (b) estudos que apresentaram a palavra-chave em conjunto com outra (*novel verbal behavior, generative verbal behavior*, dentre outras); e (c) estudos nacionais, nos quais foram identificados a tradução para o português da palavra. Neste último caso, a palavra-chave *comportamento verbal* foi identificada em cinco ocasiões, cerca de 3%, sendo três relacionadas ao estudo do ouvinte e duas sendo relacionadas ao estudo da audiência.

A segunda palavra-chave com o maior número de aparições foi a palavra-chave *Naming*. Em 19 estudos foi possível identificá-la, o que corresponde a 12% do total de palavras-chave. Em seguida, com o número menor de aparições as palavras-chave *Autism* e *Tato*. As duas palavras em questão corresponderam a 7% (11) do total de palavras-chave, cada uma. Vale destacar a palavra-chave que faz referência ao ouvinte, *Listener Behavior/Comportamento do ouvinte* que esteve presente em 11 artigos correspondendo assim a 7% do total de palavras-chave. Além da palavra-chave *Listener Behavior*, outras que continham o conceito ouvinte ou audiência estiveram presentes nos artigos, porém com um número irrisório, foram: *Listener* com três aparições, *Listener identification* e *Listener training*, com duas aparições cada, *Listener behavior training, Audience control, Speaker/Listener Control, Verbal stimuli and the listener, Audiência*, todas com apenas uma aparição cada. Na Figura 34 são apresentadas as principais palavras-chave, segundo o número de aparições em relação aos estudos do ouvinte e da audiência.

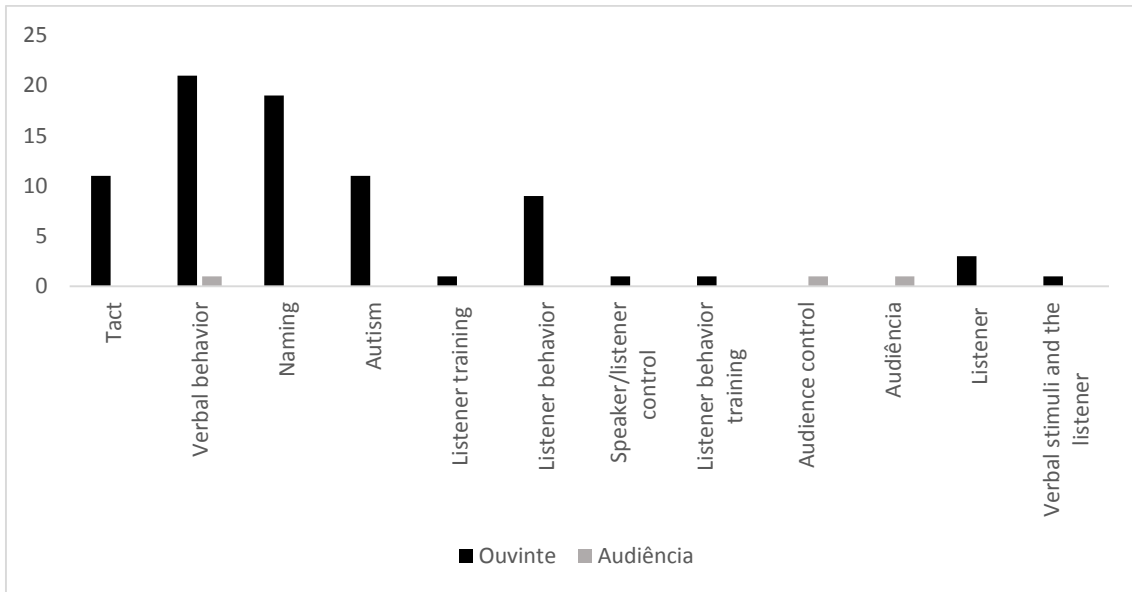


Figura 34. Palavras-chave em relação ao estudo do ouvinte e da audiência.

Discussão

O presente trabalho teve como objetivo investigar as pesquisas engajadas no estudo sobre o comportamento do ouvinte como mediador de consequência e como audiência identificando o modo com que esses conceitos vêm sendo abordados pelos analistas do comportamento, segundo a perspectiva skinneriana.

A busca a partir de palavras-chave, ouvinte ou audiência, permitiu identificar 70 artigos. Destes, apenas 10% foram selecionados a partir da palavra de busca audiência denotando um movimento maior por parte dos pesquisadores no estudo do ouvinte.

A primeira pesquisa sobre o comportamento do ouvinte foi publicada pela revista *The Behavior Analyst*, 26 anos após o lançamento da obra *Verbal Behavior* de Skinner e cinco anos após a criação da revista. Com relação às revistas mais antigas, JEAB (1958) e JABA (1968) o intervalo de tempo sem publicações acerca do comportamento do ouvinte é ainda maior, 25 anos e 15 anos, respectivamente. O intervalo de tempo identificado entre a publicação de *Verbal Behavior* e a primeira publicação que abordou o conceito de audiência pode indicar que em estudos sobre o comportamento verbal o comportamento do ouvinte não foi investigado, sugerindo que o comportamento verbal foi investigado através de outros conceitos como salientam alguns autores (McPherson et al., 1984; Oah & Dickinson, 1989; Eshleman, 1991; Andery, 2001, 2010a; Moroz et al., 2001; Dymond et al., 2006; Fidalgo, 2011) que se debruçaram em levantamentos de produções sobre o comportamento verbal cujos resultados demonstraram que o enfoque das pesquisas, tanto experimentais quanto teórico-conceituais, tem recaído, principalmente, no estudo dos operantes verbais.

Conforme destacado na pesquisa de levantamento realizada por McPherson et al. (1984), o estudo do comportamento verbal no período compreendido entre o ano de publicação da obra e a primeira publicação sobre o comportamento do ouvinte, em 1983, focou nos conceitos dos operantes verbais não sendo encontrado nenhum resultado sobre algum estudo que investigou o comportamento do ouvinte dentre as revistas alvo do presente trabalho. Além disso, a ausência de pesquisas sobre o comportamento do ouvinte no período em questão pode corroborar o fato de que o valor heurístico do comportamento verbal, basicamente, estava relacionado ao estudo dos operantes verbais, a despeito dos autores terem focado a metodologia de busca dos estudos a partir dos desses conceitos.

Com relação às pesquisas empíricas sobre comportamento verbal, o levantamento realizado por Oah e Dickinson (1989), a partir do ano de publicação da obra até o ano de 1989, indicou investigações sobre os operantes verbais, sobretudo, nas relações de mando e tato. A partir da primeira publicação sobre o comportamento do ouvinte em 1983, sete artigos foram identificados até o ano de 1989, sendo dois a respeito da audiência e cinco sobre o ouvinte. Das sete pesquisas identificadas, apenas uma foi considerada como pesquisa experimental (manipulação de variável) e o tema destacado corrobora os achados dos referidos autores que foi o estudo do ouvinte a partir da investigação da aquisição do repertório do ouvinte e do falante de maneira independente (Relação repertório ouvinte falante). Embora o foco tenha sido pesquisas empíricas, vale destacar que nesse período foram identificadas seis pesquisas teórico-conceituais que investigaram o comportamento do ouvinte, para além do tema sobre a Relação repertório ouvinte falante, sob o prisma de temas como: Comportamento verbal, Comportamento verbal em animais, Comportamento do ouvinte e Controle da audiência.

Outro autor engajado no delineamento da área sobre comportamento verbal foi Eshleman (1991) que durante 10 anos se debruçou no rastreamento sobre as tendências de pesquisas. Um dado interessante levantado pelo autor foi a escassez de pesquisas sobre comportamento verbal na década de 1960, em especial nos anos de 1965 e 1966 (na revista JEAB) que, ou não abordaram efetivamente o estudo sobre o comportamento verbal, ou não o fizeram a partir da perspectiva skinneriana, o que pode indicar, não apenas, a ausência sobre o estudo do comportamento verbal a partir do prisma do comportamento do ouvinte, mas, sim, a ausência de pesquisas, em termos gerais, nessa área de estudo. Apesar da escassez identificada, o autor destaca que o crescimento de pesquisas sobre o comportamento verbal teve uma aceleração a partir da década de 1970. A despeito da aceleração de publicações, ainda sim o foco das pesquisas recaiu sobre os operantes verbais corroborando os achados McPherson et al. (1984) e Oah e Dickinson (1989).

Evidentemente que as pesquisas sobre comportamento verbal foram realizadas dentro de um recorte histórico em que certos fatores influenciaram tanto na escassez quanto, posteriormente, na aceleração das publicações. Com relação à escassez, segundo Eshleman (1991), pode-se aventar questões como pequeno número de pessoas familiarizadas com a análise de Skinner (já que *Verbal Behavior* exige compreensão básica acerca da ciência do comportamento humano); ausência de dados empíricos na

obra; disposições filosóficas dos pesquisadores não eram aderentes à análise postulada por Skinner; outros interesses dos pesquisadores (como esquemas de reforçamento, reforçamento condicionado, controle aversivo, discriminação e generalização, entre outros); contingências econômicas que regiam o tipo de pesquisa que seria levada a cabo; tamanho da comunidade de behavioristas radicais (que naquela época não era muito grande); e, por fim, a defasagem de tempo entre a invenção ou criação de um paradigma e a sua adoção. Esses foram fatores importantes que contribuíram para o quadro de poucas pesquisas, justificando, desta forma, a ausência de estudos sobre o comportamento verbal e aqueles que poderiam ser relacionados a ele, incluindo o estudo do comportamento do ouvinte.

Por outro lado, a partir da década de 1970, um número crescente de publicações foi identificado o que, segundo Eshleman (1991), foi devido a alguns acontecimentos ocorridos, tais como: a fundação do JABA, a fundação da Associação de Análise do Comportamento (ABA) em 1975 e a fundação da TAVB, revista especialmente direcionada ao estudo do comportamento verbal em 1982. Tais fatores, apesar de terem sido importantes para o desenvolvimento da área, ainda sim mobilizaram mais pesquisas sobre o comportamento verbal a partir, por exemplo, dos operantes verbais, do que a partir do comportamento do ouvinte. Isso pode sugerir que, a despeito dos fatores que influenciaram a escassez e a aceleração de pesquisas, o comportamento do ouvinte, ainda sim, teve pouca atenção por parte dos analistas do comportamento demonstrando um início tardio e acanhado de pesquisas envolvendo este objeto de estudo.

Os estudos de McPherson et al. (1984), Oah e Dickinson (1989) e Eshleman (1991) sugerem que desde a publicação de *Verbal Behavior* houve um movimento quase que irrisório por parte dos pesquisadores analistas do comportamento no estudo do comportamento do ouvinte, tendo em vista ou não os fatores destacados por Eshleman (1991) com relação a escassez ou aceleração de pesquisas, já que os autores em destaque, McPherson et al. (1984), Oah e Dickinson (1989), tomaram como medida de busca de estudos sobre comportamento verbal os operantes verbais o que sugere que o fato de Skinner ter se dedicado, basicamente, ao comportamento do falante na explicação do comportamento verbal exerceu grande influência em pesquisas que investigaram o tema em questão. Além disso, outra implicação evidenciada é que o estudo do comportamento do ouvinte vem ganhando força em anos mais recentes em comparação aos anos iniciais a partir da publicação de *Verbal Behavior*.

Outro aspecto que corrobora a asserção elaborada acima sobre o movimento irrisório dos analistas do comportamento no que diz respeito ao estudo do comportamento do ouvinte são os achados da pesquisa realizada por Andery (2001). Desde o início das revistas JEAB, JABA e TAVB, conforme destacou Andery (2001) foram publicados respectivamente, 72, 132 e 145 artigos sobre comportamento verbal. Somando todos os artigos publicados das três revistas obtém-se 349 artigos a partir do ano de início de cada revista até o ano de 1999. Desses 349 artigos sobre o comportamento verbal 12 artigos foram identificados como investigação sobre o comportamento do ouvinte e dentre esses 12 artigos, oito foram publicados pelo TAVB e quatro foram publicados pelo JEAB. Os números evidenciam diferença ainda mais marcante quando se realiza o recorte individual de cada revista. Apenas cerca de 3% do total (somatória de todos os artigos publicados nas três revistas) das pesquisas publicadas sobre comportamento verbal, a partir do início de cada revista até o ano de 1999, foram publicações direcionadas ao estudo do comportamento do ouvinte. Notou-se que em 41 anos a revista JEAB publicou apenas quatro artigos sobre o comportamento do ouvinte o que corresponde aproximadamente 5% do total de publicações dessa revista; a revista TAVB em 17 anos publicou apenas oito, cerca de 5% do total das publicações; e a revista JABA em 31 anos só publicou pesquisas que não investigaram o comportamento do ouvinte propriamente dito, conforme apresentado na tabela 16.

Tabela 16.

Publicações sobre comportamento verbal e sobre comportamento verbal com foco no comportamento do ouvinte, nas revistas, JEAB, JABA e TAVB

	Revistas		
	JEAB	JABA	TAVB
Recorte temporal, início de cada revista até 1999	41 anos	31 anos	17 anos
Publicações sobre comportamento verbal	72	132	145
Publicações sobre comportamento verbal com foco no comportamento do ouvinte	4	0	8

Referente à revista *The Behavior Analyst*, não é possível identificar diferença expressiva com relação ao número de artigos publicados em comparação com as revistas JEAB, JABA e TAVB. A revista *The Behavior Analyst* publicou apenas três artigos, número este que influenciaria pouco no panorama geral.

No caso das revistas nacionais, tanto a RBTCC quanto a REBAC não tiveram artigos publicados, já que aquela teve o ano de 1999 como o primeiro ano de suas publicações e esta iniciou suas publicações no ano de 2005.

Evidentemente há de se considerar questões metodológicas acerca da seleção dos artigos analisados no recorte realizado por Andery (2001) e no recorte realizado no presente trabalho. Uma das considerações a ser realizada é aventar as escolhas das palavras de busca comportamento verbal e linguagem feito pela autora que pode, por um lado, efetivamente ter retornado artigos que não trataram do comportamento do ouvinte, mas por outro lado, em consonância com os achados do presente trabalho, pode ter retornado artigos que investigaram o comportamento do ouvinte efetivamente, que foi o caso de quatro artigos selecionados que apresentaram, dentre outras palavras-chave, as palavras *Verbal Behavior* e *Language*.

Nesse sentido, pode-se discutir duas questões: a despeito da identificação dos quatro artigos selecionados, sendo dois artigos tratando o ouvinte como objeto central e dois artigos tratando o ouvinte como objeto secundário, o estudo do comportamento do ouvinte ainda não havia sido estabelecido como uma área bem delimitada de investigação

assim como o são os operantes verbais, já que no levantamento realizado por Andery (2001) o comportamento do ouvinte não foi destaque, o que pode sugerir que os mesmos quatro artigos selecionados no presente trabalho foram inseridos em temas que na época tinham maior destaque (operantes verbais) em comparação ao comportamento do ouvinte. Outra questão a ser levantada é considerar que diante dos 349 artigos encontrados na pesquisa de Andery (2001), quatro artigos seriam um número pouco contundente, ainda se considerar que dentro desses quatro artigos, além do comportamento do ouvinte, foram identificados temas como linguagem que há muito vem sendo estudada.

Nos achados do presente trabalho foi possível identificar termos incomuns à comunidade dos analistas comportamento, tais como linguagem expressiva e linguagem receptiva. Este dado contribui para justificar a escolha de Andery (2001) que, na tentativa de encontrar o máximo de artigos sobre comportamento verbal, escolheu como palavra de busca, também, linguagem. Esse cuidado tomado por Andery (2001) já havia sido destacado por Eshleman (1991) ao afirmar que muitos dos artigos sobre comportamento verbal publicados no JABA ofereciam elucubrações com terminologia “tradicional” já salientando até mesmo as expressões linguagem receptiva e linguagem expressiva.

Referente às pesquisas nacionais, sugere-se que o presente trabalho veio a complementar os achados de Moroz et al. (2001) e Fidalgo (2011), já que a extração dos artigos veio de fontes de dados distintas.

Moroz et al. (2001) realizaram a pesquisa entre 1994 e 1998. Segundo os autores, durante esse período os pesquisadores brasileiros estavam realizando mais pesquisas teórico-conceituais do que pesquisas empíricas. No presente trabalho, as pesquisas sobre o comportamento do ouvinte, no total de nove, foram publicadas em revistas nacionais a partir do ano de 2002 e até 2012. Apesar do recorte temporal ser distinto é possível identificar aspectos comuns entre as pesquisas desses períodos. Pesquisas teórico-conceituais permaneceram com número de incidência maior em comparação às pesquisas empíricas/experimentais e direcionaram a atenção tanto para ouvinte (cinco publicações) quanto para a audiência (quatro publicações). Fidalgo (2011), em contrapartida, encontrou resultado diferente com relação ao tipo de pesquisa. Em seu estudo foram identificadas mais pesquisas experimentais do que pesquisas teórico-conceituais.

Os temas identificados, em sua maioria, são equivalentes àqueles encontrados por Moroz et al. (2001) e por Fidalgo (2011) como equivalência de estímulos, operantes

verbais, comportamento governado por regra, e eventos privados sugerindo que os pesquisadores brasileiros continuam estudando temas-chave sobre comportamento verbal, porém, a partir da perspectiva do comportamento do ouvinte.

Uma implicação decorrente dos achados das pesquisas de levantamento de produção sobre comportamento verbal é aventar que o comportamento do ouvinte como área de investigação está inserido nos temas-chave sobre comportamento verbal. Isso pode sugerir que essas pesquisas estudam o comportamento verbal subentendendo o comportamento do ouvinte, a despeito da sugestão de Skinner (1957/1992) que destaca a importância de se estudar e analisar o comportamento do ouvinte:

Mas isto é apenas o começo. Uma vez estabelecido um repertório do comportamento verbal, uma porção de novos problemas surgem da interação de suas partes. O comportamento verbal é usualmente o efeito de múltiplas causas. Variáveis separadas combinam-se para ampliar seu controle funcional e novas formas de comportamento surgem da recombinação de velhos fragmentos. Tudo isso exerce influência sobre o ouvinte, cujo comportamento, por sua vez, exige análise. (p. 10)

Os achados das pesquisas de levantamento dos autores McPherson et al. (1984), Oah e Dickinson (1989), Eshleman (1991), Andery (2001), Moroz et al. (2001) e Fidalgo (2011) sugerem que os pesquisadores do comportamento verbal, desde a publicação de *Verbal Behavior* em 1957 até anos mais recentes, têm, em certa medida, dado menor ênfase àquilo que Skinner coloca como fator importante para a compreensão do comportamento verbal, o comportamento do ouvinte, considerando-o subentendido em relação aos conceitos mais frequentemente estudados nesta área, sobretudo no que diz respeito aos operantes verbais.

Referente às pesquisas mais recentes como a de Dymond et al. (2006) também é possível identificar, em termos metodológicos, que o embasamento para análise das pesquisas sobre comportamento verbal tem sido os operantes verbais. A questão a ser discutida não é o reducionismo do comportamento verbal aos operantes verbais, mas sim o quanto do comportamento do ouvinte está sendo enfatizado nesses estudos. Conforme apresentado na Figura 1, o comportamento do ouvinte é imprescindível para compreensão do comportamento verbal. Com relação ao valor heurístico do comportamento do ouvinte, percebe-se que permanece marcadamente reduzido. Porém, há um valor heurístico que está se desenvolvendo com o passar dos anos. Após a publicação do livro “*Questões recentes na análise do comportamento*” em 1989, no qual Skinner mais uma vez chama

atenção para a importância de se estudar o comportamento do ouvinte, observou-se um número de publicações, sobre o comportamento do ouvinte, mais constantes ao longo dos anos.

Não há dúvida que, de fato, *Verbal Behavior* tem servido como diretriz para pesquisas sobre comportamento verbal, como destacado por Andery (2010a). E como ainda pontuado por esta autora, há uma tradição de pesquisas desenvolvidas na área, representadas, sobretudo, pelos operantes verbais, os quais têm seu valor heurístico. Contudo, hoje pode-se dizer que o valor heurístico do comportamento do ouvinte dentro da área de pesquisas sobre comportamento verbal está se desenvolvendo.

Sobre esse início tímido, os achados do presente trabalho apontam, que o comportamento do ouvinte está sendo estudado em pesquisas de cunho teórico-conceitual e em pesquisas de cunho experimental. Contudo, nem sempre foi assim. Após 26 anos da publicação do *Verbal Behavior* uma pesquisa sobre o comportamento do ouvinte foi publicada. A partir da primeira publicação, notou-se um aumento no número de artigos, o que reflete uma maior preocupação por parte dos analistas do comportamento em estudar esse conceito de forma mais individualizada, não pressuposta e não subentendida no comportamento do falante, isto em anos mais recentes. Sugere-se também, uma tendência em se delimitar o comportamento do ouvinte como área de investigação envolvida em temas como linguagem para as pesquisas teórico-conceituais; e tato, equivalência de estímulos, nomeação e relação entre o repertório do ouvinte e do falante para as pesquisas experimentais como variável independente ou como variável dependente.

Nos estudos sobre linguagem o ouvinte foi investigado sob o prisma de linguagem receptiva. Algo semelhante é percebido no que diz respeito a nomeação. Em ambos os temas, observou-se preocupação por parte dos pesquisadores em compreender como se dá a aquisição da linguagem ou de um repertório de nomeação investigando as respostas do ouvinte. Nas pesquisas experimentais, a nomeação serviu como pano de fundo para investigação durante o treino ou aquisição de respostas de tato, algo que também ocorreu com os operantes verbais intraverbal, mando e autoclítico. Esse resultado, em específico, é representativo da possibilidade de se estudar o comportamento do ouvinte, destacando-o e não o subentendendo em temas-chave como os operantes verbais. Ademais, esse movimento vai na direção do exemplo exposto na Figura 1, o que faz suscitar a implicação

ou questionamento do porquê pesquisas mais antigas não iniciaram esse movimento que hoje é visto mais claramente.

Nos estudos sobre equivalência, o ouvinte teve destaque por meio da investigação das relações emergentes que também é intrínseco a temas sobre linguagem e nomeação.

Referente aos pesquisadores brasileiros é importante frisar não apenas aqueles que por meio de revistas nacionais publicaram seus artigos, mas também aqueles que publicaram pesquisas através das revistas internacionais. Dentre esses pesquisadores, vale destacar um que, além de publicar em três das quatro revistas internacionais, foi o pesquisador que mais estudou sobre o comportamento do ouvinte dentre os 122 pesquisadores identificados no presente trabalho, Caio Flávio Miguel. Este autor publicou oito artigos sobre o comportamento do ouvinte, sendo que um deles tratou sobre o ouvinte e sobre a audiência. Desses oito artigos publicados apenas um foi de cunho teórico-conceitual e sete foram experimentais. Além disso, sugere-se que Caio F. Miguel é o autor mais engajado no estudo do comportamento do ouvinte devido as publicações recentes e constantes ao longo dos anos. Além das publicações sobre o comportamento do ouvinte, Caio F. Miguel esteve no cargo de editor da revista TAVB no ano de 2011, o ano em que teve cinco artigos publicados. Outro autor, que além de publicar artigo sobre o comportamento do ouvinte, esteve no cargo de editor da revista TAVB foi Sundberg em 1992, ano no qual foram publicados três de seus artigos.

Os resultados deste trabalho apontam áreas preponderantes no estudo do comportamento do ouvinte, o que não quer dizer que se limite a elas. Ao contrário, temas como controle múltiplo, *joint control*, reforçamento condicional, eventos privados, causação múltipla e terapia comportamental demonstraram ser áreas férteis para o desenvolvimento do estudo sobre o comportamento do ouvinte.

Além disso, os achados do presente trabalho corroboram, em certa medida, a proposta aventada por Sundberg (1991)⁶, o qual elaborou uma lista de tópicos sobre comportamento verbal com o intuito de frisar que *Verbal Behavior* (1957) contém muitas sugestões para pesquisa empírica. As sugestões do autor apontam caminhos, em termos de área de pesquisa e temas, para estudos sobre comportamento do ouvinte, os quais se assemelham com as áreas de pesquisas e temas identificados no presente trabalho. O comportamento do ouvinte poderia ser estudado a partir de: relação de mando, relação

⁶ Apêndice D: lista dos tópicos apontados por Sundberg (1991) sobre o comportamento do ouvinte

intraverbal, relação autoclítica e controle múltiplo, áreas, nas quais o comportamento do ouvinte poderia ser manipulado como VI ou VD.

Contudo, além de frisar a importância de mais estudos investigarem o comportamento do ouvinte nas áreas anteriormente destacadas, sugere-se que o estudo do comportamento do ouvinte seja investigado em áreas como:

1) Terapia comportamental

- a) Investigar como o comportamento do ouvinte, tanto do terapeuta quanto do paciente, pode estar relacionado com a eficácia do processo terapêutico e como o terapeuta pode, por exemplo, construir uma audiência favorável para emissão de respostas verbais de clientes que apresentam dificuldades em expor conteúdos importantes para análise; devem ser considerados aspectos para além do conceito de audiência não punitiva e, porventura, focando no histórico de audiências estabelecidas na vida de cada paciente.

2) Área esportiva

- a) Investigar como o comportamento do ouvinte de atletas pode estar relacionado aos comportamentos mecânicos ou ao seu desempenho esportivo; e como dirigente, técnicos podem se constituir em uma audiência favorável para construir e evocar respostas verbais que possam influenciar comportamentos mecânicos subsequentes em seus atletas.

3) Área educacional e profissional

- a) Investigar se o treino de comportamento do ouvinte pode ter relação com a aquisição de novos conhecimentos, em âmbito educacional e escolar e em âmbito profissional.

4) Área de desenvolvimento de repertório subsequentes em crianças

- a) Investigar se o treino do comportamento do ouvinte pode ter relação com a aquisição de outros repertórios verbais ou não verbais, por exemplo, repertórios dito assertivos em contextos escolar e de relações interpessoais.

5) Área de desenvolvimento de audiência

- a) Investigar como a construção de uma audiência se desenvolve e como esta se generaliza para os demais contextos em que um indivíduo poderá se inserir.
- b) Investigar a audiência enquanto um conjunto de estímulos discriminativos que podem evocar ou suprimir respostas verbais em termos de repertórios restritos ou elaborados no falante.

Portanto, o presente trabalho serve como ponto referencial para aqueles pesquisadores que gostariam de investigar o comportamento do ouvinte, mas, no entanto, dispõem de informações mínimas para iniciarem sua jornada.

A pretensão não foi de esgotar ou reduzir o estudo do comportamento do ouvinte a temas, autores ou revistas específicas, mas sim de traçar um caminho para o desenvolvimento, manutenção, afirmação e delimitação de um campo de estudo que engloba a compreensão do comportamento verbal como uma totalidade ao se considerar as duas partes envolvidas no episódio verbal.

Considerações finais

O presente trabalho fez uma análise de uma amostra sobre o estudo do comportamento do ouvinte que vem sendo realizado pelos analistas do comportamento, resultando em um cenário que nos lança em direção a premissa de Skinner (1957/ 1992 e 1989) de que o comportamento do ouvinte deve ser estudado. O recorte feito foi balizado em fontes com alto grau de importância para os analistas do comportamento na obtenção e seleção de artigos. Apesar das seis revistas serem representativas para o campo da Análise do Comportamento e, por conseguinte, serem importantes para traçar uma compreensão de qualquer objeto de estudo a ser esmiuçado em termos de levantamento de produção, seria de grande valor se pesquisas futuras se debruçassem em fontes que eventualmente não dispõem de mesmo destaque como as revistas JEAB, JABA, TAVB, *The Behavior Analyst*, RBTC e REBAC.

Expandir a possibilidade de obtenção dos dados para análise deverá ser considerada se o levantamento de produções sobre o estudo do comportamento do ouvinte quiser ser ainda mais completo. Contudo, o cuidado na escolha das fontes e constituição do banco de artigos é de suma importância para a compreensão do objeto de estudo, nos moldes da comunidade da Análise do Comportamento.

Além disso, sugere-se que no procedimento de inclusão, exclusão e categorização de artigos para análise, o acréscimo de novos procedimentos de busca, tais como a repetição dos termos, ouvinte e audiência, poderá incrementar a análise da importância do comportamento do ouvinte no estudo do comportamento do falante.

Esses aspectos podem contribuir para que o máximo de artigos cujos temas tratem sobre o comportamento do ouvinte sejam analisados. A partir deste ponto, as criações de novas categorias serão, possivelmente, necessárias.

Outra sugestão seria realizar o levantamento das produções sobre o comportamento do ouvinte a partir do prisma de Sundberg (1991) o que pode facilitar na criação de categorias e auxiliar na análise dos estudos. Além disso, pode-se sugerir para pesquisas futuras, verificar o grau de influência que as sugestões de Sundberg (1991) vem tendo ao longo dos anos nas pesquisas sobre comportamento verbal e em especial sobre o comportamento do ouvinte.

Referências

- Andery, M. A. P. A. (2001). Notas para uma revisão sobre comportamento verbal. Em: H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. B. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade..* Santo André: ESETec, vol. 7, pp. 372-386.
- Andery, M. A. P. A. (2010a). Especificações e implicações da interpretação da linguagem como comportamento verbal. Em E. Z. Tourinho & S. V. Luna (Orgs.). *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas.* São Paulo, SP: Roca, pp. 61-101.
- Andery, M. A. P. A. (2010b). Métodos de pesquisa em análise do comportamento. *Psicologia USP, 21(2)*, 313-342.
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis, 1*, 91–97.
- Dahás, L., Goulart, P. R. K., & Souza, C. B. A (2008). Pode o comportamento do ouvinte ser considerado verbal? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 10*, 281-291.
- Dymond, S., O’Hora, D., Whelan, R., & O’Donovan, A. (2006). Citation analysis of Skinner’s Verbal Behavior: 1984–2004. *The Behavior Analyst, 29*, 75–88.
- Eshleman, J. W. (1991). Quantified trends in the history of verbal behavior research. *The Analysis of Verbal Behavior, 9*, 61-80.
- Fidalgo, A. P. (2011). *O estudo do comportamento verbal no Brasil: Uma análise com base em resumos de dissertações e teses.* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Fonai, A. C. V. & Sério, T. M. A. P. (2007). O conceito de audiência e os múltiplos controles do comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 9*, 349-360.
- McPherson, A., Bonem, M., Green, G., & Osborne, J. G. (1984). A citation analysis of the influence on research of Skinner’s *Verbal Behavior*. *The Behavior Analyst, 7*, 157–167.

- Moroz, M., Rubano, D. R., Rodrigues, M. E. & Lucci, M. A. (2001). Comportamento verbal: Análise de produção científica nacional publicada no quinquênio 1994-1998. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3, 69-82.
- Oah, S., & Dickinson, A. M. (1989). A review of empirical studies of verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 7, 53-68.
- Sidman, M. (2011). Can an understanding of basic research facilitate the effectiveness of practitioners? Reflections and personal perspectives. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 44, 973-991.
- Skinner, B. F. (1989). *Recently issues in the analysis of behavior*. Ohio: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1992). *Verbal behavior*. Englewood Cliffs, Estados Unidos da América: Prentice Hall. (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. (2007). *Science and human behavior*. New York: Macmillan.
- Sundberg, M. L. (1991). 301 research topics from Skinner's book Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 9, 81-96.
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7, 213-222.

Apêndices

APÊNDICE A - Referências dos artigos analisados organizados pelo tipo de pesquisa e pelo tratamento do comportamento do ouvinte como objeto central e objeto secundário

Pesquisas teórico-conceituais

Objeto central

- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6, 221-236.
- Costa, N. (2003). Terapia: sofrimento necessário?. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 1-10.
- Dahás, L., Goulart, P.R.K., & Souza, C.B.A (2008). Pode o comportamento do ouvinte ser considerado verbal? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10, 281-291.
- Delfs, C. H., & Frampton, S. E. (2014). Practical implications of evaluating the efficiency of listener and tact instruction for children with autismo. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 810-813.
- Fonai, A. C. V., & Sério, T. M. A. P. (2007). O conceito de audiência e os múltiplos controles do comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 349-360.
- Hubner, M. M., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: Humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 7-14.
- Matos, M. A., & Passos, M. L. R. F. (2007). The influence of bloomfield's linguistics on skinner. *The Behavior Analyst*, 30, 133-151.
- Medeiros, C. A. (2002). Comportamento verbal na terapia analítico comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 4, 105-118.
- Michael, J. (1984). Verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 42, 363-376.
- Morse, L. A., & Bruns, B. J. (1983). Nurturing behavioral repertoires within a nonsupportive environment. *The Behavior Analyst*, 6, 19-25.

- Palmer, D. C. (1998). The speaker as listener: The interpretation of structural regularities in verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 15, 3–16.
- Parrott, L. J. (1984). Listening and understanding. *The Behavior Analyst*, 7, 29-39.
- Passos, M. L. R. F. (2003). A análise funcional do comportamento verbal em verbal behavior (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 195-213.
- Petursdottir, A. I., & Carr, J. E. (2011). A review of recommendations for sequencing receptive and expressive language instruction. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 44, 859–876.
- Schlinger, H. D. (2008). Listening is behaving verbally. *The Behavior Analyst*, 31, 145–161.
- Schoneberger, T. (1990). Understanding and the listener: Conflicting views. *The Analysis of Verbal Behavior*, 8, 141-150.
- Simonassi, L. E., & Cameschi, C. E. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 105-119.
- Spradlin, J. E. (1985). Studying the effects of the audience on verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 3, 5-9.
- Stemmer, N. (1992). The behavior of the listener, generic extension, and the communicative adequacy of verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 10, 69–80.
- Vichi, C., Nascimento, G. S., & Souza, C. B. A. (2012). Aprendizagem ostensiva, comportamento de ouvinte e transferência de função por pareamento de estímulos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 14, 16-30.

Objeto secundário

- Baum, W. M. (1995). Rules, culture, and fitness. *The Behavior Analyst, 18*, 1-21.
- Cherpas, C. (1992). Natural Language processing, pragmatics, and verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior, 10*, 135-147.
- Greer, R. D., & Longano, J. (2010). A rose by naming: How we may learn how to do it. *The Analysis of Verbal Behavior, 26*, 73–106.
- Hall, G. A. (1992). Aspects of conversational style-linguistic versus behavioral analysis. *The Analysis of Verbal Behavior, 10*, 81-86.
- Horne, P. J., & Lowe, C. F. (1996). On the origins of naming and other symbolic behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 65*, 185–241.
- Leigland, S. (2000). A contingency interpretation of place's contingency anomaly in ordinary conversation. *The Analysis of Verbal Behavior, 17*, 161-165.
- Lowenkron, B. (2004). Meaning: A verbal behavior account. *The Analysis of Verbal Behavior, 20*, 77-97.
- Lowenkron, B. (2006). An introduction to joint control. *The Analysis of Verbal Behavior, 22*, 123-127.
- Oah, S., & Dickinson, A. M. (1989). A review of empirical studies of verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior, 7*, 53–68.
- Potter, B., & Brown, D. L. (1997). A Review of studies examining the nature of selection-based and topography-based verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior, 14*, 85-104.
- Savage-Rumbaugh, E. S. (1984). Verbal behavior at a procedural level in the chimpanzee. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 41*, 223-250.
- Schoneberger, T. (2000). A departure from cognitivism: implications of chomsky's second revolution in linguistics. *The Analysis of Verbal Behavior, 17*, 57-73.

Pesquisas experimentais

Objeto central

- Byrne, B. L., Rehfeldt, R. A. & Aguirre, A. A. (2014). Evaluating the effectiveness of the stimulus pairing observation procedure and multiple exemplar instruction on tact and listener responses in children with autism. *The Analysis of Verbal Behavior*, 30, 160-169.
- Brown, M. V., & Rosales, R. (2014). An investigation of stimulus pairing and listener training to establish emergent intraverbals in children with autism. *The Analysis of Verbal Behavior*, 30, 148-159.
- Camões-Costa, V., Erjavec, M., & Horne, P. J. (2011). The impact of body-part-naming training on the accuracy of imitative performances in 2- to 3-year-old children. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 96, 291-315.
- Carr, D., & Blackman, D. E. (2001). Relations among equivalence, naming, and conflicting baseline control. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 75, 55–76.
- Delfs, C. H., Conine, D. E., Frampton, S. E., Shillingsburg, M. A. & Robinson, H. C. (2014). Evaluation of the efficiency of listener and tact instruction for children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 793–809.
- Fiorile, C. A., & Greer, R. D. (2007). The induction of naming in children with no prior tact responses as a function of multiple exemplar histories of instruction. *The Analysis of Verbal Behavior*, 23, 71–87.
- Gilic, L., & Greer, R. D. (2011). Establishing naming in typically developing two-year-old children as a function of multiple exemplar speaker and listener experiences. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 157–177.
- Greer, R. D., Stolfi, L., Chavez-Brown, M., & Rivera-Valdes, C. (2005). The emergence of the listener to speaker component of naming in children as a function of multiple exemplar instruction. *The Analysis of Verbal Behavior*, 21, 123–134.

- Greer, R. D., Pistoljevic, N., Cahill, C. & Du, L. (2011). Effects of conditioning voices as reinforcers for listener responses on rate of learning, awareness, and preferences for listening to stories in preschoolers with autism. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 103–124.
- Hanney, N. M., & Tiger, J. H. (2012). Teaching coin discrimination to children with visual impairments. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 45, 167-172.
- Henry, L. M., & Horne, P. J. (2000). Partial remediation of speaker and listener behaviors in people with severe dementia. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33, 631–634.
- Horne, P. J., Lowe, C. F., & Randle, V. R. L. (2004). Naming and categorization in young children: II. Listener behavior training. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 81, 267–288.
- Horne, P. J., Hughes, J. C., & Lowe, C. F. (2006). Naming and categorization in young children: IV. Listener behavior training and transfer of function. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 85, 247–273.
- Keintz, K. S., Miguel, C. F., Kao, B., & Finn, H. E. (2011). Using conditional discrimination training to produce emergent relations between coins and their values in children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 44, 909–913.
- Kobari-Wright, V. V., & Miguel, C. F. (2014). The effects of listener training on the emergence of categorization and speaker behavior in children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 431–436.
- Kodak, T., & Paden, A. R. (2015). A comparison of intraverbal and listener training for children with autism spectrum disorder. *The Analysis of Verbal Behavior*, 31, 137-144.
- Lodhi, S., & Greer, R. D. (1989). The speaker as listener. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 353– 360.
- Loughrey, T. O., Betz, A. M., Majdalany, L. M., & Nicholson, K. (2014). Using instructive feedback to teach category names to children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 425–430.

- Lowe, C. F., Horne, P. J., Harris, F. D. A., & Randle, V. R. L. (2002). Naming and categorization in young children: Vocal tact training. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 78, 527–549.
- Lowe, C. F., Horne, P. J., & Hughes, J. C. (2005). Naming and categorization in young children: III. Vocal tact training and transfer of function. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 83, 47–65.
- Luciano, C., Becerra, I. G., Valverde, M. R. (2007). The role of multiple-exemplar training and naming in establishing derived equivalence in an infant. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 87, 349-365.
- Luke, N., Greer, R. D., Singer-Dudek, J., & Keohane, D. (2011). The emergence of autoclitic frames in typically and atypically developing children as a function of multiple exemplar instruction. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 141–156.
- Miguel, C. F., Petursdottir, A. I., & Carr, J. E. (2005). The effects of multiple-tact and receptive-discrimination training on the acquisition of intraverbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 21, 27–41.
- Miguel, C. F., Petursdottir, A. I., Carr, J. E., & Michael, J. (2008). The role of naming in stimulus categorization by preschool children. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 89, 383–405.
- Miguel, C. F., & Kobari-Wright, V. V. (2013). The effects of tact training on the emergence of categorization and listener behavior in children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 46, 1–5.
- Petursdottir, A. I., Carr, J. E., Lechago, S. A., & Almason, S. M. (2008). An evaluation of intraverbal training and listener training for teaching categorization skills. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 41, 53–68.
- Petursdottir, A. I., Olafsdottir, A. R., & Aradottir, B. (2008). The effects of tact and listener training on the emergence of bidirectional intraverbal relations. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 41, 411–415.
- Petursdottir, A. I., & Haflidadottir, R. D. (2009). A comparison of four strategies for teaching a small foreign-language vocabulary. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 42, 685–690.

- Ribeiro, D. M., Elias, N. C., Goyos, C., & Miguel, C. F. (2010). The effects of listener training on the emergence of tact and mand signs by individuals with intellectual disabilities. *The Analysis of Verbal Behavior*, 26, 65–72.
- Rosales, R., Rehfeldt, R. A., & Lovett, S. (2011). Effects of multiple exemplar training on the emergence of derived relations in preschool children learning a second language. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 61–74.
- Rosales, R., Rehfeldt, R. A., & Huffman, N. (2012). Examining the utility of the stimulus pairing observation procedure with preschool children learning a second language. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 45, 173–177.
- Shillingsburg, M. A., Bowen, C. N., Valentino, A. L., & Pierce L. E. (2014). Mands for information using “who?” and “which?” in the presence of establishing and abolishing operations. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 47, 136–150.
- Sprinkle, E. C., & Miguel, C. F. (2012). The effects of listener and speaker training on emergent relations in children with autism. *The Analysis of Verbal Behavior*, 28, 111–117.
- Stocco, C. S., Thompson, R. H., & Hart, J. M. (2014). Teaching tacting of private events based on public accompaniments: Effects of contingencies, audience control, and stimulus complexity. *The Analysis of Verbal Behavior*, 30, 1-19.

Objeto secundário

- Almeida-Verdu, A. C., Huziwara, E. M., de Souza, D. G., de Rose, J. C., Bevilacqua, M. C., Lopes, Jr. J., Alves, C. O., & McIlvane, W. J. (2008). Relational learning in children with deafness and cochlear implants. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 89, 407-424.
- Carp, C. L., Peterson, S. P., Arkel, A. J., Petursdottir, A. I., & Ingvarsson, E. T. (2012). A Further evaluation of picture prompts during auditory-visual conditional discrimination training. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 45, 737–751.
- Sundberg, C. T., & Sundberg, M. L. (2011). Intraverbal behavior and verbal conditional discriminations in typically developing children and children with autism. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27, 23–43.

Sweeney-Kerwin, E. J., Carbone, V. J., O'Brien, L., Zecchin, G. & Janecky, M. N. (2007). Transferring control of the mand to the motivating operation in children with autism *The Analysis of Verbal Behavior*, 23, 89–102.

APÊNDICE B – Análise tipológica dos artigos selecionados

Análise Tipológica									
Ordem numérica	Ouvinte (O) ou audiência (A)	Periódico	Ano do artigo	Volume	Número	Título do artigo	Nome (s) autor (es)	Filiação institucional do (s) autor (es)	Quantidade de autores por estudo

APÊNDICE C – Análise qualitativa dos artigos selecionados

Análise qualitativa										
Objetivo do artigo	Ouvinte como VI ou VD	Ouvinte como objeto central do estudo (C) ou secundário (S)	Pesquisa Experimental (E) ou Pesquisa Teórica conceitual (TC)	Palavras-chave do artigo	Tema da pesquisa	Pesquisas experimentais: quais os participantes: crianças/adolescentes/adultos/ idosos X desenvolvimento típico/ desenvolvimento atípico / deficiência sensorial / outro comprometimento	Número de vezes que os termos aparecem nos artigos	Palavra de busca encontrada: Título (T), Resumo (R), Palavra-Chave (PC) e ou Objetivo (O)	Tipo de delineamento	Setting da pesquisa experimental

APÊNDICE D - Lista de sugestões de área de pesquisa e temas sobre o comportamento do ouvinte, segundo Sundberg (1991)

Área de pesquisa	Tema
Lesão traumática cerebral	Trazendo o comportamento verbal sob controle da audiência
Intervenções clínicas	Déficit no controle de estímulo e comportamento bizarro e controle da audiência
A relação de Mando parte II	Diferentes tipos de mando de Skinner e o comportamento do ouvinte
	Os efeitos de diferentes taxas de mando no comportamento do ouvinte
	Mandando sob controle correto de estímulos (contexto, audiência, etc.)
A relação intraverbal parte II	A redução de comportamento intraverbal excessivo, o eu como ouvinte
A relação intraverbal parte III	O responder intraverbal (e compreensão) por parte do ouvinte
A relação autoclítico	O efeito de respostas autoclíticas sobre o ouvinte
	Vendas/manipulação do comportamento do ouvinte com autoclíticos
A relação da audiência e o ouvinte	O papel da audiência no desenvolvimento do comportamento verbal
	Procedimento para desenvolvimentos efetivos do repertório de audiência e de ouvinte
	O papel do ouvinte no comportamento autoclítico
	Interações entre falante e ouvinte, o episódio verbal, linguagem expressiva x receptiva
	O estabelecimento e os efeitos de uma comunidade verbal
	A história do ouvinte e seus efeitos de fortalecimento e enfraquecimento
	O ouvinte como um estímulo discriminativo para o comportamento verbal, os efeitos de uma audiência negativa
	O falante funcionando como seu próprio ouvinte
	Compreensão e o ouvinte
	Procedimentos para melhorar um déficit de repertório do ouvinte
Controle múltiplo	Os efeitos da audiência no comportamento verbal
	O papel da audiência e sua combinação com outros operantes verbais

Fonte: Adaptado de Sundberg (1991). 301 research topics from Skinner's book Verbal Behavior.